

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

MARCO ANTONIO ALMEIDA OLIVEIRA

**MEMÓRIA E IMAGINÁRIO PARAGUAIOS EM TEMPOS DE
DITADURA MILITAR (1954-1989): ENTRE O LOPIZMO E O
STRONISMO**

DOURADOS

2013

MARCO ANTONIO ALMEIDA OLIVEIRA

**MEMÓRIA E IMAGINÁRIO PARAGUAIOS EM TEMPOS DE
DITADURA MILITAR (1954-1989): ENTRE O LOPIZMO E O
STRONISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: *Fronteiras, Identidades e Representações*.

Orientador: Prof. Drº. **Cláudio Alves Vasconcelos**.

DOURADOS

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da UFGD, Dourados, MS, Brasil

0482m Oliveira, Marco Antonio Almeida.
Memória e imaginário paraguaios em tempos de ditadura militar (1954-1989): entre o Lopizmo e o Stronismo / Marco Antonio Almeida Oliveira. – Dourados, MS : UFGD, 2013.
106 f.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Alves Vasconcelos
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados.

1. História do Paraguai. 2. Ditadura paraguaia. I.
Título.

CDD:989

Responsável: Vagner Almeida dos Santos. Bibliotecário - CRB.1/2620

MARCO ANTONIO ALMEIDA OLIVEIRA

**MEMÓRIA E IMAGINÁRIO PARAGUAIOS EM TEMPOS DE
DITADURA MILITAR (1954-1989): ENTRE O LOPIZMO E O
STRONISMO**

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre Programa de pós-graduação em História –
PPGH/UFGD

Aprovado em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente e orientador:
Cláudio Alves Vasconcelos (Dr., UFGD)

2º Examinador: Eudes Fernando Leite
(Dr. UFGD)

3º Examinador:
Luiz Miguel do Nascimento (Dr. UEM)

AGRADECIMENTOS

Chega o momento de agradecer a todos aqueles que de uma maneira ou de outra, estiveram comigo nesse longo caminho pelo qual percorri e sem os quais não teria conseguido finalizar essa árdua, porém, gratificante tarefa.

Foram vários os desafios, angústias, momentos desesperadores e longas noites sem dormir. Mas também houve bons momentos. A cada nova página escrita, a cada nova entrevista realizada, em todos os momentos em que percebi que estava na direção certa. Enfim, todo esse turbilhão de sentimentos que me acompanharam nos últimos anos ficará pra sempre guardados na minha memória acadêmica.

Assim sendo, dedico aqui, em curtas, porém sinceras, palavras de agradecimento ao meu professor e orientador Cláudio Alves Vasconcelos, com o qual sempre pude contar, seja com sua simpatia, sua simplicidade, seus conselhos e sua paciência, que foram de total importância no desenvolver dessa pesquisa.

Dedico também um espaço especial a professora Ceres Moraes que, desde a graduação, sempre se fez presente, me ensinando a dar os primeiros passos na pesquisa acadêmica. A ti o meu mais sincero obrigado.

Claro que não posso esquecer-me de meus familiares e amigos com os quais sempre pude contar e que sempre acreditaram em minha capacidade. Vocês foram e sempre serão essencialmente importantes em minha vida.

Por fim, um agradecimento especial a todos os professores do Programa de Pós-graduação em História da UFGD e a Capes, que com seu apoio financeiro tornou possível a realização desta pesquisa.

À todos vocês toda a minha infinita gratidão!

Resumo: Este trabalho tem por objetivo compreender os mecanismos que contribuíram para a manutenção da ditadura do General Alfredo Stroessner no Paraguai (1954-1989). Assim sendo, buscou-se analisar as relações políticas (internas e externas), econômicas e sociais que serviram de suporte para o stronismo. Outro aspecto que foi analisado nessa pesquisa foi a existência de dois mitos ainda muito presentes na memória dos paraguaios e que estão diretamente ligados a ditadura stronista, sendo eles: o “mito de Solano López”, no qual a política nacionalista do ditador General teve papel fundamental, uma vez que ficaram fortemente visíveis os enormes investimentos do Estado na construção de uma imagem mítica do Marechal Francisco Solano López; e o “mito de Stroessner”, este ligado diretamente a figura do ditador paraguaio, que para muitos, passou a ser associado a um sanguinário ditador responsável pelo sequestro e morte de milhares de crianças, compondo assim um imaginário popular, ainda muito enraizado na memória individual e coletiva dos paraguaios.

Palavras-chave: Ditadura Stronista. Memória. Imaginário.

Abstract: This work aims to understand the mechanisms that contributed to the continuation of the dictatorship of General Alfredo Stroessner in Paraguay (1954-1989). Therefore, we sought to analyze the political relations (internal and external), economic and social changes that would support the stronismo. Another aspect that was analyzed in this study was the existence of two myths still very fresh in the minds of Paraguayans that are directly linked to dictatorship stronista, namely: the "myth Solano López," in which the nationalist politics of the dictator General had paper fundamental, since they were strongly visible the huge state investment in the construction of a mythical image of Marshal Francisco Solano López, and the "myth of Stroessner", this figure directly connected to the Paraguayan dictator, for many, has become associated with a bloodthirsty dictator responsible for the kidnapping and murder of thousands of children, thus composing an imaginary popular, still very rooted in the individual and collective memory of Paraguayans.

Key words: Dictatorship Stronista. Memory. Imaginary.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1: Panteón Nacional de los heroes, localizado no centro histórico de Assunção, Paraguai	39
Foto 2: Monumento representando o Marechal Francisco Solano López, as margens do rio Paraguai, no centro histórico de Assunção	40
Foto 3: Diagonal linear ilustrando a associação das imagens dos “grandes líderes do Paraguai” ao ditador Alfredo Stroessner	44
Foto 4: Imagem de Francisco Solano López muito popular no Paraguai	50
Foto 5: Placa em homenagem a Solano López, localizada no Parque Nacional de Cerro Corá, Paraguai	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – A ASCENSÃO DO GENERAL ALFREDO STROESSNER AO PODER E A CONSOLIDAÇÃO DA DITADURA	16
1.1- Considerações sobre os fatores e as condições internas e externas que propiciaram o Golpe Militar de 1954 no Paraguai, e a ascensão de Alfredo Stroessner ao poder.	16
1.2 – Dois importantes fatores que contribuíram na consolidação da ditadura: a unificação do Partido colorado e o controle sobre as Forças Armadas do Paraguai.....	22
1.2.1 – A unificação do Partido Colorado e a eliminação de toda e qualquer dissidência partidária.....	22
1.2.2 – O apoio das Forças Armadas	25
1.2.3 – A memória dos paraguaios a respeito do “coloradismo” stronista.....	26
CAPÍTULO 2 - A CONSOLIDAÇÃO DO MITO DO “HEROI NACIONAL” FRANCISCO SOLANO LÓPEZ EM TEMPOS DE DITADURA STRONISTA	33
2.1 – Uma análise historiográfica da figura de Francisco Solano López desde o fim da Guerra do Paraguai até os anos da ditadura stronista	34
2.2 – A construção de uma ideologia legitimadora	38
2.3 – O mito do Heroi Nacional presente na memória dos paraguaios	46
CAPÍTULO 3 - MEMÓRIAS SOBRE O STRONISMO: ENTRE AS IMAGENS DO “GRANDE ESTADISTA” E A DO “SANGUINÁRIO DITADOR”.....	59
3.1 – Alfredo Stroessner na memória paraguaia.....	59
3.2 – Estabilidade política, social e econômica: falsos instrumentos.....	62
3.3 – A ditadura stronista: violência, divulgação e imaginário popular	74
3.4 – Voz ao povo: a memória e o imaginário dos paraguaios sobre o “Mito de Stroessner” .	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93

Autorizo a reprodução desse trabalho.

Dourados, setembro de 2013.

Marco Antonio Almeida Oliveira

INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado busca analisar a ditadura do General Alfredo Stroessner através de um olhar peculiar, isto é, trabalhando com relatos orais de pessoas que vivenciaram o stronismo no Paraguai e que guardam na memória individual ou coletiva, dois mitos, que desde o início do trabalho de campo me chamaram a atenção. São eles: o “mito de Stroessner” e o “mito de Solano López”.

Para tanto, busco-se trabalhar com a História Oral para se ter acesso as lembranças que essas pessoas guardam na memória e que ajudam a compreender a origem, disseminação e à ainda presença desses mitos no imaginário de muitos paraguaios.

O “mito de Stroessner” está diretamente ligado ao ditador paraguaio e trata-se de histórias populares conhecidas por todos os entrevistados, sobre uma suposta prática medicinal, na qual o Presidente General para realizar o tratamento de uma grave doença na pele, supostamente lepra, ordenava o sequestro e assassinato de milhares de crianças.

Posteriormente, segundo as informações que corriam “de boca em boca”, Alfredo Stroessner emergia seu corpo numa banheira com o sangue das crianças executadas.

Essa prática “macabra” se encontra presente nos discursos de todos os entrevistados e foram aqui analisados, não no sentido de se comprovar se são reais ou não, mas com o objetivo de se compreender quais as origens dessas histórias e como elas foram se disseminando entre os paraguaios, a ponto de fazerem-se presentes até hoje na memória de muitas pessoas que viveram naquele país durante a ditadura de Stroessner.

O segundo mito aqui analisado é o mito do “Herói Nacional” Francisco Solano López, ou simplesmente o “mito de Solano López”, fortemente enraizado na cultura paraguaia e fazendo-se presente não apenas na memória popular, mas também sendo constantemente lembrado em festividades cívicas, no âmbito escolar e em nomes de ruas, monumentos, praças e cidades.

Dessa maneira, o que buscou-se ao longo dessa pesquisa foi “amarrar” essas duas temáticas, uma vez que a construção do nacionalismo paraguaio em cima da imagem mítica do líder paraguaio durante a Guerra da Tríplice Aliança, deu-se principalmente ao longo da ditadura do General Alfredo Stroessner, quando o mesmo buscava no passado, mecanismos que viessem a contribuir na consolidação de seu regime frente a nação paraguaia.

Antes de iniciar uma breve discussão sobre os métodos e as abordagens utilizados ao longo dessa pesquisa, principalmente no que diz respeito a História Oral, Memória e

Imaginário, que compõem a essência desse trabalho, torna-se relevante destacar a importância da Teoria da História no trabalho acadêmico.

Assim sendo, a teoria deve estar presente no decorrer de todo o processo da pesquisa, isto é, desde o levantamento de dados, o trabalho com as fontes, a crítica das informações encontradas e a interpretação e a escrita do trabalho final, pois a teoria serve para dar apoio e respaldo as iniciativas tomadas pelo historiador.

Porém, esse aparato teórico não deve ser encarado como imutável, pelo contrário, ao buscar um novo saber histórico, as ordenações teóricas devem ser entendidas como sendo questionáveis e modificáveis, isto é, buscando sempre se adequar as necessidades da pesquisa histórica (RÜSEN, 2007).

Portanto, o trabalho realizado com o levantamento de dados e fontes, principalmente os relatos orais, seguiu uma perspectiva historiográfica quem vem sendo muito trabalhada no meio acadêmico nos últimos anos, uma vez que são inúmeras as pesquisas de mestrado e doutorado que se baseiam em fontes orais para compor um novo saber histórico, que busca analisar fontes diferenciadas para se ter informações inéditas ou com novos olhares sobre um determinado período.

Sendo essa perspectiva teórica e metodológica comumente conhecida como “Nova História”, torna-se importante recorrer a Pinsky (2006, p. 07) que soube de maneira simples e clara, expor como essa corrente historiográfica se diferencia da dita “História Tradicional”, principalmente no que diz respeito ao trabalho com as fontes. Parafrazeando a autora: “documentos que “falavam” com os historiadores positivistas talvez hoje apenas murmurem, enquanto outros que dormiam silenciosos querem se fazer ouvir”.

Enquanto a dita “História Tradicional” é essencialmente política e factual, a “Nova História” parte do princípio de que “tudo é História”, ou seja, desde o desenvolvimento da *Escola dos Annales* em meados da década de 1930, tudo aquilo que foi criado pelo homem, seja isso cultura material ou imaterial, deve ser levado em consideração pelo historiador. Como bem observou Burke (1990, p. 11): “O que era previamente imutável é agora encarado como “construção cultural”, sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço”, e foi seguindo essa perspectiva que direcionei o meu trabalho.

Como um dos objetivos dessa pesquisa foi compreender a presença do “mito de Solano López” na memória e no imaginário paraguaios, as conclusões de Rüsen (2007) foram de importante relevância. Aquilo que o autor denomina como fontes “tradicionais”, isto é, fontes que já possuem uma intenção explicativa do passado, se encaixa perfeitamente nas

constatações a que se chegou no decorrer desse trabalho, uma vez que, a figura heroica de Francisco Solano López claramente perceptível na cultura paraguaia foi resultado de uma manipulação historiográfica, calcada no nacionalismo estatal do governo paraguaio que, desde meados da terceira década do século XX, concentrou-se em recontar a história da Guerra da Tríplice Aliança com a clara intenção de criar um passado honroso frente a nação paraguaia.

Por outro lado, o trabalho com História Oral também foi importantíssimo para se conhecer e compreender a existência de outro mito popular, o “mito de Stroessner”, ainda muito presente na memória dos paraguaios. Assim sendo, as informações obtidas em várias entrevistas realizadas foi de encontro com o que Rüsen (2007) chamou de fontes “residuais”, ou seja, manifestações que não tencionavam, mas mesmo assim guardam em si, informações relevantes que devem ser levadas em consideração pelo historiador, como sendo outras maneiras de se encarar um fato histórico vivenciado por um indivíduo ou grupo social.

Assim, torna-se fundamental conhecer e analisar a memória paraguaia a respeito da ditadura de Alfredo Stroessner. Sendo o período em questão bastante longo, de 1954 a 1989, e, além disso, uma fase de significativas mudanças, principalmente nos cenários político e econômico, afetando diretamente a população paraguaia dos mais distintos grupos sociais, encontra-se na memória individual e coletiva dos paraguaios uma infinidade de informações e experiências vividas até então pouco exploradas, sendo somente através da História Oral o caminho para se chegar até elas.

Porém, é necessário destacar o cuidado que o historiador deve ter quando vai trabalhar com relatos orais. O pesquisador deve levar em consideração uma série de questões que permeiam seu trabalho, como o lugar social da pessoa entrevistada, além de aspectos culturais, religiosos, políticos e ideológicos que compõem a identidade da fonte. Fora isso, convém lembrar que a memória, mesmo sendo reconhecida como fonte, é seletiva e passa por alterações ao longo do tempo, portanto não deve ser encarada pelo historiador com confiabilidade inquestionável. Dessa maneira, merece destaque as colocações de Le Goff (1992, p. 426) no que diz respeito às interferências que a memória das pessoas sofre no decorrer de sua formação. Segundo o autor: “(...) quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento (...), nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual”.

Como pode ser percebido, o uso da História Oral como método para se conhecer e analisar a memória individual ou coletiva de uma sociedade, em um determinado recorte temporal, traz em si a necessidade de o historiador buscar apoio em outras ciências, como a

Antropologia, a Psicologia e a Sociologia, por exemplo, para se ter um maior embasamento teórico e metodológico no trabalho de campo.

Dessa maneira, sendo a interdisciplinaridade de extrema importância no processo da análise das fontes orais, torna-se importante recorrer a Meyer (2000, p. 115) que assim sintetiza a questão:

Para estarmos melhores armados para estas batalhas e combates, devemos insistir na necessidade da interdisciplinaridade e na multidisciplinaridade. Nós, os historiadores, nos vemos na premente necessidade de pedir recursos emprestados à psicologia, à antropologia, à etnologia, à sociologia, à geografia, à demografia etc., para compreender os relatos e interpretar os silêncios, os esquecimentos, as intenções, as tergiversações.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração no que diz respeito ao tratamento que o historiador dá a fonte, é ter ciência de que isso depende também da problemática por ele levantada e que cada tipo de fonte exige um tratamento diferenciado (LE GOFF, 1992).

Há algumas décadas o historiador sabe que deve ter sempre em mente que seu trabalho não é apenas “descrever os fatos como realmente aconteceram” de acordo com o que nos dizem as fontes, como defendiam os positivistas. Cabe ao historiador levar em consideração tudo aquilo que compõe a fonte, ou seja, sua origem, em que conjuntura foi criada, qual a sua pretensão quanto ao que desejava registrar e o que desejava esconder, dentre outros aspectos que fazem parte do trabalho de campo.

Esse processo que Marc Bloch chamou de “observação” é uma das principais ferramentas do historiador. Observar todos os detalhes que uma fonte pode oferecer é uma das bases do trabalho historiográfico. Ao deparar-se com qualquer material deixado pelo homem que possa ser utilizado como fonte, seja de uma história recente ou mais remota, o historiador deve esmiuçá-lo de todas as maneiras possíveis, buscando encontrar informações que a primeira vista passariam despercebidas (BLOCH, 2001).

Quando se propõe a trabalhar com fontes orais, a observação deve ser cuidadosamente realizada, pois só o relato oral, embora rico em detalhes, não deve ser encarado como extrema confiabilidade, como já fora mencionado acima. É com a observação de detalhes que compõem a entrevista como a fala e o modo como o entrevistado relata os fatos, que se pode chegar a conclusões mais contundentes e significativas.

Além da observação, a “crítica” às fontes é também de fundamental importância no processo de pesquisa. Somente com essa prática, se pode chegar o mais próximo possível da

veracidade dos fatos registrados nas mesmas. Dessa maneira, a crítica deve ser entendida pelo historiador como um instrumento de conhecimento (BLOCH, 2001).

A medida que a história foi levada a fazer dos testemunhos involuntários um uso cada vez mais frequente, ela deixou de se limitar a ponderar as afirmações [explícitas] dos documentos. Foi-lhe necessário também extorquir as informações que eles não tencionavam fornecer (BLOCH, 2001, p. 95)

Em meio a todas essas questões levantadas a respeito do tratamento que o historiador deve dar as fontes orais, torna-se importante destacar que, a proposta de com elas trabalhar teve por objetivo contribuir com a construção de um conhecimento mais amplo sobre a ditadura do General Alfredo Stroessner, uma vez que buscou-se utilizar da vivência particular de pessoas comuns, para se conhecer o cotidiano, as angústias e os medos da população frente a um período marcado pelo forte autoritarismo do Estado.

Por fim, o corpo da dissertação se encontra dividido em três capítulos, onde se buscou discutir todo o aspecto histórico, social, político, econômico e ideológico da ditadura stronista (1954-1989).

O primeiro capítulo intitulado: “A ascensão do General Alfredo Stroessner ao poder e a consolidação da ditadura”, trata de explicar todos os fatores internos e externos que contribuíram para que Alfredo Stroessner chegasse ao poder, como também as medidas adotadas pelo ditador para consolidar seu regime e impedir qualquer forma de oposição que pudesse por em risco a sua permanência como Presidente do Paraguai.

Para tanto, foi realizado um amplo levantamento bibliográfico de obras que ajudaram a explicar toda a conjuntura histórica, política e social interna e externa que tiveram significativa importância e contribuíram direta ou indiretamente no Golpe de Militar de 1954, que resultou na tomada do Poder Executivo do Paraguai pelo General Alfredo Stroessner.

O segundo capítulo: “A consolidação do mito do “Herói Nacional” Francisco Solano López em tempos de ditadura stronista”, busca analisar todo o aparato ideológico do regime de Stroessner, que teve atuação importantíssima na construção e consolidação do “mito de Solano López” enquanto herói da pátria.

Nesse sentido, utilizando obras bibliográficas que tratam do assunto, buscou-se identificar quais os objetivos da ditadura stronista em investir maciçamente numa ideologia nacionalista, que passou a fazer parte do cotidiano da população a ponto de encontrar-se presente na cultura paraguaia até os dias atuais, uma vez que essa interpretação da Guerra da

Tríplice Aliança e a imagem mítica de Solano López, financiadas pelo stronismo, mostraram-se ainda muito fortes nos discursos e no imaginário dos paraguaios.

Em seguida, são expostos vários relatos de paraguaios que demonstram o forte investimento do Estado numa ideologia calcada no nacionalismo e que resultou na construção de uma memória e imaginário coletivos que identificam em Francisco Solano López o “grande herói” do Paraguai.

Por fim, o terceiro e último capítulo, “Memórias sobre o stronismo: Entre as imagens do “Grande Estadista” e a do “Sanguinário Ditador”, trata de um aspecto que ficou bastante evidente no decorrer do trabalho de campo, isto é, percebeu-se ao longo das entrevistas uma certa dualidade a respeito da figura do General Alfredo Stroessner, no sentido de que ao mesmo tempo em que muitos lembram dos horrores da ditadura stronista, outros destacam àquela fase como tendo sido de importante desenvolvimento econômico para o país, além de uma estabilidade política e uma significativa diminuição da violência que só trouxeram benefícios a população.

Assim sendo, o capítulo busca apresentar e compreender como fora possível a existência de dois discursos totalmente opostos sobre a mesma pessoa.

Primeiramente, utilizando diversas obras bibliográficas que tratam dessa temática, buscou-se melhor entender de que maneira esses discursos complacentes com a ditadura se fazem presentes em muitos relatos, quando se sabe que esse período foi marcado pelo constante uso da violência e o total desrespeito aos Direitos Humanos.

Comparando os relatos orais com informações e dados presentes em obras de autores como Moraes (2000), Meneses (1996), Chedid (2010), dentre outros, buscou-se compreender como se deu a formação de uma memória resultada de informações manipuladas pelo Estado frente a uma sociedade de maioria analfabeta ou com pouca escolaridade.

Posteriormente, analisando obras bibliográficas e comparando-as com algumas entrevistas, buscou-se compreender até que ponto as informações sobre o autoritarismo de Stroessner, as perseguições políticas, as prisões arbitrárias e a total falta de liberdade contribuíram para a formação de um imaginário popular que passou a associar o ditador paraguaio a um “sanguinário assassino de crianças indefesas”.

CAPÍTULO 1 – A ASCENSÃO DO GENERAL ALFREDO STROESSNER AO PODER E A CONSOLIDAÇÃO DA DITADURA

1.1- Considerações sobre os fatores e as condições internas e externas que propiciaram o Golpe Militar de 1954 no Paraguai, e a ascensão de Alfredo Stroessner ao poder.

Após a sua independência, do já decadente império colonial espanhol em 1811, e a consequente instalação do regime republicano, o Paraguai, nas primeiras décadas enquanto Estado Nacional livre, passou por um período de certa estabilidade política durante os governos de José Gaspar Rodríguez de Francia (1814-1840), Carlos Antonio López (1842-1862) e por fim, seu filho e sucessor Francisco Solano López (1862-1870).

Durante os quase seis anos de conflito contra a Tríplice Aliança (1864-1870), formada por Brasil, Argentina e Uruguai, o Paraguai acumulou uma série de derrotas nos campos de batalha que, somadas a erros de estratégia, baixo poder bélico e perdas militares, culminaram em sua derrota em 1870, com a morte do então presidente, o Marechal Francisco Solano López (MENESES, 1998).

Após o término do conflito, o Paraguai, que vinha passando por um relevante desenvolvimento econômico antes do desencadear da guerra, mergulhou numa grave crise econômica, social e política, resultado de uma série de fatores, dentre os quais Meneses (1987, p. 11) destaca:

Durante longos anos depois da Guerra de 1864-1870, o desenvolvimento econômico paraguaio foi quase nulo devido às turbulências e à instabilidade política, à falta de incentivo governamental, aos poucos produtos de exportação, à pequena e esparsa população e a uma rede de transporte reduzida e ineficiente. A renda per capita e o número de empregos, como consequência, cresciam muito vagarosamente e a imigração era a saída para o excesso de mão-de-obra.

Além do mais, caba lembrar que boa parte da população do país, principalmente os homens paraguaios morreram no decorrer do conflito, o que acabou contribuindo para agravar ainda mais a instável situação do Paraguai que, nos primeiros anos após a derrota para os Aliados, encontrava-se com uma vida política e econômica a mercê da influência de interesses externos, principalmente do Brasil e da Argentina, que disputavam um controle maior na região (Cf. MORAES, 2000).

Em fins do século XIX, ou seja, em meio a toda desarticulação institucional do Paraguai, resultantes do pós-guerra, foram criados dois dos principais partidos políticos do

país, o Partido Liberal e o Partido Colorado, que dominariam o cenário político da nação em frequentes disputas pelo poder até o fim da primeira metade do século XX.

Parafraseando Halperin Donghi (1975, p. 209): “Nem o Partido Colorado nem o Liberal estavam dispostos a conviver com opositores; outrossim, não poderiam se permitir tal convivência sem graves riscos para sua autoridade”. Dessa maneira, percebe-se o quão instável se encontrava a estrutura política e institucional do Paraguai, até meados de 1950¹.

Quanto à formação desses dois partidos políticos de importante relevância na história política e institucional do Paraguai, deve-se levar em consideração que a criação dos mesmos segue a lógica dos resultados da Guerra da Tríplice Aliança e, que, dessa maneira não apresentavam grandes distinções ideológicas entre eles (Cf. SOLER, 2007).

Sin distinciones ideológicas significativas y sin bases sociales diferenciadas, las vinculaciones respondieron a las relaciones entabladas entre los grupos internos con intereses y capitales pertenecientes a los aliados, encuadrando em sus filas, unos y otros respectivamente, a exiliados provenientes de la Argentina y colaboradores lopistas (SOLER, 2007, p. 30).

Sendo assim, as disputas pelo poder entre esses dois partidos tornaram-se constantes, isso devido principalmente, a lógica de nenhum deles, nem o Liberal, nem o Colorado de aceitarem uma convivência pacífica com seus opositores.

[...] desde o início, houve uma tendência ao exercício do poder por apenas um partido político, que o exercia sem permitir espaço para uma efetiva participação da oposição. Ao longo de sua história, o Paraguai não conseguiu estabelecer e fortalecer as instituições democráticas (MORAES, 2000, p. 17)

Assim sendo, a instabilidade política no Paraguai tornou-se constante, resultando em frequentes Golpes de Estado, ora comandados pelos Liberais, ora pelos Colorados. A rivalidade entre esses dois partidos era enorme, sendo comuns também, os confrontos armados, como por exemplo, a Guerra Civil de 1947, que resultou na ascensão dos Colorados ao poder e a consequente perseguição e exílio de um grande número de políticos Liberais contrários ao novo governo.

Os Colorados, então, dominaram tudo dentro do país, incluindo toda a administração pública, tendo em vista a derrota e desmoralização da Oposição. O lado vitorioso, com paixão e vingança, iniciou um “terror

¹ A respeito dessa grave instabilidade política no Paraguai durante a primeira metade do século XX, torna-se importante destacar a fala de Horst (2011, p. 33), ao constatar que: “Entre 1904 y 1954, Paraguay tuvo treinta y un presidentes, de los cuales tan solo ocho completaron sus períodos pacíficamente”.

Colorado”, que oprimia qualquer um que pertencesse à oposição. Provavelmente, um terço da população, entre duzentas a quatrocentas mil pessoas, abandonou o país (MENESES, 1987, p. 45).

A partir de então, os colorados passaram a dominar o cenário político do Paraguai, permanecendo no poder durante quase toda a segunda metade do século XX. Porém, deve-se destacar que nos primeiros anos estando no poder, havia dentro do próprio Partido Colorado divergências e rivalidades políticas, que só cessarão por completo, depois de um forte controle do ditador Alfredo Stroessner. Em busca de uma unificação dentro do partido, Stroessner não se intimidou em perseguir qualquer opositor político, mesmo que em outros momentos tenha lhe sido um importante aliado para manter a ordem e estabilidade do partido², de grande importância na consolidação de seu regime, sempre contando com o respaldo das Forças Armadas do país (MENESES, 1987).

Assim sendo, em maio de 1954, assumia o poder naquele país, o General Alfredo Stroessner que após um Golpe de Estado por ele encabeçado, deu início à mais longa ditadura da história do Paraguai e da América Latina, permanecendo no poder até 1989, quando fora deposto e veio exilar-se no Brasil, aonde veio a falecer em 2006, aos noventa e três anos³.

Cabe ressaltar também que em 1954, o cenário mundial encontrava-se em meio a uma grave crise diplomática entre as duas principais potências econômicas da época, Estados Unidos e União Soviética, e essa instabilidade será de grande importância na consolidação do regime de Alfredo Stroessner tanto no cenário nacional como no internacional.

Sabe-se que desde o fim da Segunda Grande Guerra (1939-1945), a rivalidade e a consequente disputa pelo domínio do cenário mundial pelos governos norte-americano e soviético, desencadearam um longo período de incertezas, que em diversos momentos acreditou-se que resultaria no início de um novo conflito mundial.

A Guerra Fria (1945-1991), como ficou conhecido esse longo período, resultou na divisão do planeta em dois blocos, o comunista, liderado pela União Soviética e o capitalista, sob o domínio dos Estados Unidos. A partir daí, a disputa entre essas duas potências por áreas de influência nas mais variadas partes do mundo, fez com que o governo norte-americano

² Convém destacar que essa prática adotada pelo General Alfredo Stroessner, fora interpretada por Lewis (1986, p. 138), como sendo digna de um excelente estrategista, pois o autor utiliza as seguintes palavras para se referir ao futuro ditador do país: “um estrategista prudente e ambicioso. [...] logo também se mostrou um excelente conspirador político. Ambicioso e desapiedado”.

³ De acordo com a reportagem da Folha Online de 16/08/2006, o ex-ditador paraguaio veio a falecer devido a complicações pós-cirúrgicas, entre elas uma pneumonia, que somado a outros problemas e a elevada idade de Alfredo Stroessner, causaram um choque séptico de origem pulmonar que o levou a óbito.

apoiasse a instauração de regimes ditatoriais na América Latina para evitar a propagação do comunismo e o conseqüente fortalecimento dos soviéticos no continente.

Os países alinhados ao bloco capitalista substituíram as declarações de estados de exceção por ideologias de segurança nacional. Não bastava, como em momentos anteriores, incluir aspectos autoritários no ordenamento jurídico e na política das repúblicas liberais. Tratava-se, a partir de então, de instituir ditaduras com a justificativa de proteger a Nação contra seus inimigos, que encontravam-se no interior do país e eram constituídos pelos próprios cidadãos (TELES, 2013, p. 19 e 20).

Pode-se constatar então, que a conjuntura externa foi de vital importância para o estabelecimento de regimes ditatoriais na América Latina, contando com o respaldo dos Estados Unidos. Porém, é importante ressaltar que o autoritarismo nos países latino-americanos não se tratava de um fenômeno novo, pois como bem observou Cardoso (1982, p. 43): “Por muito tempo, o *caudilhismo* e o militarismo têm sido características dominantes da vida política da região, e neste contexto a democracia tem sido mais uma planta exótica do que o resultado esperado de uma tendência a longo prazo”.

Levando em consideração a perspectiva de Cardoso (1982), no caso paraguaio a instabilidade política do país desde o fim do século XIX, com constantes golpes de Estado e o desrespeito aos princípios básicos da democracia, só vem a demonstrar a frágil estrutura governamental do país que acabava por abrir espaço para esses frequentes conflitos entre linhas ideológicas e partidos políticos divergentes, que não aceitavam nenhuma forma de convivência cordial, mesmo não tendo projetos e práticas políticas muito distintas.

Se desde o fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos preocupavam-se com os rumos políticos dos países da América Latina, foi na década de 1950, mais especificamente após a Revolução Cubana, que o governo norte-americano passou a intensificar o apoio a regimes militares ideologicamente aliados no combate ao comunismo (GUENA, 1996).

O temor de uma agressão extracontinental deu lugar a luta contra o inimigo interno. O cidadão, antes assegurado pelos direitos que lhe conferiam as constituições da maioria dos países latino-americanos, é rebaixado à posição de inimigo, golpeando-se qualquer possibilidade de cidadania. Os militares, transformados em policiais, deveriam, desde essa época, combater a subversão onde quer que ela se manifestasse e impedir o surgimento de novos Castros (GUENA, 1996, p. 74).

Se o desencadear da Revolução Cubana só fez aumentar o receio dos Estados Unidos de que ocorressem movimentos rebeldes em outras regiões da América Latina, o que acabou

por resultar numa intensificação do governo norte-americano em apoiar a instauração de ditaduras militares de direita, deve-se levar em consideração também, outros acontecimentos importantes que ocorriam em várias partes do mundo nos conturbados anos das décadas de 1950 e 1960, como por exemplo, a conquista da independência da Argélia, os movimentos anticolonialistas da África e do mundo árabe e a guerra dos vietnamitas contra o imperialismo norte-americano (TELES, 2013).

Outro aspecto que merece ser destacado, é que além desses regimes ditatoriais utilizarem a força para reprimir movimentos de esquerda, para assim, “manter a ordem e o bem estar social”, há a necessidade de se adotar medidas preventivas por parte dos militares para conter o avanço do comunismo nos países latino-americanos, medidas essas que praticamente regulamentaram toda forma de desrespeito aos direitos humanos, assim como a negação a qualquer principio de cidadania. Por fim, a implementação de políticas que promovessem o crescimento econômico acelerado do país, também se fazia necessária, numa perspectiva de se evitar movimentos revolucionários de cunho comunista, apresentando um desenvolvimento econômico até então, nunca presenciado pela sociedade em questão (CARDOSO, 1982).

Partindo dessa análise da conjuntura internacional, percebe-se que para os Estados Unidos, a ascensão ao poder de Alfredo Stroessner, favoreceu a defesa de seus ideais nos países latino-americanos, no momento em que o ditador paraguaio colocou-se como um defensor dos interesses norte-americanos, com uma postura totalmente contrária e repressora a qualquer movimentação de esquerda.

Por outro lado, Stroessner soube tirar proveito da situação internacional para obter apoio político e econômico para seu regime por parte da potência norte-americana, além de apropriar-se do discurso anticomunista para perseguir seus principais opositores políticos e legitimar sua postura autoritária perante a sociedade paraguaia⁴.

A medida que el enfrentamiento entre los Estados Unidos y la Unión Soviética se intensificó influenciando a Latinoamérica, Stroessner caratuló a sus oponentes como comunistas, insinuando de esta forma que sus fines eran subversivos o malignos. El dictador promovió un fuerte nacionalismo anticomunista como estrategia de control social. A fin de legitimar su gobierno, el presidente Stroessner utilizó la Doctrina de Seguridad Nacional y la potencial amenaza comunista para justificar su estricto control interno y

⁴ Em entrevista à revista Arca (dezembro de 1993, p. 32), o senhor Silvio Arévalo Peralta, que na época residia em Campo Grande, MS, fez a seguinte afirmação a respeito das perseguições a opositores políticos durante a ditadura stronista: “Podia ser o maior reacionário que, se lutasse contra Stroessner, era taxado de comunista.”

conservar el apoyo económico y militar de los Estados Unidos (HORST, 2011, p. 49).

Além disso, cabe mencionar também, a própria localização geográfica do Paraguai. Embora sendo um país pequeno e de baixa relevância econômica, o Paraguai se encontra no centro da América do Sul, fazendo fronteira com três países, Brasil, Argentina e Bolívia, portanto, estando sob a influência dos Estados Unidos, a “nação paraguaia” seria “peça” fundamental no controle da região, no que diz respeito a reprimir os possíveis movimentos simpatizantes das ideias comunistas (MORAES, 2000).

Por fim, deve-se acrescentar junto à Doutrina de Segurança Nacional implantada pelo governo norte-americano, a criação da “Operação Condor”, que nada mais era do que uma rede de ajuda mútua entre os países do Conesul (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai) no combate ao comunismo ou demais movimentos de esquerda. Com essa “operação”, os regimes militares dos países envolvidos buscavam trocar informações e até mesmo prisioneiros políticos, em prol da defesa de seus interesses em comum, contando claro, com o apoio e respaldo do governo dos Estados Unidos (PAZ; LÓPEZ; PECCI & GUANES, 2002).

Levando em consideração tanto a conjuntura interna como a externa, percebe-se que a ascensão de Stroessner ao poder só foi possível devido à somatória de ambos os fatores. Dessa maneira, convém destacar a análise de Moraes (2000, p. 08) que assim sintetiza:

A implantação e consolidação da ditadura de Stroessner foi possível porque havia as condições internas e externas para tanto. As condições internas podem ser caracterizadas pelo atraso e crise econômica que vivia o país, pela fragilidade das instituições de representação democrática e a permanente instabilidade política que permitiram ao ditador fazer uso da repressão e do discurso anticomunista para submeter a oposição. As condições externas se apresentaram através dos interesses dos Estados Unidos da América do Norte e do Brasil na região.

Se para os Estados Unidos, o apoio à ditadura de Stroessner se tornava importante em sua estratégia de impedir a propagação dos ideais comunistas no continente americano, para o Brasil o apoio ao novo regime fazia parte de sua estratégia na busca de supremacia na região do Prata iniciada, ainda no final dos anos de 1930 e início da década de 1940 (MORAES, 2000).

Nesse sentido, convém destacar que historicamente o Paraguai, sob o comando dos Liberais, sempre se mostrou mais próximo da Argentina que do Brasil. Dessa maneira, com a

ascensão de Alfredo Stroessner ao poder, que contou com o apoio do Partido Colorado, o governo brasileiro passou a entender que para uma maior aproximação com o país vizinho, seria importante aproximar-se dos Colorados e conseqüentemente do General Alfredo Stroessner, para assim tirar proveito dessa histórica rivalidade política existente no Paraguai, entre os dois mais importantes partidos políticos daquele país (MORAES, 2000).

1.2 – Dois importantes fatores que contribuíram na consolidação da ditadura: a unificação do Partido Colorado e o controle sobre as Forças Armadas do Paraguai

Ao assumir o poder no Paraguai em maio de 1954, Alfredo Stroessner iniciou um regime ditatorial marcado pelo controle quase total dos principais órgãos públicos, da imprensa, além de desestruturar os principais grupos de oposição ao seu governo.

En mayo de 1954 Alfredo Stroessner, comandante en jefe de las Fuerzas Armadas, derrocó a Chaves mediante el apoyo de miembros del Partido Colorado, que veían al joven comandante como mero substituto interino. El joven oficial prontamente demostró que los colorados estaban equivocados. Contrariando los propósitos de algunos miembros de la alta sociedad, Stroessner retuvo el control absoluto de la presidencia por los siguientes treinta y cinco años (HORST, 2011, p. 43).

Como já foi mencionado anteriormente, a ascensão de Stroessner ao poder foi interpretada de maneira positiva pelos Estados Unidos, quando o ditador paraguaio assumiu-se um importante “caçador de comunistas”, e pelo Brasil, que passou a ver em Stroessner um possível aliado político e assim, favorável aos interesses brasileiros em uma maior aproximação com o país vizinho.

Com um cenário internacional e regional favorável ao seu regime, cabia ao novo líder paraguaio impor-se dentro de seu próprio país, sendo reconhecido pela população paraguaia e pelos demais órgãos de importância política. Para tanto, Stroessner não poupou esforços buscando respaldo político, econômico e ideológico para seu regime.

1.2.1 – A unificação do Partido Colorado e a eliminação de toda e qualquer dissidência partidária

No que diz respeito ao cenário político interno, uma das principais preocupações de Alfredo Stroessner era consolidar uma unificação partidária dentro do Partido Colorado. Para isso, o ditador buscou eliminar toda postura política que pudesse ameaçar seu governo,

promovendo assim, uma estabilidade dentro do partido, que será de grande relevância na continuidade de seu governo por mais de três décadas.

Así fue que se dio el reencuentro partidario del 27 de octubre de 1955 [...]. Em la histórica reunión [...], los colorados iniciaron un proceso de pacificación, sobre todo entre los dos grupos internos mayores, para tentar la reactivación del país y la normalización de la vida del partido bajo el amparo del presidente Alfredo Stroessner. Apagando sus antiguas y casi insalvables disidencias, los colorados trataron de permanecer relativamente unidos, por lo menos temporalmente, renunciando a su consuetudinaria tradición de vivir conspirando unos contra otros (FARINA & PAZ, 2008, p. 47).

A partir daí, o “coloradismo” passou a dominar o Paraguai. Alfredo Stroessner impôs à sociedade a quase (ou total) obrigatoriedade de ser filiado ao Partido Colorado. Em todas as camadas sociais, era necessária a comprovação de ser partidário do novo regime. Funcionários públicos, militares e civis em geral, passaram a viver sob a imposição do governo de ser “colorado”, caso não fosse, este seria entendido como um provável dissidente político e ameaça ao governo e não seriam poupados esforços para livrar-se deste potencial “inimigo do Estado” (FARINA & PAZ, 2008).

Percebe-se assim, que essa filiação ao partido do governo, deve ser entendida como uma espécie de sobrevivência da população que se via a mercê de um regime marcado pelo autoritarismo e pela perseguição a todo cidadão que não se encaixasse aos padrões comportamentais, políticos e ideológicos ditados pelo Estado.

Exemplo dessa imposição do Estado paraguaio sob o comando dos Colorados, de praticamente obrigar a todos a serem filados do partido é um ofício da Embaixada Brasileira, datado de 20 de maio de 1947, que demonstra claramente a quase total imposição à sociedade de ter filiação ao Partido Colorado:

[...] no bairro Sajonia, fechou-se o tráfego das ruas mais vinculadas à resistência rebelde, e todos homens válidos, que não estivessem absolutamente acima de qualquer suspeita ou não apresentassem carteira de filiação ao Partido Colorado, eram conduzidos ao cárcere⁵.

⁵ Este Ofício Confidencial de nº 137, datado de 20 de maio de 1947, da Embaixada Brasileira em Assunção para o Ministro das Relações Exteriores (Centro de Documentação do Itamarati, Brasília), encontra-se presente na obra de Moraes (2000, p. 36).

Percebe-se com a exposição do documento acima, que ser “colorado” era necessário para se levar uma vida sem perturbações por parte do governo desde antes da ascensão de Stroessner ao poder, já que o ofício data de 1947, mas que essa prática continuou fazendo parte do regime stronista, pois o mesmo agia com extrema repressão àqueles que não se encaixavam no “perfil de cidadão modelo”, ou seja, aquele que se encontrava submisso e favorável aos detentores do poder no país.

Com essa forte perseguição aos opositores políticos durante a “Era Strossner”, o exílio para países vizinhos tornou-se uma das poucas alternativas de sobrevivência para aqueles que não concordavam com a nova ordem política vigente. Como bem destaca Souza (2001, p. 13):

No século 20, além das causas econômicas que normalmente provocam migrações, os governos ditatoriais aguçaram a saída de cidadãos do Paraguai, uma vez que estes ficaram expostos a incertezas de toda ordem; o perigo maior era ser taxado de comunista. Uma rede de espionagem mantida pelo governo paraguaio e tendo como base de sustentação a Doutrina de Segurança Nacional (que se alastrou desde Washington para Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai, isto para nos restringir ao Conesul do continente americano), prendia e torturava aqueles que se opunham ao governo. Isso ocasionou o deslocamento clandestino de paraguaios para os países vizinhos, incluindo o Brasil.

Porém, nem todos tinham a oportunidade de abandonar seu país de origem e encontrar num país estrangeiro, condições mínimas de sobrevivência. Portanto, mesmo vivendo sob a implacável mira da ditadura, muitos paraguaios simpatizantes do Partido Liberal ou demais opositores do regime stronista continuaram no Paraguai, mesmo que em condições precárias e, dentro do que era possível, fazendo resistência ao stronismo como destaca Miranda (1989, p. 43):

Stroessner proscibió en el país toda actividad política que no fuera adhesión o acatamiento a su persona. La represión de asociaciones partidárias, pero también y significativamente de organizaciones sindicales, estudiantiles, campesinas, profesionales y laicas creó focos de resistencia clandestina.

Por fim, fica bastante claro que as ações ditatoriais do Estado se fizeram presentes de maneira bastante visível no decorrer dos anos de stronismo no Paraguai, principalmente no que diz respeito a essa quase (ou porque não dizer total?) obrigatoriedade de ter filiação ao partido do governo, no caso o Partido Colorado, resultando para a oposição, numa situação de

constante insegurança, uma vez que não eram poupados esforços do regime stronista em reprimir e exterminar qualquer foco de resistência as suas práticas governamentais.

1.2.2 – O apoio das Forças Armadas

Se ter o Partido Colorado como aliado era importante para a consolidação do regime stronista, obter o controle das Forças Armadas também tornava-se necessário no sentido de se alcançar uma maior legitimidade e respaldo da ditadura do General Alfredo Stroessner perante a sociedade paraguaia. Desde o início, o novo governo buscou apoiar-se no Exército do país, justamente porque este representaria uma ameaça constante ao ditador, caso não estivesse alinhado aos interesses da nova ordem política do Estado.

Aqui convém fazer uma ressalva de que no Paraguai, as Forças Armadas, ao longo de sua existência, acabaram por adquirir uma função de arbitragem nas divergências partidárias e principalmente nos rumos políticos do país. Nesse sentido, merece destaque compreender que essa postura adotada pelo Exército e aceita por grande e importante parcela da sociedade, ganhou uma proporção ainda maior logo após o fim da Guerra do Chaco (1932-1935), quando um forte nacionalismo disseminou-se pelo país, simbolizando nas Forças Armadas, a instituição mais preparada para auxiliar o governo na busca por encontrar um caminho rumo ao progresso e ao desenvolvimento, já que fora graças aos militares que a nação paraguaia venceu o conflito contra as forças inimigas, no caso a Bolívia (CARDOZO, 1990).

A partir de então, como bem destaca Cardozo (1990, p. 44): “El Ejército irrumpe entonces en la escena y entra de lleno en el proceso de tomas de decisión. Ya no iría a abandonar más ese rol protagónico, hasta el presente”. Tendo isso em mente, Alfredo Stroessner percebeu que sem o total controle e apoio das Forças Armadas, sua permanência como Chefe do Executivo correria sérios riscos, daí a necessidade de se buscar uma unidade e uma base de apoio firme e rígida nessa instituição, para lhe dar sustentação (Cf. MORAES, 2000).

Dessa maneira, obtendo o controle do Partido Colorado e das Forças Armadas do país, Alfredo Stroessner conseguiu dois importantes alicerces que permitiram a manutenção de seu regime no Paraguai por mais de três décadas.

Stroessner, que era un hombre muy observador, se dio cuenta de que su única posibilidad de supervivencia en el poder estaba en la subordinación estricta de los militares y de los civiles (los colorados). Por eso las purgas. Debía prescindir de todo aquél que tuviera alguna apetencia personal de

poder mayor (y único) y quedarse con quienes solo quisieran ser parte de un poder controlado por alguien con autoridade superior (FARINA & PAZ, 2008, p. 43).

Seguindo a mesma perspectiva dos autores acima citados, Horst (2011, p. 44), faz uma importante afirmação a respeito da unificação do Partido Colorado e o controle das Forças Armadas. Assim segue o autor:

Debido a su condición de Comandante en Jefe y una amplia lealtad de parte de los estamentos militares, Stroessner unificó al Partido Colorado, aliándolo a las Fuerzas Armadas. Esta trilogía de Gobierno, Fuerzas Armadas y Partido se constituyó en la piedra fundamental de la longevidad política de Stroessner.

Assim sendo, esta trilogia que compõe as bases de sustentação do governo ditatorial de Stroessner, tinham por função, segundo o que o General buscava difundir as massas, “levantar por siempre al Paraguay” y salvarlo de “la agresión comunista internacional” (CARDOZO, 1990, p. 63).

Por fim, a título de conclusão a respeito da atuação das Forças Armadas no cenário político paraguaio convém destacar a análise de Moraes (2000, p. 46), que pontua da seguinte maneira:

Mais que em outros países da América Latina, ali a função das Forças Armadas estava desvirtuada, indo muito além de seu verdadeiro papel, o da segurança e defesa externa do território. Historicamente, os militares têm-se arrogado o papel e agido como verdadeiros árbitros da nação. O que, em última instância, demonstra a “tragicidade” da história latino-americana, o atraso e as dificuldades para a consolidação de instituições verdadeiramente democráticas, bem como a total dependência econômica, pois, com algumas exceções, os militares sempre estiveram a serviço das classes dominantes ou de grupos ligados ou representante de interesses externos.

1.2.3 – A memória dos paraguaios a respeito do “coloradismo” stronista

Até aqui, percebeu-se que são vários os autores, historiadores ou não, que compactuam de semelhante perspectiva ao concordarem que a imposição do “coloradismo” no Paraguai tornou-se uma prática fortemente utilizada pelo Estado ditatorial de Alfredo Stroessner, visando reprimir qualquer possível foco de resistência ou oposição ao seu regime. Porém, informações relevantes sobre esse período também se encontram presentes na memória de muitos paraguaios que vivenciaram na pele essa realidade opressora.

São vários os relatos de pessoas que se lembram de terem vivido esse autoritarismo no seu dia-a-dia, o que nos remete a destacar o quanto a História Oral pode nos possibilitar a compreender melhor a vivência do povo em um período histórico específico. Boa parte da historiografia recente concorda que a memória nos leva ao que Sarlo (2007, p. 11) sintetiza de maneira muito eficiente: “[...] a história social e cultural deslocou seu estudo para as margens das sociedades modernas, modificando a noção de sujeito e a hierarquia dos fatos, destacando os pormenores cotidianos articulados numa poética do detalhe e do concreto”.

Assim sendo, o contato e o trabalho com essas fontes orais, apresenta-se como uma das principais maneiras de se ampliar a visão sobre o regime ditatorial de Stroessner, pois expõe o cotidiano daqueles que conviviam corriqueiramente com essas práticas e, portanto, nos demonstra em uma série de relatos, os meios de sobrevivência da população frente ao autoritarismo stronista.

Em algumas entrevistas realizadas com imigrantes paraguaios⁶ que hoje vivem no Brasil, mais precisamente em algumas cidades do sul do estado de Mato Grosso do Sul, foram relatados como era difícil a realidade encarada pelos paraguaios partidários do Partido Liberal. De acordo com o senhor Raimundo da Cunha⁷, por exemplo: “[...] aquele que era contra também não tinha emprego, não tinha nada. O cara podia sê formado no que for, se não fosse do Partido Colorado, num trabalhava” (Raimundo da Cunha, entrevistado em Rio Brilhante em abril de 2011).

Outro relato que trata dessa questão é o fragmento da entrevista realizada com o senhor Vanderlei Correa de Souza⁸ que, embora tenha nascido no Brasil, passou boa parte da infância e juventude no Paraguai e dessa maneira tem propriedade ao dizer que:

Lá só existia dois partido, Colorado e Liberal. Só dois, entendeu. E você tinha que sê Colorado. [...] E outra, vai fala que você é Liberal pra você vê! [...] É Colorado. Tudo mundo era Colorado [...] não tinha esse negócio [...] Se você fala que é Liberal, se caía no “cacete”! (Vanderlei Correa de Souza, entrevistado em Rio Brilhante em junho de 2011).

⁶ Torna-se importante destacar que os paraguaios entrevistados são pessoas que deixaram o país de origem não necessariamente devido a perseguições políticas, mas também por razões econômicas, isto é, a busca por melhores condições de vida no Brasil, ou então por motivos pessoais ou familiares.

⁷ Imigrante paraguaio que veio para o Brasil com aproximadamente 19 anos de idade, tendo nascido em Campestes no Paraguai, próximo da fronteira com o atual estado de Mato Grosso do Sul no Brasil.

⁸ De acordo com a fonte, teriam ido viver no Paraguai, ele (ainda criança), seus pais e seus irmãos, devido ao emprego que seu pai arranhou na construção da Ponte da Amizade, na fronteira com o Estado do Paraná.

Nascida na cidade de Pedro Juan Caballero e criada na capital paraguaia, Assunção, dona Estanislada Montiel⁹, em alguns momentos de sua fala, também relata a dura realidade dos opositores políticos de Stroessner:

O presidente era Colorado e se ele descobrisse que você era Liberal [...], ele não deixa dá serviço pra Liberal. [...] Muitos chegava a morrê de fome porque não tinha como trabalhá, porque eles não deixava, porque era Liberal (Estanislada Montiel, entrevistada em Rio Brillante em junho de 2011).

Em outro momento, dona Estanislada Montiel relata um acontecimento marcante em sua memória. Segundo ela, seu pai era partidário dos Liberais e por isso chegou a ser preso e torturado pelos militares:

Vixe, meu pai apanhô com isso [...] Ele podia apanhá que ele não negava que era Liberal. [...] Bateram nele que ele quase morreu. Cortaram ele assim que até hoje ele tem um sinal aqui na “pança” (Estanislada Montiel, entrevistada em Rio Brillante em junho de 2011).

Outro relato que mostra a dura realidade vivida pelos opositores do regime de Alfredo Stroessner, principalmente os Liberais, é o do senhor Arnaldo Freitas Loza¹⁰. Paraguaio que serviu o Exército de seu país por dois anos, conta que era comum ouvir histórias a respeito das perseguições e torturas sofridas pelos Liberais. Ele ainda lembra que um simples ato realizado por qualquer pessoa, ato este que hoje nos parece banal, mas que naquele período era motivo mais do que o suficiente para que este cidadão fosse entendido como um potencial inimigo do Estado, sendo comum nesses casos prisões arbitrárias e até mesmo castigos físicos.

A gente ouvia falar de muita coisa, por exemplo, se alguém saía na rua com uma roupa azul, um lenço que fosse, eles pegava e prendia. [...] Se eles pegasse mulher, por exemplo, eles arreava ela, com arreio de bicho mesmo e montava de espora em cima dela. [...] Se eles pegava homem, eles pegava e “capava” ele e depois soltava no mato (Arnaldo Freitas Loza, entrevistado em Dourados em maio de 2012).

⁹ De acordo com a fonte, após passar a maior parte da infância e adolescência em Assunção, ela teria vindo para o Brasil, juntamente com sua mãe, por motivos familiares.

¹⁰ Nascido na região de Nhyanduquá, próximo a capital Assunção. Após servir o Exército no Paraguai, veio para o Brasil, mais precisamente para a cidade de Dourados no então estado de Mato Grosso, para viver com alguns familiares que já viviam na região, em busca de emprego e melhores condições de vida.

Ainda de acordo com a fala do senhor Arnaldo Freitas Loza, essas histórias só contribuíam para aumentar o medo do povo frente à ditadura do General Alfredo Stroessner:

Era rígido demais naquela época. Nunca cheguei a ver fazerem esse tipo de coisa, mas todo mundo ouvia falá e tinha muito medo. [...] Tinha que tê muito cuidado porque numa levada de bobeira, qualquer coisa que um usasse que lembrava a cor do Liberal, nem mesmo um lenço daquela cor, que eles pegavam mesmo. [...] Todo mundo tinha um medo da “bexiga” (Arnaldo Freitas Loza, entrevistado em Dourados em maio de 2012).

Com esses relatos percebe-se como o autoritarismo vivenciado por essas pessoas criou um forte sentimento de medo ainda muito presente na memória delas. Algumas falas parecem até um pouco fantasiosas ou então, com uma violência demasiadamente exagerada, porém, independentemente da veracidade dos fatos relatados, o que importa aqui são justamente esses resquícios de lembranças que contribuem para uma maior compreensão do modo como certos indivíduos ou até mesmo grupos sociais, reagem a uma situação de extrema violência por parte do Estado, onde o temor era uma constante no cotidiano dos mesmos.

Seguindo com a análise de entrevistas que legitimam o autoritarismo do Estado e a perceptível imposição do regime à sociedade, em ser filiado do Partido Colorado, o paraguaio De Los Santos Mereles López¹¹, Alfaiate, que reside na cidade de Dourados há mais de 20 anos, relata uma situação que aconteceu com ele quando andava pelas ruas de Assunção e foi abordado pela polícia paraguaia:

E se você não tem a filiação do Partido Colorado, você é preso e só é solto no dia seguinte. Então era difícil de se vivê. Eu por exemplo, uma vez, me cercaram e me pediram o documento, eu puxei a minha carteira de reservista, e eles disseram: “Isso não é documento”. Mostrei a carteira de identidade e eles: “Não quero esse, quero o documento”. “Mas que documento?”, eu perguntei, e eles falaram:” A carteira de filiação do Partido Colorado”. Então tinha que ficar ressabiado, pois no teu país a carteira de reservista ou a identidade não é considerado documento, então o que é que é né? Então você sente vontade de sair de um lugar desses (De Los Santos Mereles López, entrevistado em Dourados em agosto de 2011).

O relato acima citado acaba por vir de encontro com as constatações de Soler (2007, p. 40), que entre outras afirmações a esse respeito destaca que: “A partir de ello [Morínigo], y

¹¹ Paraguaio, nascido em Assunção em 1939, tendo vivido naquele país até meados de 1962, quando veio para o Brasil, o senhor De Los Santos Mereles López deixa claro em diversos momentos de sua fala, que o principal motivo para deixar o Paraguai foi o autoritarismo da ditadura de Stroessner e a falta de liberdade política e de expressão imposta pelo regime.

con la dictadura stronista, ser nacional fue sinónimo de ser colorado”, ou seja, para o regime stronista, mais importante que qualquer documento de identificação pessoal, a posse da carteira de filiação ao Partido Colorado, era uma das principais garantias para se ter o direito de ir e vir, sem sofrer maiores transtornos com a polícia militar do Estado.

Em outro momento, o senhor Mereles López, afirma que ser filiado ao Partido Colorado era quase que uma obrigatoriedade para se conseguir um emprego, seja em órgãos públicos, ou mesmo em empresas privadas:

Se você não tem a filiação do Partido Colorado, você não pode trabalhar em instituições públicas. Só com filiação é que você pode trabalhar no exército, na polícia, funcionário público e, até em firmas particulares, às vezes, eles exigiam a filiação. Então era difícil vivê naquilo. Você vê tanta injustiça! (De Los Santos Mereles López, entrevistado em Dourados em agosto de 2011).

Discurso semelhante se encontra presente nos relatos do senhor Henrique Neri Kind¹², que guarda ainda vivas na memória as dificuldades que partidários Liberais sofriam durante a ditadura de Stroessner. Assim segue o entrevistado:

Até pra entrar num lugar grande, num evento de esporte, de teatro ou de música por exemplo, que fosse financiado pelo Estado, se o cara não fosse Colorado, ele não entrava. [...] Também tinham muita dificuldade de arrumar emprego, porque tinha que ter carteirinha do Partido Colorado e, dependendo do caso podia até mesmo ser preso e torturado (Henrique Neri Kind, entrevistado em Rio Brillante em janeiro de 2013).

Os relatos até agora mostrados acabam por vir de encontro com o que afirma Moraes (2000, p. 37) ao tratar da “filiação maciça dos militares ao Partido Colorado”, que de acordo com a autora se deu de maneira bastante expressiva, desde meados da década de 1940, quando os Colorados se encontravam no poder, sob a ditadura de Morínigo. Outro autor que compartilha de semelhante constatação é Horst (2011, p. 48 e 49). Ao tratar do que chama de “expressivo coloradismo” no Paraguai durante o regime stronista, o autor discorre:

[...] Stroessner comenzó a utilizar al Partido Colorado para consolidar su poder personal. El nuevo presidente hizo que el partido sirviera sus propósitos políticos al crear una red de distritos electorales denominados *seccionales* a lo largo do país. Estas pequeñas células funcionaban como un

¹² Nascido no distrito de Puente Kyjhá, no Departamento de Kanyndew, em 1980, Henrique Neri Kind, depois de viver em várias cidades paraguaias, inclusive na capital, Assunção, abandonou seu país de origem, vindo para o Brasil, em busca de melhores condições de vida além de fugir da instável situação política que assolava o Paraguai desde o fim do regime stronista. Hoje, além de agricultor ele atua na área da construção civil e vigilância particular, residindo atualmente na cidade de Rio Brillante, MS.

gran sistema de clientelismo y vigilancia de la disidencia política mediante la organización de los cuadros partidarios y el cuidadoso monitoreo de la oposición. El empleo en el sector público, lugares en las escuelas públicas y trabajos en los hospitales estatales y servicios públicos estaban limitados, en su totalidad, a los miembros del partido. Adicionalmente, ya desde 1955 el dictador comenzó a requerir que los miembros de las fuerzas armadas se afiliaran a su partido, limitando el acceso a los rangos superiores a familias coloradas.

Por fim, o senhor Mereles López, destaca um fato que ele afirma ter ocorrido com um radialista paraguaio, que, segundo o entrevistado, somente por ter tocado durante a programação, “uma música dos Liberais”, foi perseguido pela ditadura stronista e que por isso acabou exilando-se na Argentina:

Lá tem a música do Partido Colorado e tem a do Liberal também. Lá não podia ser tocada essa música. Durante toda a ditadura, não tocava. Tinha um senhor que tinha uma rádio em Encarnación e um dia tocô essa música. Aí ele foi preso e depois acabô fugindo pra Argentina (De Los Santos Mereles López, entrevistado em Dourados em agosto de 2011).

Assim sendo, percebe-se com os relatos acima, que o Partido Colorado era um importante pilar na sustentação do regime ditatorial de Stroessner e que a não filiação ao partido ou qualquer demonstração de simpatia aos Liberais ou demais órgãos de oposição aos detentores do poder naquele período, era motivo para prisões, torturas, dentre outras formas de repressão a esses “potenciais inimigos da ordem pública”.

Outro aspecto que se deve destacar é como a memória da população paraguaia é riquíssima e muito tem a contribuir para se ter acesso a uma maior variedade de informações sobre o período ditatorial do General Alfredo Stroessner. Assim sendo, a História Oral nos possibilita entrar em contato com “verdades” que não se encontram em documentos ou demais tipos de fontes, pois se trata da própria vivência do indivíduo frente às ações do Estado e que assim entendido, tem o seu valor e deve ser levado em consideração pelo historiador.

Nesse sentido torna-se importante ressaltar a análise de Montenegro (1994, p. 150), que ao tratar de fontes orais, afirma: “muitas vezes, fatos e detalhes considerados de pouca monta se tornam, no conjunto de outras entrevistas, profundamente significativos, abrindo novas perspectivas de estudo e análise” e, é justamente partindo dessa prerrogativa, que norteiei minha pesquisa, ao compreender que esses pequenos fragmentos de lembranças de diversas pessoas sobre um período em comum, compõem uma rede de informações muito

pouco analisadas, mas que ainda assim, tem o seu valor e devem ser levadas em consideração para se ter um conhecimento mais abrangente sobre a “Era Stronista”.

CAPÍTULO 2 - A CONSOLIDAÇÃO DO MITO DO “HEROI NACIONAL” FRANCISCO SOLANO LÓPEZ EM TEMPOS DE DITADURA STRONISTA

A ditadura do General Alfredo Stroessner teve como pilares sustentadores o domínio quase unânime da política nacional, controlando e manipulando eleições e eliminando qualquer oposição que pudesse por em risco os detentores do poder. Além do mais, o controle das Forças Armadas do país, a unificação do Partido Colorado e o apoio internacional, como já fora mencionado no capítulo anterior, acabaram por legitimar e consolidar o regime stronista.

Porém, outra característica importante do stronismo no Paraguai foi a utilização de uma política extremamente nacionalista e patriótica. Dessa maneira, coube ao Estado criar mecanismos que ajudassem na construção de um sentimento de identificação nacional, que a partir de então, passou a fazer parte do cotidiano da população, vindo a contribuir na legitimação do regime vigente perante a sociedade paraguaia.

Desde antes da ascensão de Alfredo Stroessner ao poder em 1954, o Partido Colorado já se preocupava em investir na construção de uma ideologia nacionalista que viesse a dar respaldo aos detentores do poder na época. Mas foi com o início da ditadura de Stroessner que esse nacionalismo mostrou-se mais latente e ganhou proporções ainda maiores.

O nacionalismo paraguaio, financiado pelo Partido Colorado, encontrou na Guerra da Tríplice Aliança seu carro chefe, abrindo caminho para a construção de um sentimento patriótico personificado nos “Heróis da Grande Guerra” e, principalmente, na figura do presidente paraguaio que liderou o país durante o conflito, o Marechal Francisco Solano López¹³.

Assim sendo, coube ao Estado financiar obras bibliográficas que tinham por função principal reescrever a história do conflito. Com uma apologia claramente nacionalista, esses autores buscavam recontar a Guerra, valorizando os feitos do Exército Nacional, a coragem dos soldados paraguaios e, principalmente a bravura do líder paraguaio Francisco Solano López, que mesmo com um contingente militar e bélico inferior aos da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai), comandou as ações militares do Exército paraguaio até o fim, não se rendendo às forças inimigas e garantido a soberania do país.

¹³ Torna-se importante lembrar que embora se deva muito a ditadura stronista e ao Partido Colorado pela consolidação do imagem Heroica de López, essa concepção também era compartilhada pelas demais correntes ideológicas e partidárias do país, isto é, desde a extrema direita até a extrema esquerda (CAPDDEVILA, 2010).

2.1 – Uma análise historiográfica da figura de Francisco Solano López desde o fim da Guerra do Paraguai até os anos da ditadura stronista

Antes de analisar a historiografia da Guerra da Tríplice Aliança financiada pelo Estado paraguaio a partir de meados da década de 1930, torna-se importante fazer algumas pontuações, mesmo que resumidamente, sobre algumas obras que foram publicadas por autores brasileiros, paraguaios e argentinos, desde o final do século XIX até os anos que anteciparam a ditadura stronista no Paraguai.

Esse conflito, mais conhecido na historiografia como Guerra do Paraguai ou Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) foi, sem dúvida, o principal evento bélico ocorrido na América do sul, deixando marcas profundas nos países que dele participaram.

Assim sendo, desde o seu desfecho até os dias atuais, o confronto armado entre paraguaios e aliados, foi e ainda é alvo de uma extensa bibliografia visando explicar quais os motivos que levaram à guerra, quem eram os principais personagens do evento, quais os fatos mais importantes ocorridos durante o conflito e quais os resultados para os países envolvidos. Porém, embora seja extenso o número de obras referentes à Guerra, são várias as hipóteses e especulações que acabaram por ser disseminadas ao longo dos anos a respeito desse tão importante acontecimento que afetou diretamente Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai.

De uma maneira mais didática, resolvi tratar da historiografia da Guerra do Paraguai, dividindo-a em três vertentes interpretativas: a historiografia tradicional e o revisionismo histórico (que serão brevemente discutidas aqui), e a Nova História da Guerra do Paraguai¹⁴ (esta vertente sendo mais recente, de meados da década de 1980, portanto não fazendo parte do recorte temporal discutido neste capítulo).

A historiografia tradicional pode ser dividida em dois subgrupos: a historiografia tradicional desenvolvida no Paraguai e a historiografia tradicional brasileira¹⁵. Ambas

¹⁴ Nos últimos anos do século XX, essa nova vertente historiográfica surgiu buscando explicar a Guerra do Paraguai por outro viés, levando em consideração as questões de fronteira e as rivalidades políticas como os principais fatores para o desencadear do conflito. Além disso, essa nova corrente historiográfica, que tem como principais colaboradores os historiadores Alfredo da Mota Meneses (1998), Francisco Doratioto (2002) e Leslie Bethell (2012), buscou romper com a concepção anterior, o Revisionismo Populista.

¹⁵ No Brasil, a historiografia que se desenvolveu, em grande parte, não divergia muito da paraguaia. As obras brasileiras defendiam a vertente de que o Paraguai era um país com uma população a mercê de um regime opressor personificado na imagem de Solano López e que dessa maneira, cabia ao Brasil, libertar o país vizinho dessa situação dramática. Assim sendo, esses autores buscavam justificar o conflito como sendo necessário e que cabia as Forças Armadas do Brasil a “missão civilizadora” de salvar os paraguaios da tirania de Francisco Solano

surgiram logo após o fim do conflito e contou com autores, principalmente paraguaios e brasileiros, que vivenciaram o conflito, seja nos campos de batalha ou no cenário político da época.

No pós-guerra, o Paraguai encontrava-se completamente destruído, com boa parte da população morta em decorrência do conflito, uma economia arruinada com os enormes gastos bélicos e uma incerteza política em relação a sua soberania nacional e aos rumos do novo governo do país. Com tamanha instabilidade e questionamentos sobre o futuro da nação, a única certeza que os paraguaios tinham era em relação ao responsável por todos os problemas que assolavam o país naquele momento, Francisco Solano López.

A historiografia que se perpetuou no Paraguai, nos primeiros anos após o fim da guerra contra a Tríplice Aliança, foi aquela que passou a culpar o líder do país durante o conflito. Dessa forma, a figura de Solano López passou a ser associada à de um ditador megalomaniaco, que em nome de uma ambição desenfreada, teria levado a população de seu país ao sacrifício nos campos de batalha, enfrentando um inimigo com condições militares superiores e, mesmo com uma derrota previsível, insistiu em continuar com o confronto armado até as últimas consequências.

Não obstante, a partir de meados da década de 1930, novas vertentes historiográficas a respeito da Guerra da Tríplice Aliança surgiram tanto no Paraguai quanto no Brasil¹⁶. Essa nova corrente interpretativa, conhecida como Revisonismo Histórico¹⁷, buscava explicar os motivos que levaram ao conflito entre o Paraguai e os países Aliados partindo de outra visão, visão essa que era resultado de uma forte corrente ideológica que buscava ora criticar

López. Além disso, os autores brasileiros tentavam minimizar a importância da participação dos demais países que compunham a Tríplice Aliança, principalmente a Argentina, transformando o Exército Brasileiro no libertador do Paraguai. São exemplos dessa vertente interpretativa autores como Madureira (1982) e Taunay (1997).

¹⁶ No Brasil, essa nova corrente explicativa buscava romper com a análise factual que prevalecia até aquele período. Adeptos do positivismo e fazendo duras críticas ao regime monárquico, esses autores buscaram reverter a imagem negativa criada a respeito do líder paraguaio Solano López e transferindo essa mesma imagem para a estrutura política existente no Brasil da época, ou seja, o império sob o comando de D. Pedro II. Dessa maneira, passou-se a responsabilizar o retrógrado regime brasileiro como sendo o verdadeiro culpado por todos os malefícios que a guerra causou tanto para o nosso país como também para o Paraguai, nos quase seis anos de conflito (DORATIOTO, 2002).

¹⁷ Convém lembrar que a partir da década de 1960, esse Revisonismo Histórico ganhou nova roupagem, podendo ser denominado como “Revisonismo Populista”. Historiadores e demais autores da América do Sul chegaram a um consenso, não idôneo de certa apologia política e ideológica, que passou a responsabilizar o conflito como sendo resultado de um personagem externo, mas que tinha muitos interesses na região do Prata, o “imperialismo inglês”. Entre os principais autores que defenderam essa perspectiva, destacam-se o historiador argentino León Pomer (1968) e o jornalista brasileiro Julio José Chiavenatto (1979).

determinadas estruturas políticas (no caso brasileiro), ora utilizar o conflito como um legitimador do poder recém-instaurado (no caso paraguaio).

Nesse mesmo período, a população paraguaia ainda buscava se reerguer após a destruição que sofrera nos longos anos de guerra contra os Aliados. Porém, a alto-estima do país estava em baixa, fazendo com que se fizesse necessária uma busca no passado para encontrar algo que viesse a enaltecer o povo paraguaio e que servisse de orgulho para toda a nação. Dessa forma, alguns autores buscaram reescrever a história da Guerra, tentando transformar a figura de Solano López, anteriormente considerada responsável por toda destruição do país, em Herói nacional, reverenciando o tempo áureo de seu governo e a sua bravura nos campos de batalha.

Essa necessidade de encontrar Heróis que viessem a dar respaldo ao governo colorado recém-implantado e romper com todo e qualquer resquício da época anterior, em que os Liberais se encontravam no poder, foi de vital importância para o desenvolvimento e popularidade do Revisionismo Histórico Paraguai, também, chamado de “Lopizmo”.

El nuevo clima antiliberal, leído en clave nacional, obligó a releer el pasado. Héroes olvidados, pero en disponibilidad, y nuevos héroes vencedores fueron necesarios para la nueva hora que vivía el pueblo ¿Era acaso Solano López un traidor a la Patria? ¿Qué es lo “auténticamente paraguayo”? ¿Dónde están y cuáles son los padres de la patria? (SOLER, 2007, p. 37).

Os maiores exemplos desse Revisionismo Histórico no Paraguai a respeito da Guerra da Tríplice Aliança são as obras de Juan E. O’Leary, que financiadas pelo Estado, tiveram grande circulação nacional, a ponto do mesmo, passar a ser conhecido pela sociedade paraguaia e reconhecido pelo Estado ditatorial de Stroessner como “Historiador nacional” ou “Historiador do Estado” (CAPDEVILA, 2010).

Para se ter uma maior compreensão da preocupação em reescrever a história do conflito, é importante levar em consideração a instabilidade política que assolava o Paraguai. Os constantes golpes de estado geraram a necessidade de investir no sentimento nacionalista para romper com essa realidade e garantir a permanência do Partido Colorado no poder. Para tanto, ao se afirmar que Francisco Solano López deu a própria vida em nome da soberania do país, cabia ao povo paraguaio o dever de honrá-la, respeitando a ordem vigente, que tinha por função garantir o bem estar social. Assim, torna-se relevante destacar o raciocínio de Hobsbawm (1991, p. 93) ao lembrar que: “[...] o mero estabelecimento de um Estado não é suficiente, em si mesmo, para criar uma nação”, ou seja, o sentimento nacional, de acordo

com a maioria dos autores revisionistas, era de vital importância para consolidar a existência do Estado-Nação e a conseqüente permanência dos detentores do poder na órbita política daquele período.

Atendendo aos interesses ideológicos de determinados grupos políticos que buscavam se consolidar no poder na instável situação em que se encontrava a estrutura governamental do Paraguai, historiadores como O’Leary, financiados pelo Partido Colorado, passaram a defender Solano López como um grande estadista que com imensa coragem comandou o Exército de seu país numa guerra onde sua força militar era inferior aos de seus inimigos, porém lutou bravamente até a morte em nome da soberania do seu povo. Dessa forma, buscava-se associar a grandiosidade de Solano López aos novos dirigentes do país, ligando o “Lopizmo” as origens do “Coloradismo”. Seguindo esse raciocínio torna-se importante destacar a parte da obra de Doratioto (2002, p. 19), que sobre essa questão afirma:

Essa interpretação surgiu por motivos financeiros [...], e foi adotada por uma sequência de ditadores: Rafael Franco (1936-7) a oficializou; Higinio Morinigo (1940-8) a fortaleceu e Alfredo Stroessner (1954-89) a tornou ideologia oficial de Estado, a ponto de prender e exilar aqueles que dela divergissem. A falsificação do passado, com apologia da ditadura lopizta, contribuiu para construir a opressão do presente, ao dar suposta legitimidade aos regimes desses três governantes.

Dessa maneira, essa ressignificação da Guerra e do “passado honroso” do Paraguai, tinha um forte apelo ideológico, contribuindo para a legitimação da estrutura militarista da política vigente perante a sociedade. Como afirma Capdevila (2010, p. 225): “El culto de los jefes históricos se ligaba así a la personalización del poder y la afirmación de que los valores militares participaban del genio nacional”.

Por fim, convém destacar o trabalho de Cardozo (1990, p. 40), que faz uma importante síntese da reescrita da história da Guerra da Tríplice Aliança como também dos primeiros líderes do Paraguai, que passaram a ter seus nomes reverenciados e constantemente lembrados pela ordem vigente, que buscava no passado, a legitimação de suas práticas no presente. Assim segue o autor: “Los dos López y el dictador Francia, figuras del siglo XIX, se convirtieron en símbolos de la nacionalidad. La resurrección del culto al autoritarismo fue un efecto típico de esta corriente de pensamiento latinoamericano”.

2.2 – A construção de uma ideologia legitimadora

Com a ascensão do Partido Colorado ao poder, em meados dos anos de 1930, os investimentos do Estado em recontar a Guerra da Tríplice Aliança, visando encontrar num passado histórico um respaldo ideológico para os detentores do poder no presente, foram enormes. Porém, foi durante a ditadura do General Alfredo Stroessner que essa prática por parte do governo mostrou-se mais presente, tornando-a ideologia oficial do Estado, não sendo aceita nenhuma forma de contestação da mesma.

A lógica do “Revisionismo Histórico” financiado pelo governo paraguaio era encontrar e disseminar uma nova interpretação para o conflito entre este país e os Aliados, contribuindo na construção e consolidação do “mito de Solano López”, que passou a ser visto como Herói nacional, que com honra e bravura defendeu a soberania de seu povo até a morte (DORATIOTO, 2005).

Dessa maneira, construiu-se uma “verdade absoluta e inquestionável” a respeito de Solano López, consagrando-o como Herói nacional e merecedor de todas as honras e glórias possíveis e, para tanto, foram utilizados os mais variados meios de divulgação para alcançar todos os setores da sociedade paraguaia.

Ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apóia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje. Mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído (FOUCAULT, 2010, p. 17).

Exemplo claro da política nacionalista do regime stronista pôde ser detectado na constatação de Squinelo (2002, p. 40), que nos informa a enorme quantidade de referências feitas a Grande Guerra e aos “Heróis” da mesma:

[...] saturou a vida cotidiana de uma maneira difícil de compreender para quem não haja vivido sob a ditadura de Stroessner. Os nomes das ruas e das praças, os monumentos e os cartazes, os programas de rádio e televisão, o cinema subvencionado pelo governo, os bilhetes de loteria, os produtos e empresas comerciais de nomes patrióticos (por exemplo, “Cerro Corá”, “Primeiro de Março”) transformaram o passado em presente.

Outro autor que compactua de semelhante constatação é Capdevila (2010, p. 226), ao afirmar que: “Al igual que Asunción, las demás ciudades de la república dotaron a sus

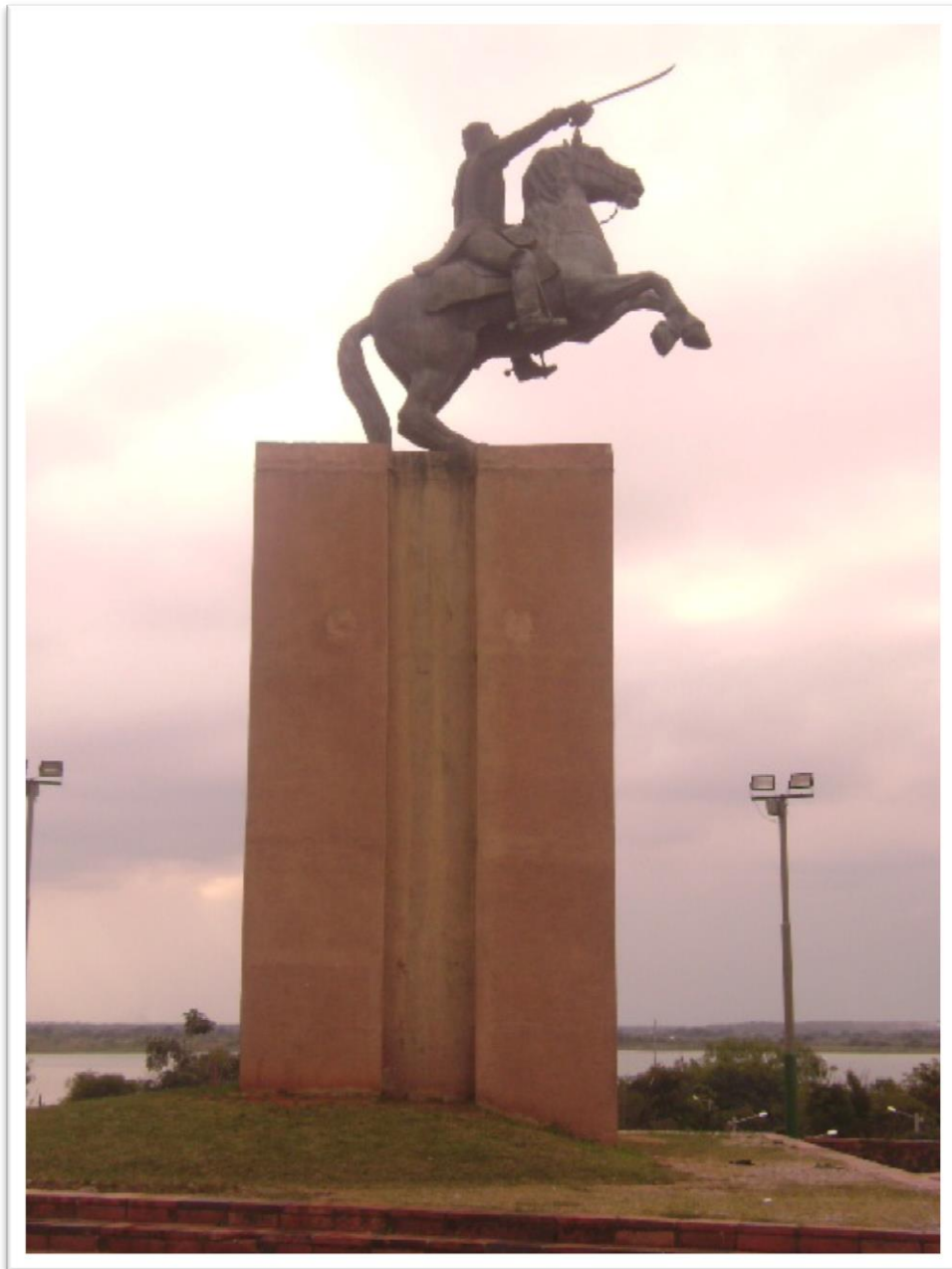
espacios públicos con los recuerdos de los lugares y de los jefes de la Guerra Grande;”, onde percebe-se a forte presença das lembranças da Guerra no “cotidiano” e na estrutura física das cidades paraguaias.



Panteón Nacional de los Heroes, localizado no centro histórico de Assunção. Sua construção foi finalizada em 1936, e trata-se de monumento em honra aos ‘heróis da Guerra’. Fonte: Marco Antonio Almeida Oliveira.

As colocações de Squinelo (2002) e Capdevila (2010) podem ser percebidas até nos dias atuais. É comum, em qualquer visita ao país vizinho, encontrar nomes de cidades, ruas, avenidas, praças e prédios públicos que fazem referência à Guerra da Tríplice Aliança. Dessa

maneira, a política nacionalista da ditadura de Stroessner agia de acordo com uma prática muito utilizada por outros governos em diversas partes do mundo. De acordo com Hobsbawm (1991, p. 111): “Os Estados e regimes tinham todas as razões para reforçar, se pudessem, o patriotismo estatal com os sentimentos e símbolos da comunidade imaginária, onde e como eles se originassem, e concentrá-los sobre si mesmos”.



Monumento representando Francisco Solano López as margens do Rio Paraguai, no centro histórico de Assunção. Fonte: Marco Antonio Almeida Oliveira.

Assim sendo, pode-se perceber que uma prática que teve início em meados do século XX e que foi consolidada pelo regime stronista, ainda encontra-se fortemente presente no cotidiano dos paraguaios, o que nos faz refletir que mesmo se tratando de uma ideologia fortemente nacionalista forjada pelo Estado, esta tornou-se tão enraizada naquele país, a ponto de ser entendida quase ou totalmente como algo natural.

Porém, convém destacar que o nacionalismo estatal também se fez presente no sistema educacional paraguaio onde os investimentos a respeito da construção e disseminação do “passado glorioso” da nação paraguaia eram bastante latentes. De acordo com Capdevila (2010, p. 226 e 227):

Desde 1936, los jefes del Paraguay independiente y de la guerra de la Triple Alianza, ocuparon un lugar importante en los manuales escolares. La enseñanza de la historia contemporánea paraguaya fue limitada desde entonces a la presentación de una edad de oro bajo el régimen del Dr. Francia y de los López, a la exaltación de la resistencia nacional contra la Triple Alianza y a la celebración de otra epopeya nacional, la de 1932-1935 en el Chaco contra los bolivianos. Grandes jefes y hechos de armas trazaban las líneas del espacio referencial enseñado por la pedagogia nacionalista.

Seguindo a perspectiva da citação acima, torna-se importante recorrer novamente a Squinelo (2001, p. 40 e 41), que após analisar alguns manuais escolares do sistema educacional paraguaio nos anos do stronismo, afirma o quanto presente e forte era o nacionalismo nos mesmos, principalmente no que diz respeito à Guerra do Paraguai. Assim segue a autora:

Em alguns livros que foram editados para atender tal estruturação educacional e em outros manuais, percebo que a *Guerra do Paraguai* é um tema privilegiado, que merece grande destaque. Ao contrário dos manuais brasileiros, a abordagem preferida não recai sobre a explicação das causas que teriam levado ao conflito e sim, sobre uma preocupação em legar informações que enalteçam a figura dos governantes paraguaios, sobretudo a de López II, que é cultuado e mitificado de acordo com os critérios revisionistas estabelecidos a época de Stroessner.

Assim sendo, percebe-se que a preocupação do regime stronista em disseminar o sentimento nacionalista e a mitificação dos “Heróis da Guerra”, principalmente a figura de Solano López, no sistema educacional do país, só vem a comprovar que esta prática é fundamental quando o Estado pretende enraizar determinada mentalidade em uma sociedade, uma vez que, estando sob o domínio do Estado, a educação passa a ser uma ferramenta de amplo alcance social, pois como afirma Ferro (1981, p. 58): “Não nos enganemos: a imagem que fazemos de outros povos, e de nós mesmos, está associada à História que nos ensinaram

quando éramos crianças”. Portanto, essas imagens quase míticas ainda presentes na memória e imaginário dos paraguaios, nada mais são, do que o resultado de uma educação calcada na legitimação e consolidação do Herói nacional, Francisco Solano López.

Assim sendo, a escola passou a ser, parafraseando Saviani (2003, p. 14): “uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado.” Neste caso, à escola foi atribuída a “missão” de socializar o conhecimento sobre a Guerra, conhecimento esse, implantado pelo Estado, de acordo com os seus parâmetros e interesses.

Para finalizar essa análise a respeito do uso da escola e demais instituições, ou então o controle dos meios de comunicação de amplo alcance em uma sociedade por parte do Estado, torna-se relevante destacar o raciocínio de Bourdieu (2009, p. 11), que dessa maneira sintetiza:

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados”.

Com a massificação de uma ideologia nacionalista, calcada na mitificação dos “Heróis da guerra”, principalmente Solano López, o regime stronista buscou consolidar seu governo, como sendo uma continuação do que fora vivenciado pelo Paraguai, nas primeiras décadas após a independência. Dessa maneira, Alfredo Stroessner mostrava-se como o herdeiro político dos López, dando continuidade à obra grandiosa iniciada pelos primeiros presidentes do país, seguindo com a mesma postura militarista, nacionalista e com um rígido controle político e social adotada por eles e que se fazia “necessária” para o desenvolvimento da nação paraguaia.

Sob as três décadas da ditadura de Alfredo Stroessner (1954-89), o *lopizmo* tornou-se onipresente, apoiado pelo Estado, e intelectuais que ousaram questionar a glorificação de Solano López foram perseguidos e, mesmo, exilados. Afinal, Stroessner apresentava-se como um continuador da obra do general Bernardino Caballero, fundador do Partido Colorado em 1887 e, nos anos da guerra, expoente do Exército paraguaio e homem de confiança de Solano López. O revisionismo paraguaio construiu, de Caballero, uma imagem militarista e de protegido e herdeiro político de Solano López (DORATIOTO, 2005, p. 86).

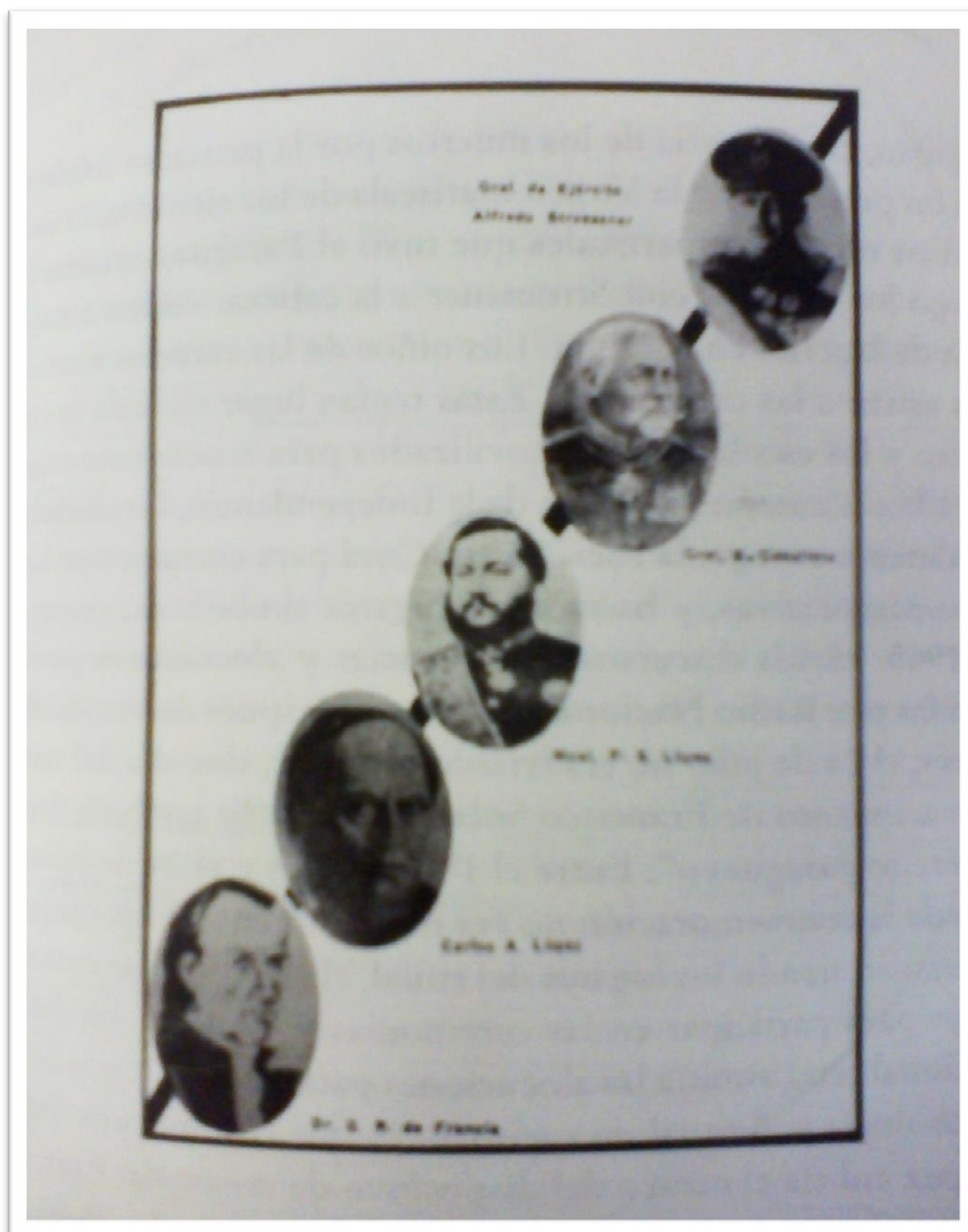
Outro autor que compactua dessa mesma perspectiva é Capdevila (2010, p. 229), que se refere ao extremo nacionalismo existente durante o regime de Stroessner como uma via de legitimação do atual sistema político perante a sociedade de um modo geral.

Alfredo Stroessner tenía una visión política de la historia nacional. Hizo de la misma un instrumento esencial del poder, proyectando sobre la relación con el pasado el cimientó de la unidad nacional, la legitimación de su régimen y el foco esclarecedor de las decisiones gubernamentales.

Assim sendo, ao enaltecer os “Heróis da Guerra” em seus discursos, Alfredo Stroessner buscava no nacionalismo e no patriotismo criar uma ideologia que lhe viesse a ser útil na consolidação de seu regime ditatorial. Nessa perspectiva, convém destacar as palavras de Moraes (2000, p. 72) que a esse respeito afirma: “Para isso, resgatou a memória dos grandes Heróis nacionais, principalmente a de Solano López, transformando-os em mitos, nos paradigmas do patriota, ao mesmo tempo que buscava comparar-se a eles”.

Semelhante constatação pôde ser percebida no trabalho de Farina e Paz (2008, p. 51), que pontua:

Stroessner pasó a ser bronce, una semideidad, una continuidad de los manes de la patria, el Segundo Reconstructor, descendiente político directo de Bernadino Caballero, quien a su vez había recibido los atributos del nacionalismo más puro de manos del Mariscal López.



Diagonal linear associando os principais líderes do Paraguai ao governo do então ditador, o General Alfredo Stroessner (de baixo para cima: José Gaspar Rodríguez de Francia, Carlos Antonio López, Francisco Solano López, Bernardino Caballero e Alfredo Stroessner). Fonte: Capdevila, 2010, p. 233.

Construindo esse elo com o passado glorioso da era Lopizta, Alfredo Stroessner buscava apresentar-se como sendo o herdeiro natural de López, buscando legitimar essa mentalidade em textos oficiais e escolares no qual ele é representado como o sucessor do Marechal, sendo o único dotado das condições necessárias para governar o país.

Los textos oficiales y los textos escolares, así como los historiadores que conformaron el círculo áulico do del gobierno, se encargaron de construir

ese Olimpo Político, donde el semidiós único e inalcanzable era Alfredo Stroessner, el hombre providencial que reató el hilo de la historia. Por algo había nacido en el mismo año en que moría Caballero. Todo estaba escrito desde siempre para que así sucediera. Ese era “el destino patrio” (FARINA & PAZ, 2008, p. 51).

Dessa maneira, o nacionalismo estatal da ditadura stronista buscava consolidar e enraizar um aparato ideológico que viesse a servir aos seus interesses. Para tanto, o patriotismo pregado pelo regime, consistia em buscar envolver o cidadão nos assuntos do Estado, fazendo com que o povo se sentisse parte integrante da nação e reconhecesse a atual ordem vigente como necessária e continuadora do passado glorioso do país, criando uma espécie de “paisagem nacional” na qual a sociedade se visse refletida (HOBSBAWM, 1991).

Com essa perspectiva nacionalista e patriótica, o regime stronista foi de extrema importância no processo de consolidação do “mito de Solano López” enquanto Herói nacional, digno de toda honra e respeito por parte da sociedade paraguaia, construindo assim, uma “ponte de ligação” entre o Herói Nacional e o então chefe do Estado, o General Alfredo Stroessner.

Em meio a essas constatações torna-se importante destacar o trabalho de Chauí (2007), que traz em sua obra *Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária*, uma análise precisa a respeito dos investimentos do Estado na construção de “mitos fundadores” que possam colaborar na consolidação e legitimação de uma conjuntura econômica, social e política vigente em um determinado momento histórico. Usando as palavras da autora:

Ao falarmos em *mito*, nós o tomamos não apenas no sentido etimológico de narração pública de feitos lendários da comunidade (isto é, no sentido grego da palavra *mythos*), mas no sentido antropológico, no qual essa narrativa é a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade (CHAUÍ, 2007, p. 9).

É seguindo a análise explicativa de Chauí (2007), que busquei compreender os métodos utilizados durante a ditadura de Stroessner, em meio a uma política de cunho extremamente nacionalista, que foi de significativa relevância na construção do “Herói Nacional” Francisco Solano López. Imagem Heroica que até hoje se encontra presente na memória e imaginário paraguaios como sendo exemplo de bravura, honra e coragem, características essas, que foram fundamentais na própria existência do Paraguai, enquanto Estado Nacional independente, após a derrota para os países da Tríplice Aliança.

2.3 – O mito do Herói Nacional presente na memória dos paraguaios

Como já foi mencionado acima, os investimentos do Estado ditatorial de Stroessner em recontar a Guerra da Tríplice Aliança, buscando enaltecer os feitos militares e a postura heroica do Marechal Francisco Solano López enquanto líder da nação, acabaram por disseminar e enraizar na cultura popular paraguaia uma quase ou total unanimidade a respeito do heroísmo de López que em nome da soberania nacional sacrificou a própria vida.

Dessa maneira, a construção do “mito de Solano López”, calcado numa ideologia fortemente nacionalista da ditadura de Stroessner, pode ser enquadrada no que Chauí (2007) chama de *Mito fundador*, na qual a Guerra da Tríplice Aliança e a figura de Francisco Solano López compõem a origem guerreira e nobre dos paraguaios, cabendo a eles honrarem seu passado glorioso, buscando o progresso e o desenvolvimento nacional, seguindo os moldes do passado, sendo o regime stronista a personificação desse passado no presente.

A autora ainda pontua:

[...] esse mito impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa nunca, que se conserva perenemente presente e, por isso mesmo, não permite o trabalho da diferença temporal e da compreensão do presente enquanto tal. Nesse sentido, falamos em mito também na acepção psicanalítica, ou seja, como impulso à repetição de algo imaginário, que cria um bloqueio à percepção da realidade e impede lidar com ela (CHAUÍ, 2007, p. 09).

Assim sendo, é comum ouvir relatos de paraguaios a respeito da Guerra e de Solano López, que na maioria das vezes nos leva a considerar o quanto se encontra viva na memória coletiva da população a versão financiada pelo Estado, a ponto de considerá-la quase como uma verdade inquestionável.

Aqui, torna-se importante fazer uma ressalva ao que se pode chamar de “pós-memória”, isto é, um conjunto de representações que se encontram presentes na memória das pessoas, porém, sem terem sido realmente vivenciadas pelas mesmas. Dessa maneira, as lembranças que os paraguaios guardam na memória sobre a Guerra da Tríplice Aliança ou sobre o “mito de Solano López”: “fazem parte de um cânone de memória escolar, institucional, política e familiar” (SARLO, 2007, p. 90).

Assim sendo, buscou-se no decorrer das entrevistas encontrar resquícios da influência da política nacionalista implementada durante o stronismo ainda presentes na memória e no imaginário dos paraguaios, para se ter uma maior compreensão sobre as interferências que a cultura de um povo sofre de um programa político e ideológico

financiado pelo Estado que visava construir heróis e mitos do passado que contribuíssem na legitimação do poder no presente.

Em todas as entrevistas realizadas pode-se constatar uma série de discursos comuns, principalmente no que diz respeito ao heroísmo de Solano López, que só vem a legitimar a presença do “mito de Solano López” enraizado na cultura paraguaia.

Quando questionados sobre o que lembram de terem aprendido na escola ou ouvido em qualquer outra situação a respeito da Guerra, a maior parte dos entrevistados destaca o heroísmo e a valentia de Solano López que lutou até a morte, mas não “entregou o país aos inimigos” da Tríplice Aliança:

Ele era um homem muito valente. Ele era um paraguaio meio “abugrado”, desses bugre corajoso mesmo. [...] Eles queriam queimá nossa bandeira, e ele, prá num deixá eles fazê isso, engoliu a bandeira. [...] Ele engoliu a bandeira pra não entregá a batalha. Por isso que falam que ele não entregô a batalha pro Brasil (Estanislada Montiel, entrevistada em Rio Brillante em junho de 2011).

Seguindo a análise dos relatos da dona Estanislada Montiel, percebeu-se em vários momentos de sua fala, a herança do discurso nacionalista personificado na figura de Solano López e que, fortemente patrocinado pela ditadura de Stroessner, permanece viva na memória de muitos paraguaios. Um exemplo disso é o fragmento do relato da entrevistada, citado abaixo:

Ele luto até a morte! [...] Ele não ia entregá a bandeira. [...] Ele falava que: “só ia entregá, se me matá!” [...] Os paraguaio tem muito orgulho da Guerra. [...] Até hoje tem o povo mais idoso que fala: “Em nome de Solano López!” [...] “Nós somos a raça de Solano López, nós não se entrega fácil!” [...] “Vamu lutá com Solano López!” (Estanislada Montiel, entrevistada em Rio Brillante em junho de 2011).

Esse discurso ganha ainda mais legitimidade quando se menciona o estudo sobre a Guerra do Paraguai feito por Bethell (2012, p. 45), que a respeito da lealdade dos paraguaios a Solano López, mesmo com a derrota eminente, destaca: “[...] as tropas paraguaias e, na verdade, o próprio povo paraguaio, mantiveram-se leais a Solano López, combatendo com uma tenacidade extraordinária e, no final, quando estava em jogo a sobrevivência nacional, com grande heroísmo”.

Porém, um dos momentos mais interessantes da entrevista de dona Estanislada Montiel sobre as lembranças que guarda na memória sobre o “mito de Solano López”, foi quando ela esboçou um relato associando o líder paraguaio durante a Guerra da Tríplice

Aliança a uma figura quase sagrada. Assim ela descreve: “Lá em Cerro Corá, a gente foi lá conhecê, tem o túmulo onde morreu Solano López. [...] Tem uma capela muito bonita e, um rio lá perto que o povo vai lá se banhá, porque dizem que é muito milagrosa essa água” (Estanislada Montiel, entrevistada em Rio Brilhante em junho de 2011).

Embora não tenha sido encontrado discurso semelhante ao relato acima citado em nenhuma outra entrevista, torna-se importante destacar essa lembrança, pois independente se essa crença existe realmente, ou se trata apenas de uma confusão da própria memória, isso só vem a legitimar ainda mais a imagem mítica de López, que para a entrevistada em questão, além de um Herói Nacional é também quase um santo milagreiro.

Seguindo a análise de relatos que repetem o heroísmo de López e reforçam a imagem mítica do mesmo, o senhor Francisco Paná¹⁸, em dado momento de sua entrevista, lembra:

Solano López morreu porque não quis entregá a bandeira do Paraguai. [...] Eles sempre falavam que se ele entregasse a bandeira, o Paraguai não existia mais. E ele não entregou. [...] Os paraguaio tem muito orgulho dele porque ele comeu a bandeira prá não entregá pro inimigo. Ele morreu pela pátria (Francisco Paná, entrevistado em Rio Brilhante em janeiro de 2012).

Seguindo a mesma corrente de pensamento, a entrevista com o senhor Antonio Martinês¹⁹, também muito contribuiu para se ter uma maior compreensão a respeito dessa “suposta” importância de Francisco Solano López à permanência do Paraguai enquanto nação soberana. Assim discorre o entrevistado:

Solano López não se entregou. Ele preferiu morrer do que se entregá! Porque se pegassem ele vivo, não ia existir mais o Paraguai. Eles tinha tomado tudo. [...] O Paraguai só existe até hoje por causa dele. [...] E pra mostrá que o Paraguai não ia se entregar, antes de morrer, ele engoliu a bandeira, pra não entregar nosso país (Antonio Martinês, entrevistado em Rio Brilhante em maio de 2012).

¹⁸ Paraguaio nascido na região de fronteira com o Brasil, o senhor Paná veio para o então estado brasileiro de Mato Grosso, como tantos outros daquele país, em busca de um bom emprego e melhores condições de vida.

¹⁹ Nascido em 1942, na Vila San Pedro, o senhor Antonio Martinês deixou o Paraguai em meados de 1958, com aproximadamente 15 anos de idade, abandonando a família com a qual perdeu totalmente o contato, vindo para o Brasil em busca de melhores condições de vida.

Complementando as falas anteriores, a paraguaia Cristina Servim²⁰, afirma: “Ele não entregou a bandeira, por isso ele morreu. [...] A gente aprendia isso na “escuela””. Por fim, ela completa, lembrando o que afirma ter aprendido na escola quando criança: “Ele lutou na guerra até o fim. [...] Depois de perdê todos os soldado, ele mandô mulher e criança pra luta, e só depois ele morreu. [...] Ele lutava num cavalo branco, bonito e falava que era “vencê ou Morrê””(Cristina Servim, entrevistada em Rio Brillante em janeiro de 2012).

Outro relato que muito contribui para se ter uma maior compreensão a respeito do uso do sistema educacional pelo Estado para consolidar o “mito de Solano López”, é o fragmento da entrevista do senhor Raimundo da Cunha. De acordo com suas memórias:

Ele era muito lembrado. Por ser Marechal, militar, ele era muito lembrado na escola. [...] Na escola a gente aprendeu que ele foi o Herói da pátria. Que não entregou a bandeira, porque se ele tivesse entregado a bandeira, o Paraguai não existia mais (Raimundo da Cunha, entrevistado em Rio Brillante em abril de 2012).

Dona Leonida Otero da Silva²¹ também compactua de semelhante lembrança. Segundo a entrevistada, a nação paraguaia só existe até hoje graças ao heroísmo de López, que em nome de seu povo sacrificou a própria vida, não entregando a bandeira nacional aos “inimigos”, pois como ela mesma pontua:

A gente estudava muito a história do Solano López e da Guerra da Tríplice Aliança [...] A gente ouvia todas essas histórias na escola [...] Pra nós paraguaio, ele é um herói, porque se não fosse ele o Paraguai não existia! [...] Ele foi muito valente, porque ele defendeu a nação e encarou ao mesmo tempo e sozinho, três países, lutando até o fim (Leonida Otero da Silva, entrevistada em Rio Brillante em abril de 2013).

²⁰ Nascida em Bela Vista, Paraguai, em 1953, veio para o Brasil com aproximadamente 25 anos junto com o marido, o paraguaio Francisco Paná, que também concedeu uma entrevista para a presente pesquisa.

²¹ Nascida em Orqueta no ano de 1952, dona Leonida Otero da Silva viveu no Paraguai até meados de 1975. Após conhecer e se casar com um brasileiro, veio com o marido para o Brasil, se estabelecendo na cidade de Rio Brillante, MS, onde vive até hoje, sendo proprietária de um estabelecimento comercial.



Imagem muito popular no Paraguai representando o Marechal Francisco Solano López em tempos de guerra contra a Tríplice Aliança. Fonte: www.erroluys.com/paraguayanwar.htm.



Placa com os dizeres “Vencer ou morrer”, em espanhol, que teria sido dito por Francisco Solano López pouco antes de ser assassinado pelo Exército Aliado. Esta placa se encontra fixada em um dos vários monumentos em lembrança a “bravura” de Solano López no Parque Nacional de Cerro Corá. Fonte: Marco Antonio Almeida Oliveira.

Percebe-se enfim, que o controle do sistema educacional paraguaio por parte do regime ditatorial do General Alfredo Stroessner fazia parte de uma rede organizada que visava consolidar uma ideologia nacionalista, mitificando o presidente Solano López e os feitos do Exército Nacional, que além de serem corriqueiramente lembrados nas salas de aula, também se faziam presentes em festas e desfiles cívicos para homenagear os “Heróis da Guerra”, que como bem sintetiza o senhor De Los Santos Mereles López, tinham por função: “Respeito pelo país e pelo hino nacional. Eles ensinavam a ser patriótico” (De Los Santos Mereles López, entrevistado em Dourados em agosto de 2012).

Naturalmente, os Estados iriam usar a maquinaria de comunicação, crescentemente poderosa junto a seus habitantes – sobretudo as escolas primárias – para difundir a imagem e a herança da “nação” e inculcar adesão a ela, bem como ligá-los ao país e à bandeira, frequentemente “inventando tradições”, ou mesmo nações, com esse objetivo (HOBSBAWM, 1991, p. 112).

Como bem destacou Hobsbawm (1991), a educação, muitas vezes, acaba por adquirir a função de transformar o nacionalismo e o patriotismo em parte integrante da identidade cultural de um povo e, nesse sentido, no Paraguai não foi diferente. Assim sendo, torna-se importante destacar a fala da dona Leonida Otero da Silva, que ao se lembrar da rotina escolar que os alunos deviam cumprir, só vem a fortalecer essa constatação. Assim segue o relato: “Todo dia, antes de começar a aula, a gente tinha que cantá o Hino Nacional, rezá o Pai Nosso, formá fila e jurá a bandeira” (Leonida Otero da Silva, entrevistada em Rio Brillante em abril de 2013).

Dessa maneira, pode-se constatar que o controle excessivo do sistema educacional paraguaio por parte do Estado ditatorial de Stroessner pretendia, além de consolidar uma mentalidade mítica de López, transformar a sociedade paraguaia, parafraseando Pacheco Neto²² (2011, p. 162-163): “[...] numa ampla coletividade de fantoches acríticos, cultores da pátria e passivos perante os desmandos governamentais”.

Convém lembrar que esse forte controle da educação durante o regime stronista, em momento algum fazia parte de um programa que visasse melhorar o ensino público do país para assim formar cidadãos mais conscientes e críticos, muito pelo contrário. Como bem conclui Baller (2008, p. 73):

O sistema político vigente não permitia e nem mostrava interesse em proporcionar o acesso interno à tecnologia e a educação, evidenciando com isso uma das máximas da política ditatorial, a de que a imposição da ignorância é um elemento de domesticação social.

A respeito da prática do Estado em buscar inculcar na mentalidade paraguaia o nacionalismo e o culto aos “Heróis da Guerra”, torna-se importante lembrar, que isso não ocorrera de maneira rápida e simples, muito pelo contrário, trata-se de um processo lento que aos poucos foi introduzindo no cotidiano da nação a valorização desses ícones da história do Paraguai, que de acordo com o que se pretendia difundir e enraizar na cultura paraguaia, seriam os responsáveis pela manutenção do Paraguai enquanto país independente, mesmo após a derrota nos campos de batalha para as tropas Aliadas. Nesse sentido cabe mencionar as

²² É importante pontuar que o trabalho de Pacheco Neto (2011), faz uma análise sobre as representações míticas do bandeirante paulista presentes nos livros didáticos do Brasil. Porém as conclusões a que o autor chegou se encaixam perfeitamente a realidade paraguaia, no que diz respeito aos interesses do Estado em investir na construção de mitos nacionais que legitimassem o poder vigente e consolidasse uma mentalidade acrítica e passiva da sociedade perante o Estado.

conclusões de Soler (2007, p. 41), que aponta de maneira precisa como se deu o processo de penetração do lopizmo no calendário cívico do país vizinho:

[...] los principales pensadores del revisionismo histórico paraguayo - “lopizmo”- promocionaron el festejo del cumpleaños de López en 1926. Una década después, luego de que su cumpleaños, el 24 de julio, fuera fecha de recordación en el calendario escolar, el presidente de la República, Coronel Rafael Franco, le sumó el primero de marzo, día de la muerte. No es de sorprender, entonces, que a partir de 1957 se elaborara un calendario oficial de festejo del cumpleaños de Stroessner, convertido, al igual que los otros, en liturgia pública de veneración al líder.

Percebe-se então que aos poucos foi sendo introduzido no calendário cívico da nação paraguaia uma série de festejos fazendo menção à Guerra da Tríplice Aliança, onde pretendia-se homenagear e heroizar alguns dos mais importantes chefes militares que comandaram as tropas paraguaias durante o conflito, principalmente o Marechal Francisco Solano López.

Porém, outro aspecto que Soler (2007) destaca, é que buscando igualar-se a esses “Heróis da Pátria”, o General Alfredo Stroessner acabou por introduzir no calendário cívico do país um festejo em comemoração ao seu próprio aniversário, o que demonstra claramente a sua intenção de associar a sua imagem à esses “ícones” da história do Paraguai.

Por fim, sobre esse feriado cívico em que se comemorava e homenageava o aniversário do ditador paraguaio, o senhor Henrique Neri Kind lembra de fatos que acabam por confirmar o real interesse de Stroessner de ter a sua imagem associada à de Solano López:

Em Assunção se comemora o dia 3 de novembro, que é o dia do aniversário do Stroessner. Tem gente até hoje que guarda esse dia. E na época do Stroessner era feriado nacional. [...] Tinha até uma música que cantavam em homenagem a Stroessner, que era mais ou menos assim:

“Adiante, adiante
Meu querido General
Em mim vive a esperança
De um dia ser um Marechal”
(Henrique Neri Kind, entrevistado em Rio Brillante em janeiro de 2013).

Seguindo com os relatos referentes às interpretações que muitos paraguaios guardam na memória sobre a Guerra da Tríplice Aliança, um fato marcante me chamou a atenção quando entrevistei o senhor Vanderlei Correia de Souza. Em seu discurso, ficou claramente visível a insistência dele em não aceitar o que é ensinado nas escolas brasileiras sobre o conflito entre os Aliados e o Paraguai. Ele, que durante a infância estudou no Paraguai e que depois de muitos anos, já adulto, voltou a estudar no Brasil, diz não entender e não concordar

com o que lhe foi ensinado aqui, pois segundo ele, aquilo que aprendeu no país vizinho realmente aconteceu. A bravura de Solano López é para ele, algo inabalável, assim como o suposto fato do Marechal paraguaio ter engolido a bandeira nacional num sinal de não entregar a nação aos países Aliados, dando a vida em nome da soberania de seu país.

Percebe-se então que essa ideologia fortemente nacionalista, quando é exageradamente implementada pelas escolas, principalmente para as crianças, como ocorrera no Paraguai durante o stronismo, acabou por contribuir para a formação de uma interpretação unilateral e inquestionável da Guerra, não sendo permitida nenhuma forma de contestação.

Seguindo com outros relatos a respeito de Francisco Solano López, o senhor Raimundo da Cunha enfatiza o heroísmo do líder paraguaio que, independente de ter levado o país à derrota nos campos de batalha, lutou até o fim, sem render-se, tudo em nome da soberania da nação paraguaia: “Ta certo que ele perdeu a guerra e também a metade do país. Mas ele não entregou nossa bandeira, por isso que o Paraguai existe ainda. [...] Ele morreu pela pátria!” (Raimundo da Cunha, entrevistado em Rio Brilhante em abril de 2011).

Raciocínio semelhante sobre a importância de Solano López para o Paraguai se mostra presente na fala do senhor Francisco Fabiano Céspedes Ajárve²³, que conclui da seguinte maneira: “Lá dentro ele é como um Heroi, embora ele tenha feito umas “cagada” lá, durante a guerra, ele morreu como um Heroi” (Francisco Fabiano Céspedes Ajárve, entrevistado em Rio Brilhante em junho de 2012).

Percebe-se com esses dois últimos relatos, que mesmo tendo sido o Paraguai derrotado pelos Aliados na Guerra, o heroísmo de López jamais é abalado, já que para boa parte dos paraguaios, o importante foi a bravura do Marechal em não entregar a bandeira nacional para os inimigos, garantindo dessa forma, a existência do Paraguai. Nesse sentido torna-se relevante lembrar a fala de Cohen (2012, p. 21) que, em artigo publicado na Revista de História da Biblioteca Nacional, sobre a Revolução Constitucionalista de São Paulo ocorrida em 1932 durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas, traz uma constatação importante a respeito do orgulho dos paulistas em relação ao movimento revolucionário mesmo após a derrota para o Exército Nacional, pois segundo a autora houve “uma vitória moral: “Perdemos mas vencemos” tornou-se a versão oficial do episódio”, que muito tem em comum com o sentimento dos paraguaios em relação a Guerra da Tríplice Aliança.

²³ Nascido na cidade paraguaia de Pedro Juan Caballero, em 1971, na fronteira com a cidade brasileira de Ponta Porã, o senhor Ajarve passou toda a infância e adolescência, transitando nessa fronteira seca entre os dois países, até que próximo de alcançar a maioridade, ele mudou-se definitivamente para o Brasil, onde constituiu família, vivendo atualmente na cidade de Rio Brilhante, MS.

De acordo com parte do relato do senhor Henrique Neri Kind, quando questionado a respeito das festividades cívicas que ocorriam e ainda ocorrem no Paraguai fazendo menção a datas importantes para a história do país, ele afirma: “Lá o povo é muito patriótico. Quando é época de comemorar a independência do Paraguai ou pra lembrá a Guerra da Tríplice Aliança, todo mundo celebra, comemora e respeita muito também” (Henrique Neri Kind, entrevistado em Rio Brillante em janeiro de 2013).

Discurso semelhante se encontra presente na fala da dona Leonida Otero da Silva, que ao lembrar desses eventos cívicos que ocorriam anualmente no país vizinho, destaca a participação obrigatória das escolas:

Tinha desfiles várias vezes no ano, como tem até hoje. Dia 14 de maio, 1º de março. [...] E quando a gente estudava a gente desfilava. Era obrigado a desfilá, cada colégio tinha que apresenta seus alunos, em respeito aos Heróis da pátria (Leonida Otero da Silva, entrevistada em Rio Brillante em abril de 2013).

Já na fala do senhor Arnaldo Freitas Loza, percebe-se um certo tom nostálgico, quando o mesmo lembra dessas festividades: “O desfile lá, pra comemorar a Guerra do Paraguai, é muito bonito, coisa linda de se vê! [...] Eu mesmo, participei muitas vezes. Era lindo! [...] E todo mundo assistia o desfile, [...] coisa linda demais!” (Arnaldo Freitas Loza, entrevistado em Dourados em maio de 2012).

Outro relato a respeito dos desfiles cívicos comuns no Paraguai em homenagem aos Heróis da Guerra, principalmente nos anos da ditadura de Stroessner, encontra-se na entrevista da dona Estanislada Montiel. Assim ela lembra: “Na época da ditadura tinha os desfile em nome do Solano López, com toda a representação dele, [...] ele andando de cavalo. Tudo pra homenageá-lo” (Estanislada Montiel, entrevistada em Rio Brillante em junho de 2011).

Voltando a citar trechos da entrevista do senhor Henrique Neri Kind, quando o mesmo foi questionado sobre a importância de Solano López para a nação paraguaia, ele afirma veementemente:

O López defendeu a nossa terra, o nosso país, e isso é verídico. Ele é lembrado até hoje como o nosso herói por defender a terra e não entregá a bandeira! [...] O que ele fez? Ele comeu a bandeira pra não entregá o país na mão do inimigo. [...] Ele falô: “Eu muero con mi pátria e por mi pátria!” (Henrique Neri Kind, entrevistado em Rio Brillante em janeiro de 2013).

Com a exposição dos relatos desses paraguaios, percebe-se que as opiniões a respeito do “mito de Solano López”, são resultado de um intensivo projeto do Partido Colorado e da ditadura stronista em recontar a história da Guerra da Tríplice Aliança, com o intuito principal de construir e consolidar a imagem do “Herói Nacional”, buscando associar o passado glorioso e honroso da nação com os detentores do poder naquele momento.

Dessa maneira, torna-se relevante citar as palavras de Volpato (1985, p. 17), que ao tratar do mito construído e fortemente disseminado ao longo dos anos em relação à figura do bandeirante paulista no Brasil, muito se encaixa com as discussões aqui feitas a respeito do “mito de Solano López”. Assim ela conclui: “Essa versão mítica está tão amplamente divulgada e profundamente enraizada, que faz parte do senso comum e é tida e aceita como concreta e definitiva”.

Por fim, deve-se levar em consideração também que, essa visão mítica de Solano López como “Herói Nacional”, embora seja quase uma unanimidade entre os paraguaios, não é compartilhada por todos. Discursos opostos aos que foram apresentados até o presente momento, foram detectados na fala do senhor De Los Santos Mereles López, que esboça uma opinião contrária à da maioria dos paraguaios entrevistados. Segundo suas palavras: “[...] ele não é um Herói e sim um ditador fanático. Esse fanatismo dele acabou com o país! [...] Ele era um ditador e foi ele quem destruiu o país, porque ele podia tê resolvido tudo com diplomacia, ma ele não quis” (De Los Santos Mereles, entrevistado em Dourados em agosto de 2012).

Discurso semelhante ao acima citado encontra-se presente na fala do senhor Francisco Fabiano Céspedes Ajarve. Embora ele tenha confirmado a presença dessa interpretação mítica a respeito de Solano López, o entrevistado lembra que a história ensinada no Paraguai é diferente da que é ensinada aqui no Brasil, o que para ele é um sinal de que não se deve confiar plenamente no que aprendeu na escola, quando vivia no Paraguai. De acordo com o entrevistado:

É que na verdade, a história dele, lá dentro do Paraguai, distorce muito do que aconteceu de verdade né, bom eu acho né, porque se você pega um livro de história de lá do Paraguai, você vai percebê que tem um monte de coisa diferente do que se estuda aqui (Francisco Fabiano Céspedes Ajarve, entrevistado em Rio Brillhante em junho de 2012).

Pode-se concluir com esses dois últimos relatos que, embora o culto a Solano López ainda esteja fortemente presente na cultura popular paraguaia, muito disso devido às práticas

do Estado em sempre buscar enaltecer e relembrar os feitos dos “Heróis da Guerra”, há porém, aqueles que divergem ou pelos menos não acreditam cegamente no que é divulgado as massas, seja pelos meios de comunicação, pelo sistema educacional ou ainda pelas celebrações cívicas comuns no país, mostrando que jamais será possível alcançar uma unanimidade a respeito de determinado assunto, pois a mente humana leva cada um a tirar suas próprias conclusões, que são resultado de uma variedade de questões sociais, políticas e ideológicas que compõem a mentalidade e memória de cada cidadão, pois como bem nos lembram Le Goff e Nora (1976, p. 13):

A história social se prolonga na história das representações sociais, das ideologias, das mentalidades. Aí descobre um jogo complexo de interações e deslocamentos que torna impossível um recurso simplista às noções de infraestrutura e superestrutura.

Nesse sentido, deve-se levar em consideração também o lugar social de cada entrevistado e o seu grau de escolaridade, pois esses aspectos são de relevante importância para se ter uma maior compreensão a respeito das diferenças entre os discursos dos paraguaios tanto a respeito do “Mito de Stroessner” (que será abordado no capítulo 3 da dissertação), como do “Mito de Solano López”.

Além do mais, no que diz respeito à entrevista do senhor De Los Santos Mereles López, percebeu-se ao longo de toda a sua fala a repulsa à ditadura stronista, quando o mesmo lembra do forte autoritarismo a que ele e toda a sociedade paraguaia estiveram submetidos, sem esquecer que ao tratar do “mito de López”, o entrevistado se colocou contrário a ideologia nacionalista difundida pelo Estado e repetida pela maioria dos paraguaios.

Em um momento de sua entrevista, o senhor De Los Santos Mereles López, quando questionado sobre o que sabe ou lembra sobre Francisco Solano López e a Guerra da Tríplice Aliança, ele faz menção à companheira do Marechal paraguaio, Elisa Lynch, referindo-se a ela da seguinte maneira:

Ele [Francisco Solano López] pegou uma mulher francesa, a madame Elisa Lynch e até teve filho com ela e tal. [...] E se ela falasse qualquer coisa do tipo: fulano de tal me propôs qualquer coisa”, ele já mandava fuzilá. [...] Então, são coisas que eu não concordo (De Los Santos Mereles López, entrevistado em Dourados em agosto de 2011).

Ao acusar Solano López de ditador e Elisa Lynch de conspiradora, percebe-se na fala do entrevistado, uma postura contrária a outra prática do regime ditatorial do General Alfredo

Stroessner, que em sua preocupação em enaltecer os “Heróis da Guerra”, também não se esqueceu da companheira do Marechal López, declarando-a, em 1961, “heroína nacional” (LILLIS & FANNING, 2010).

Assim sendo, o senhor De Los Mereles López, além de não concordar com tal título dado a Elisa Lynch pelo General Alfredo Stroessner, ainda repete um discurso muito difundido fora do Paraguai e ainda comumente repetido até os dias atuais:

Fora do Paraguai, o ponto de vista predominante até hoje é que Elisa exerceu influência ilimitada e maléfica sobre López. Acredita-se que ela criou nele a ambição de ser o Napoleão da América do Sul, levando-o a iniciar a guerra. Em seus últimos anos, teria até incitado López a cometer crueldades contra seu próprio governo e o povo, contribuindo para a tortura e a execução de centenas de cidadãos (LILLIS & FANNING, 2010, p. 66).

Dessa maneira, pôde-se detectar uma série de questões interessantes sobre o “mito de Solano López” presente na memória dos paraguaios. Primeiramente, se constatou que devido a um forte investimento do Estado em construir essa imagem mítica de Solano López perante a sociedade de um modo geral, acabou-se por construir um imaginário comum de que o líder do país durante a Guerra da Tríplice Aliança, realmente foi um homem de grandeza quase que inalcançável, que em nome da nação paraguaia, entregou a própria vida.

Além disso, percebeu-se que esse imaginário encontra-se ainda muito forte entre os paraguaios que continuam mantendo e preservando esse discurso nacionalista, que acabou por tornar-se um aspecto cultural muito marcante dentro do Paraguai.

Por fim, nota-se que embora o “mito de Solano López” enquanto herói nacional seja muito forte entre a maioria dos paraguaios, existem alguns discursos que contrariam essa tendência ao demonstrarem certa inquietação a respeito dessa super valorização de López II, que nesses casos não o consideram um herói e sim um governante que assim como os demais, apresentam pontos positivos e negativos, o que nos remete a considerar um emaranhado de situações ideológicas, políticas, sociais e culturais que somadas compõem uma interpretação particular que cada cidadão paraguaio apresenta sobre a sua própria história.

CAPÍTULO 3 - MEMÓRIAS SOBRE O STRONISMO: ENTRE AS IMAGENS DO “GRANDE ESTADISTA” E A DO “SANGUINÁRIO DITADOR”

3.1 – Alfredo Stroessner na memória paraguaia

A ditadura do General Alfredo Stroessner (1954-1989) certamente deixou marcas profundas no Paraguai. Primeiramente, por tratar-se da mais longa ditadura da história do país (35 anos de duração)²⁴. Além disso, a nação paraguaia passou por uma série de transformações tanto na economia, com investimentos em infra-estrutura e o estreitamento de relações com outros países, em particular com o Brasil e os Estados Unidos, como na política, ao adotar um regime extremamente opressor, não sendo permitida nenhuma forma de oposição partidária, ou então realizando eleições presidenciais com resultados forjados, somente para passar a imagem de um governo democrático e livre, o que não condizia com a realidade vivenciada pelos paraguaios.

A respeito dessa pretensa ideia de passar a imagem, tanto à sociedade paraguaia quanto ao cenário internacional, de que o regime de Stroessner era defensor da democracia e que respeitava os direitos dos cidadãos, é importante destacar que, para transmitir essa atmosfera positiva de seu governo, não eram poupados esforços para forjar e camuflar a verdadeira realidade opressora e autoritária daquele período. Na verdade havia uma dualidade no discurso do Presidente General como bem observa Farina e Paz (2008, p. 104):

Había dos lógicas apareadas en un mismo plano discursivo. Se mantenían en los papeles las formas legales y procesales, propias de una república democrática. Pero cada vez que éstas chocaban contra los intereses del poder autocrático prevalecía una inescrutable pero efectiva “orden superior” que demostraba que todo era un espejismo. Durante más de tres décadas los políticos colorados se encargaron de ofrecer las más ocurrentes justificaciones políticas a las insalvables contradicciones que esta doble lógica imponía al sistema de justicia paraguayo.

Com semelhantes constatações, Sóler (2007, p. 43) destaca que o regime stronista conseguiu frente ao cenário internacional, construir uma imagem democrática de seu governo por manter “las fachadas necesarias” que legitimavam essa aparência, tais como: a realização periódica de eleições, a existência de partidos políticos e a manutenção de reformas

²⁴Aqui convém destacar, a título de curiosidade, que a ditadura do General Alfredo Stroessner foi mais longa que os governos dos primeiros presidentes do Paraguai, constantemente lembrados nos discursos nacionalistas do regime stronista. Seis anos a mais que o governo de Francia e cinco a mais que o governo dos López (SOLER, 2007).

constitucionais que acabaram por mascarar a verdadeira face da ditadura, onde os opositores políticos e demais agremiações partidárias e sociais sofriam forte perseguição, não havia liberdade de imprensa nem de expressão e o sistema eleitoral era marcado por fraudes e demais formas de manipulação por parte do Estado (SÓLER, 2007).

Porém, é na memória daqueles que viveram no Paraguai nesse período, que as marcas deixadas pelo regime stronista, se encontram mais latentes e visíveis. Os relatos a respeito da ditadura de Stroessner trazem informações interessantes e que foram ainda pouco exploradas, e que devem ser levadas em consideração para se ter um olhar mais amplo a respeito da percepção do povo frente a realidade por eles vivenciada. Para isso, o trabalho com História Oral torna-se imprescindível, pois como pontua Thompson (1992, p. 19):

A história oral possibilita novas versões da história ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores. (...) Propicia, sobretudo, fazer da história uma atividade mais democrática, a cargo das próprias comunidades, já que permite construir a história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e participaram de um determinado período, mediante suas referências e também seu imaginário.

Seguindo essa perspectiva, torna-se importante relembrar que essa nova maneira de se encarar a História e os métodos que os historiadores deveriam utilizar ao trabalhar e analisar as suas fontes começou a ser discutida e repensada desde o desenvolvimento e fortalecimento da *Escola dos Annales* pelos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre nas décadas de 1930 e 1940. A partir de então, a História Tradicional, que valorizava as fontes oficiais como as únicas confiáveis e de conteúdo inquestionável, foi sendo deixada para trás, dando espaço a novas vertentes que acabaram, não raras vezes, desmistificando a chamada “História Oficial” e dos “grandes nomes do meio político e econômico” e reconstruindo fatos e informações até então deixados de lado.

Seguindo essa perspectiva, torna-se importante destacar a fala de Foucault (2010) que, dentre outros aspectos, revela a necessidade de se ter acesso ao maior número de informações possíveis, para assim obter uma compreensão mais ampla e satisfatória sobre determinado fato histórico. Para tanto, torna-se imprescindível levar em consideração toda uma variedade de acontecimentos e situações que contribuíram para o fato em questão. Assim o autor sintetiza:

Certamente a história há muito tempo não procura mais compreender os acontecimentos por um jogo de causas e efeitos na unidade informe de um grande devir, vagamente homogêneo ou rigidamente hierarquizado; mas não

é para reencontrar estruturas anteriores, estranhas, hostis ao acontecimento. É para estabelecer as séries diversas, entrecruzadas, divergentes muitas vezes, mas não autônomas, que permitem circunscrever o “lugar” do acontecimento, as margens de sua contingência, as condições de sua aparição (FOUCAULT, 2010, p. 56).

É seguindo essa perspectiva que busquei guiar esta pesquisa, ao entender que o imaginário e a memória a respeito do ditador paraguaio Alfredo Stroessner foram resultado de um emaranhado de questões que não devem ser entendidas e analisadas de maneira isolada, mas sim como uma “teia” de situações que estão intrinsecamente interligadas e que, dessa maneira, contribuíram diretamente na construção de uma “realidade”, que fez ou ainda faz parte da vivência de muitos paraguaios.

Por se tratar de um regime ditatorial marcado pela violência e opressão, acreditava-se que seriam unânimes os discursos contrários a Stroessner ou que pelo menos, seriam poucos os que se colocassem favoráveis à ditadura. Porém, o que se observou foi justamente o contrário, são vários os relatos de entrevistados que lembram da “Era Stroessner” com uma nostalgia curiosa. Tratam-se de falas que representam aquela fase como tendo sido um período de uma estabilidade política até então nunca vista no país, ou então de um momento único na economia do Paraguai, com um acentuado desenvolvimento econômico, além de investimentos na infra-estrutura paraguaia, que só trouxeram benfeitorias a nação.

Se para uns, Alfredo Stroessner foi um exemplo de presidente, para outros foi um ditador sanguinário que promoveu prisões arbitrárias, o uso constante da violência e o total desrespeito aos Direitos Humanos, indo de encontro com o que é apresentado na maioria das publicações a respeito desse período.

Em muitos relatos, o medo da ditadura era tão forte a ponto de se acreditar em “histórias macabras” envolvendo diretamente o ditador paraguaio. São vários os discursos que enfatizam esse mito, já que nunca fora devidamente esclarecido, de que o General, por ser portador de uma grave doença na pele, supostamente lepra, ordenava a execução de seqüestros em massa de crianças, que após serem mortas, tinham o seu sangue retirados para que fossem utilizados no tratamento dessa doença, tratamento este, que consistia no banho com o sangue das crianças executadas.

Assim sendo, o trabalho com a História Oral possibilita aos estudiosos da história o acesso a uma outra visão dos acontecimentos históricos, que seria a percepção do povo frente à História. Além disso, algo que me pareceu bastante claro ao analisar as entrevistas, foi que a memória individual que cada um carrega em si, nem sempre é condizente com a de outras

peessoas, o que nos remete a uma infinidade de informações distintas em alguns aspectos e semelhantes em outros. Nesse sentido convém destacar as palavras de Alberti (2006, p. 55): “a História Oral permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”.

Nessa perspectiva, cabe lembrar que as informações presentes na memória das pessoas muito podem contribuir no que diz respeito a se obter novas informações sobre determinado contexto histórico e, que cabe aos historiadores, sociólogos e antropólogos trabalhá-la, na perspectiva de utilizá-la como mecanismo capaz de valorizar a coletividade em meio a uma história sempre atrelada aos detentores do poder (LE GOFF, 1992).

Sendo assim, as entrevistas realizadas demonstram na memória dos paraguaios, uma certa dualidade a respeito da figura do General Alfredo Stroessner, ora lembrado como um “Grande Estadista”, ora como um “Sanguinário Ditador”. Dessa maneira, busquei analisar os vários aspectos que contribuíram para a formação desse imaginário até hoje presente na memória dessas pessoas, assim como compreender esse mundo de representações que certamente tem muito a contribuir para melhor se entender como as pessoas reagem em meio a um período tão autoritário e opressivo.

3.2 – Estabilidade política, social e econômica: falsos instrumentos

A história do Paraguai, desde o fim da Guerra da Tríplice Aliança até meados da década de 50 do século XX, não apresentou grandes avanços. Tanto nos setores relacionados à economia ou às instituições políticas e sociais pode-se dizer que o país encontrava-se estagnado, ou mais ainda, numa situação extremamente caótica.

No campo, a maior parte das terras se encontrava nas mãos de um grupo muito pequeno, que as explorava de maneira limitada e incipiente, dedicando-se basicamente à exploração florestal e à pecuária extensiva. Cabe lembrar ainda, que havia um grande número de camponeses sem terra que viviam em péssimas condições, isso devido em grande parte à concentração de terras nas mãos de um grupo muito reduzido de grandes latifundiários, na maioria das vezes de estrangeiros, principalmente brasileiros, que detinham grandes extensões de terra nas áreas fronteiriças (BALLER, 2008).

No setor industrial, pode-se dizer que o Paraguai se encontrava numa situação de total atraso em relação a outros países, já que o número de indústrias era muito reduzido, com práticas ainda artesanais e domésticas e, as poucas grandes empresas estavam quase sempre ligadas a investidores estrangeiros (MORAES, 2000).

Por fim, como já fora mencionado anteriormente, a situação política do Paraguai encontrava-se gravemente instável, isso devido principalmente as divergências políticas e ideológicas entre Colorados e Liberais, resultando em constantes Golpes de Estado e/ou disputas pelo controle político do país (MENESES, 1996).

Em meio a essa instável situação que afetava vários setores do país, a ascensão do General Alfredo Stroessner ao poder acabou por ir de encontro com os interesses de boa parte da nação paraguaia que ansiava por uma mudança radical e que passaram a depositar em Stroessner as esperanças de um futuro melhor.

Levando em consideração essa somatória de fatores, que de certa forma contribuíram para a aceitação de Alfredo Stroessner pelo povo, recorro a Moraes (2000, p. 52), que assim sintetiza: “[...] essa situação é excelente para o surgimento do “grande líder”, ou seja, daquele indivíduo que se apresenta como o único capaz de pacificar o país e, mais do que isso, de levá-lo a um processo de desenvolvimento e de modernização”.

A partir de então, a “dita” estabilidade política alcançada durante a ditadura de Stroessner, que devido a um conjunto de medidas bastante repressoras pôs fim a qualquer manifestação contrária ao seu regime, passou a ser usada como propaganda de governo. Dessa maneira, passou-se a defender que, devido à postura “rígida” de Stroessner, a violência havia diminuído em grande proporção, resultando numa melhoria na vida da população, que antes estava à mercê de governos incapazes de manter a ordem social, gerando medo e terror entre os paraguaios, que se sentiam desamparados.

A partir daí, a figura de Stroessner passou a ser associada à de um líder que lutava contra qualquer movimentação que pudesse vir a ser prejudicial ao povo paraguaio. Assim sendo, esse excesso de propaganda positiva a respeito do ditador e o controle e censura de todos os veículos de informação que maculassem essa imagem que era vendida pelo Estado, acabaram convencendo muitas pessoas de que ele fora responsável pelo bem-estar social do povo que, desse momento em diante, teria passado a viver melhor, sem os medos que a instabilidade social e política causavam.

Aqui convém abrir um parêntese para citar a análise de Paz (1997, p. 15), que ao tratar da censura à imprensa por parte do regime stronista, expressa-se da seguinte maneira:

Acercarse a la verdad a partir de las versiones periodísticas u oficiales de la época sería un ejercicio inútil. Las noticias sobre política nacional publicadas en los periódicos de entonces eran atterradoramente previsibles y pueriles. Guiados por una autocensura, los redactores de los diarios escribían mansamente sobre cualquier tema social, desportivo, municipal, artístico o

sobre la situación internacional, sin arriesgarse jamás a rozar una opinión crítica sobre lo esencial: se vivía en una dictadura hecha y derecha.

Nesse sentido, percebe-se que a construção de um discurso favorável ao regime torna-se fundamental para a legitimação e aceitação do mesmo pela sociedade de um modo geral. Com práticas comuns a todos os regimes ditatoriais, o controle e seleção do que deve ser divulgado às massas tem por função disseminar e consagrar uma mentalidade submissa e satisfeita com o poder em questão (FOUCAULT, 2010).

Essa postura de defensor do bem-estar social paraguaio, além de ser explorada pela propaganda política do governo, também era defendida por órgãos estrangeiros no país. Como exemplo, destaco o trecho de uma declaração do Coronel norte-americano Waitt, presente na obra de Laino (1979, p. 30 e 31), que assim se referiu ao regime de Stroessner:

O coronel Waitt declara em Asunción que em sua solitária luta contra o comunismo o presidente Stroessner tem sido criticado por muitos. “Me pergunto contudo, acrescenta, quanta gente parou para pensar que sem a sábia liderança de Alfredo Stroessner não haveria tranquilidade; não se poderia apreciar sua formosa música”. “Sua tranqüila campina – prossegue – poderia estar cheia de fogo mortífero das armas que levam desolação e luto aos lares, que não haveria gente feliz que pensa a espera um amanhã melhor como agora”. O alto chefe militar norte-americano continua: “Vocês tem um paraíso aqui. Um dos últimos refúgios nesse mundo em que devemos viver. É nele que o homem pode encontrar paz para si mesmo e sua família”. Destaca em seguida o valor das Forças Armadas do Paraguai afirmando que nunca viu em país algum, salvo os Estados Unidos, sua disciplina, moral e espírito de luta. Conclui mencionando a sorte do Paraguai de possuir como líder um homem “a quem tenho o orgulho de chamar meu amigo: o general de Exército Alfredo Stroessner”.

Percebe-se que com todos esses elogios à figura de Stroessner, vindos de um militar de alta patente do exército norte-americano, a imagem positiva que o governo tentava demonstrar ao povo paraguaio só veio a ganhar força. Provavelmente essa fala deve ter sido muito bem explorada pela propaganda de governo do ditador, que com a elaboração de um discurso enaltecedor às práticas do regime e uma forte disseminação do mesmo, contribuíram para a formação de uma memória coletiva que acreditava nos avanços pelos quais o país estava passando e, dessa maneira, tornaram-se “defensores” da Ditadura Militar.

Toda a arte do orador talvez consista em passar aos que o escutam a ilusão de que as convicções e as sensações que neles desperta não lhes foram sugeridas de fora, mas surgiram neles mesmos, que o orador apenas adivinhou o que se criava no segredo de uma consciência e se limitou a emprestar-lhes sua voz (HALBWACHS, 2006, p. 64-65).

Outro aspecto que deve ser destacado é o que Moraes (2000, p. 21) chamou de “política extremamente paternalista e assistencialista”, que de acordo com a autora foi muito praticada por Stroessner e pelo Partido Colorado e, que certamente contribuiu para o fortalecimento da popularidade do ditador paraguaio, principalmente entre os grupos sociais mais desfavorecidos. Assim segue a autora:

Esse tipo de prática em um país que apresentava altos índices de pobreza e que não possuía nenhum tipo de previdência ou assistência para a sua população, sem dúvida, só poderia conquistar o apoio daqueles que se viam, dessa forma, minimamente protegidos.

Declarações que legitimam a afirmação acima estão presentes em diversos momentos de uma entrevista realizada com o senhor Antonio Martinês, que assim se refere ao período em questão: “Tá certo que antes dele não tinha nada no Paraguai, era tudo miserável. Mas foi com ele que as coisas começaram a melhorar” (Antonio Martinês, entrevistado em Rio Brilhante em maio de 2012).

Um aspecto que ficou claro ao longo da entrevista com o senhor Martinês, foi que ele, desde o início de sua fala, mostrou-se contrário ao Partido Liberal e partidário dos Colorados. Mesmo sem ter afirmado esse posicionamento político, isso ficou bastante visível em seus relatos:

Quando Stroessner virou presidente aí a coisa melhorou, porque acabou aquele tempo do Liberal né. Vixe, antes dele, quando os Liberal mandava, ninguém tinha segurança, qualquer coisinha já era motivo pros cara te matá. Com ele [Alfredo Stroessner] diminuiu muito a violência, porque no tempo do Liberal era muito. Pra você ter uma ideia, eles pegavam a mulherada que andava sozinha assim, e judiava delas. Às vezes até sumiam com elas. E ninguém falava nada né, porque era eles que mandavam! Só que depois, com o Stroessner, isso acabou! (Antonio Martinês, entrevistado em Rio Brilhante em maio de 2012).

E o posicionamento favorável a Stroessner e crítico ao período em que os Liberais estavam no poder, continuam presentes na fala do senhor Antonio Martinês:

Antes quem mandava era os “grandão” que vinha e cortava as terra e expulsava todo mundo que vivia lá. Aí com o Stroessner, a coisa mudou, porque ele mandou parar com esse tipo de coisa, mandando recorta as terras certinho, e mandou dividir com os mais pequeno. Eu sinceramente não sei porque que correram com ele de lá! (Antonio Martinês, entrevistado em Rio Brilhante em maio de 2012).

Como pode ser constatado na entrevista acima, o posicionamento político e ideológico da fonte acabou por construir uma interpretação da própria realidade cercada por situações que tornaram a vivência em determinado período, quase que insustentável, devido exclusivamente ao grupo político que estava no poder, no caso os Liberais e, que graças a ascensão dos Colorados e do General Alfredo Stroessner, houve uma considerável melhoria, tanto no que diz respeito à segurança da população, pondo fim aos abusos de poder por parte dos Liberais, quanto ao acesso a melhores condições de vida, isso relacionado à “suposta” possibilidade de acesso à terra, proporcionada pelo General Stroessner²⁵.

Seguido a mesma perspectiva do relato a pouco citado, a senhora Leonida Otero da Silva compactua de semelhante lembrança, pois segundo suas palavras:

[...] na época dos Liberal era mais sofrido. Os mais antigo falavam que era comum eles invadirem as casas, pra levá as coisas. Eram muito prevalectidos. Já com Stroessner isso acabou, ele respeitava mais o povo. E tem outra, diz que tinha muito estupro também, antes do Stroessner (Leonida Otero da Silva, entrevistada em Rio Brillhante em abril de 2013).

Percebe-se que, assim como o senhor Antonio Martinês, dona Leonida Otero da Silva deixa a entender que ela, assim como a maior parte de seus familiares, era simpatizante do Partido Colorado, o que nos leva a compreender a repulsa que carrega na memória ao lembrar da época em que o Partido Liberal estava no poder, assim como ao mesmo tempo enaltece as supostas melhorias ocorridas durante o stronismo, principalmente na área da segurança pública, pois segundo as próprias lembranças da entrevistada: “Na parte da segurança era bem melhor, porque na época dele [Alfredo Stroessner] era ditadura, então todo mundo respeitava a lei” (Leonida Otero da Silva, entrevistada em Rio Brillhante em abril de 2013).

Em meio a essa perspectiva, torna-se importante destacar as palavras de Duby (1976, p. 132), que assim se refere a respeito das interferências que a memória sofre por parte do posicionamento político e ideológico da fonte oral:

²⁵ Sobre essa prática por parte do regime stronista em possibilitar o acesso a terra aos camponeses pobres, torna-se importante citar Souza (2001, p. 77 e 78), que a esse respeito destaca: “Stroessner tomou uma atitude para minorar o problema, com o plano chamado “Segunda Reconstrução Nacional”, que promoveu a criação de 204 colônias agrícolas destinadas a descongestionar a área urbana. O plano foi recebido com grande alarde por parte da população, contudo, passada a euforia, o camponês “deu de cara com a selva”, sem créditos que lhe permitissem cultivar a terra e conseguir dinheiro para pagar os lotes”.

As ideologias, que tem por primeira função consolidar, são, naturalmente, deformantes. A imagem que fornecem da organização social é construída a partir da arrumação coerente de inflexões, escapatórias, distorções, a partir de uma tomada de perspectiva, de um jogo de luzes que tende a ocultar certas articulações projetando toda a luz sobre outras, a fim de melhor servir a interesses particulares.

Seguindo a análise de mais algumas fontes orais, outro relato onde se percebe essa concepção positiva a respeito da ditadura de Stroessner como tendo sido um período de grandes melhorias na vida cotidiana da população, foi a entrevista realizada com a senhora Cristina Servin, que assim se refere ao período em questão:

Quando ele tava presidente, não tinha nada, era tranquilo. Podia dormi tranquilo. Não tinha briga, não tem roubo, não tem nada. O povo gostava dele, por isso não tirava ele, porque ele levava tudo certinho. [...] Bandido quando era preso eles matava. [...] Era bom. Todo mundo trabalhava, saia de casa pra trabalha. Não faltava nada pra comer (Cristina Servin, entrevistada em Rio Brillante em janeiro de 2012).

Semelhante relato se encontra presente no discurso do senhor Henrique Neri Kind, que em determinado momento de sua fala destaca como a vida dos paraguaios era melhor durante a ditadura stronista e como as coisas pioraram depois que foi implantada a democracia, que segundo ele acabou por favorecer o “banditismo” e a violência, já que a nova ordem vigente se mostrava ineficaz para conter essas práticas criminosas.

Muitos colonos reclamavam, depois do fim do governo de Stroessner, da democracia. Isso por causa do banditismo e do roubo. [...] Quando era na época do Stroessner não tinha roubo, não existia estuprador. Esses peão que às vezes chegava bêbado em casa e batia na mulher, não tinha. Depois que virou a democracia, foi a polícia nacional que começou a comandar essa parte. Aí quando começou a democracia, começou a surgir esses problemas de roubo e tudo mais (Henrique Neri Kind, entrevistado em Rio Brillante em janeiro de 2013).

Percebe-se claramente no relato acima exibido, que boa parte da população, principalmente os colonos rurais que, na maioria das vezes, possuíam pouca escolaridade e instrução, se sentiram prejudicados pelo restabelecimento da democracia no Paraguai, pois para muitos a ditadura stronista era a garantia do bem estar social e a defesa da sociedade

contra atitudes criminosas como roubos, estupros²⁶, homicídios, etc. Assim sendo, merece destaque mais um fragmento da entrevista realizada com o senhor Kind:

Os colonos se sentiam mais protegidos. O pessoal até falava que durante a ditadura se podia dormir até com a porta aberta. [...] Podia saí, viajar e ficar uma semana fora e deixar a casa aberta, que ninguém entrava pra roubar, porque sabia que se fosse pego pelo exército o “pau comia”. [...] Já com a democracia, as coisas mudaram porque os bandidos já passaram a ter os seus direitos, já podia arrumar um advogado, por exemplo, sem testemunha já não podiam ser preso e assim vai (Henrique Neri Kind, entrevistado em Rio Brillante em janeiro de 2013).

Como pode ser percebido nos relatos acima citados, com uma forte propaganda favorável ao seu governo, assim como controlando e censurando todos os veículos de comunicação que pudessem vir a divulgar qualquer mensagem contrária a sua imagem, Stroessner passou a ser associado ao progresso e ao desenvolvimento econômico do país²⁷.

Como bem destaca Moraes:

Procurava construir junto ao povo a imagem de que ele, da mesma forma que os grandes homens do passado, tinha a missão de conduzir o Paraguai ao seu devido lugar de destaque no “concerto das nações”. Buscava ser ele próprio visto como herói e mito, presente em todos os momentos da vida nacional: inaugurava prédios públicos e privados, participava de atos religiosos e da formatura de estudantes e cadetes militares; dava seu nome a edifícios, ruas, bairros, aeroporto, cidade, etc.” (MORAES, 2000, p. 72 e 73).

Dessa maneira, consegue-se entender porque ainda é tão presente na memória de muitos paraguaios a imagem, a respeito de Stroessner, de um “Grande Estadista”. Discursos complacentes com o período em questão podem ser perceptíveis nas falas de muitos

²⁶ Percebe-se em alguns relatos, que o regime stronista foi um importante defensor dos direitos das mulheres, que de acordo com alguns entrevistados, sofriam constantes violências sexuais por parte dos detentores do poder antes da ascensão dos Colorados, no caso os Liberais. Porém, de acordo com Farina e Paz (2008), o abuso sexual contra mulheres e crianças, principalmente nas zonas rurais, durante a ditadura de Stroessner foi bastante elevado. Os autores não chegam a divulgar um número exato, mas destacam que essa prática era uma constante por parte das forças militares, policiais e civis, vinculados a ordem política vigente do país.

²⁷ A título de nota, torna-se importante destacar parte dos relatos da dona Leonida Otero da Silva e do senhor Henrique Neri Kind, que a respeito do pouco acesso que tinham as informações do governo e demais notícias, legitimam o forte controle do Estado sobre os veículos de comunicação em geral, denunciado em diversas publicações sobre a ditadura stronista. De acordo com as lembranças de dona Leonida: “A gente não tinha muita informação porque a gente só ouvia a Rádio Nacional de lá de Assunção, e tudo que se falava eram coisas positivas do Stroessner e nada contra o governo” (Leonida Otero da Silva, entrevistada em Rio Brillante em abril de 2013). Com um discurso semelhante, o senhor Kind afirma: “As informações que a gente tinha era pouca e vinha só da Radio Nacional. Então não se falava nada de ruim do presidente. Ele era o “supremo”, era “intocável” (Henrique Neri Kind, entrevistado em Rio Brillante em janeiro de 2013).

entrevistados, que citam uma série de melhorias estruturais no seu país de origem, graças ao governo do “Gran Hacedor”²⁸:

Inclusive ele ajudou, no meu entendê sim. Apesar de tudo, na época apareceu muita escola pra gente podê estudá. Em todo lugar tinha escola. [...] Abriu bastante estrada, ponte. Nesse ponto eu acho até que ele foi bom. [...] Na época dele teve a construção da Ponte da Amizade, dos dois lado. Por isso que, pode sê que ele era um cara brabo e atrevido, mas nesse ponto ele foi muito bom, porque até hoje tem, e bem feito!

Outra coisa, aquela estrada que sai de Pedro Juan até Assunção, também foi ele que mando fazê (Raimundo da Cunha, entrevistado em Rio Brillhante em abril de 2011).

Uma coisa boa que ele fez foi que ele asfaltô quase todas as estrada lá, porque antes dele, quando chovia, não tinha nem como andá de carro ou caminhão lá, porque era tudo estrada de chão e virava um atolero só que ninguém conseguia passá (Francisco Fabiano Céspedes Ajárve, entrevistado em Rio Brillhante em junho de 2012).

Tem muito comentário de que ele [Alfredo Stroessner] foi o melhor presidente. [...] Principalmente em estrada e tudo ele trabalho muito bem. [...] O Stroessner foi no Paraguai um dos melhor presidente que teve. [...] Só se ouvia falá coisa boa dele, que ele era um bom presidente e que fazia muita coisa boa. [...] Pra mim no meu modo de pensá, ele foi um bom presidente, pelo menos nesse lado. Vixi ele fez muita estrada e um monte de coisa que você nunca tinha visto outro fazê. Só coisa de primeira, muito bom mesmo! (Arnaldo Freitas Loza, entrevistado em Dourados em maio de 2012).

Como pode ser constatado nas declarações acima, graças ao forte investimento do governo em enaltecer as “melhorias” que o regime de Stroessner trouxe para a população paraguaia, muitas pessoas passaram a acreditar nessas propagandas e até mesmo a defender o governo do ditador como sendo o grande responsável pelo desenvolvimento do país. Além disso, no que diz respeito a supostas melhorias na segurança da população, percebeu-se que mesmo agindo de maneira violenta, sem respeitar os direitos dos cidadãos, muitos concordavam com a postura autoritária do regime, pois acreditavam ser esta, a única maneira de manter a “ordem” social e o “bem-estar” da população.

Seguindo essa perspectiva, torna-se importante destacar a análise de Foucault (2011) que, de uma forma concisa, demonstra a necessidade por parte de governos ditatoriais, de não agirem somente de maneira repressora e coerciva, mas também por meio de um discurso que venha a enaltecer os avanços sociais e econômicos pelos quais o país está passando, visando conquistá-los pela ideia de satisfação com a realidade vivenciada. Assim segue o autor:

²⁸ Esse termo aparece no livro *Arquivo do horror* de Márcia Guena (1996), para referir-se ao ditador Alfredo Stroessner.

Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (FOUCAULT, 2011, p. 08).

Outro aspecto que deve ser destacado é o suposto avanço econômico ocorrido no Paraguai nos anos em que Alfredo Stroessner esteve à frente do governo e que também passou a ser utilizado como propaganda política para legitimar seu poder perante a sociedade em geral. Dessa maneira, o povo passaria a acreditar que o então presidente era o grande responsável por todo desenvolvimento econômico que o país vivenciava.

Aqui convém abrir um parêntese para destacar parte da entrevista realizada com senhor Henrique Neri Kind, que de certa maneira acaba vindo de encontro com as constatações até agora realizadas, pois para o entrevistado, independente da postura autoritária da ditadura stronista, o desenvolvimento econômico pelo qual o Paraguai passou durante a “Era Stroessner”, até certo ponto, justifica a manutenção do regime por tantos anos e faz com que muitos paraguaios realmente acreditem e ainda guardem na memória o governo de Stroessner, como sendo um dos melhores na história daquele país. Aqui segue a fala do entrevistado: “Olha pra mim, eu acho que ele foi um bom presidente, até porque se não tivesse sido, ele não teria ficado quase quarenta anos no poder. Se ele não fosse bom, tinham derrubado ele antes, logo no começo né” (Henrique Neri Kind, entrevistado em Rio Brillante em janeiro de 2013).

Porém, merece ser destacado aqui, que esses discursos que colocam a política stronista como sendo responsável por um significativo avanço econômico do Paraguai, não se encontram presentes somente na memória de pessoas comuns que viveram no país naquele período. Vários autores, brasileiros e paraguaios inclusive, concordam que realmente houve um desenvolvimento econômico no país, nada tão elevado como divulgava a propaganda do governo, mas que ocorrera algumas melhorias na economia do Paraguai isso é quase uma concordância entre eles.

Para alguns autores, esse desenvolvimento econômico foi tímido e que ocorrera em grande parte graças ao investimento de capital estrangeiro, como defendem, por exemplo, Meneses (1987) e Moraes (2000), para outros, esses avanços foram mais elevados e abrangentes, como é o caso de Miranda (s.d., p. 116), expostos na obra de Moraes (2000, p. 54):

[...] em 1954, Stroessner firmou rapidamente um acordo com o Fundo Monetário Internacional e estabeleceu um plano de estabilidade para baixar a inflação, aumentar e diversificar as exportações e obter investimentos externos. [...] a economia se recuperou rapidamente. Houve aumento dos investimentos externos e das exportações e a inflação foi controlada.

Outro ponto importante e que merece ser destacado é que durante os anos do regime stronista, houve uma significativa aproximação entre Paraguai e Brasil, que fora de vital importância para a implantação de empreendimentos que visavam o desenvolvimento paraguaio. Porém deve-se ter ciência de que essa aproximação já se encontrava em ebulição desde antes da ascensão de Stroessner ao poder. No Brasil, desde a Era Vargas (1930-1945), a diplomacia com o país vizinho já caminhava em direção a uma relação amistosa entre as duas nações, rompendo com antigos ressentimentos, cultivados desde o fim da Grande Guerra como bem observa Costa e Silva (1995, p. 169):

Naquele momento, Brasil e Paraguai firmaram importantíssimos acordos que iriam dar satisfação a um antigo anseio paraguaio, tão antigo que talvez figurasse entre as motivações da própria Guerra de 1864: uma saída para o Leste, a libertação do comércio paraguaio da artéria exclusiva do Rio da Prata, que levava a Buenos Aires e a Montevideú.

Com a ascensão do General Alfredo Stroessner ao poder em 1954, essa parceria com o Brasil veio a se consagrar, exemplo disso foi o acesso do comércio paraguaio ao mercado internacional através de uma nova rota comercial, pelo Atlântico, cruzando o território brasileiro e utilizando os portos de Santos e Paranaguá. Além disso, outro objetivo do programa governamental de Stroessner era alcançar melhorias na área da agricultura e da indústria, e para tanto almejava ter o Brasil como parceiro nessas empreitadas.

Dentro do aparato discursivo que sustentava o governo ditatorial, essa conquista procurava legitimar o conhecido slogan: “Paz, Trabajo e Bienestar com Stroessner”. Afinal, um Estado coercivo e autoritário precisava apresentar periodicamente resultados, numéricos e simbólicos, para que suas estruturas não fossem questionadas e rompidas. Se a população enxergasse na figura do ditador o responsável pelos avanços que o Paraguai vinha apontando, ficaria mais segura sua permanência no poder, ou seja, no comando das políticas desenvolvidas pelo Estado. Nesse sentido, o Brasil se fazia útil e necessário (CHEDID, 2010, p. 43).

Outro exemplo que deixa claro o interesse do Brasil em estreitar relações com o país vizinho foi quando o governo brasileiro implantou a “Missão Cultural Brasileira no Paraguai”, criada pelo Itamaraty em 1952, ou seja, antes do General Alfredo Stroessner

assumir o poder, que tinha, entre outros objetivos, enviar professores brasileiros para ajudar os paraguaios a formar sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (COSTA E SILVA, 1995).

Um aspecto interessante que Costa e Silva (1995, p. 170) chama a atenção, foi a forte aproximação entre Brasil e Paraguai, no período em que Juscelino Kubitschek e Alfredo Stroessner se encontravam na presidência de seus respectivos países. O autor destaca as diferenças na forma de governo de cada presidente, mas que estas não foram empecilhos na relação amistosa que se desenvolveu no decorrer de seus governos. De acordo com as palavras do autor:

Juscelino teve relações muito especiais com o presidente Alfredo Stroessner. Relações que seriam de estranhar-se, pois Juscelino era um temperamento visceralmente democrático, enquanto o general Stroessner não era exatamente isso. Nosso presidente tinha um fascínio por Stroessner, e um fascínio que era recíproco.

Com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu e da Ponte da Amizade, os laços amistosos entre os dois países estavam consolidados. Esses grandes empreendimentos resultaram num significativo aumento na oferta de empregos nessas regiões, que dessa maneira, também passou a ser utilizada pelo regime de Stroessner como exemplo de desenvolvimento econômico e social, graças aos esforços do presidente general (MENESES, 1987).

Avanços econômicos, com importante incentivo de capital brasileiro, também foram observados no setor agrícola, no campo industrial e no comércio, gerando dessa forma, uma estabilidade econômica até então, nunca alcançada pelo Paraguai. Reflexos desse avanço econômico podem ser observados no trabalho de Meneses (1987, p. 13), que assim destaca: “[...] o Paraguai teve também no período preços relativamente estáveis. [...] Uma taxa de inflação bastante razoáveis para os padrões latino-americanos”.

Seguindo a mesma perspectiva de Meneses (1987), Mora (1993, p. 99) destaca a importância do Brasil, principalmente como parceiro comercial do Paraguai e também como grande investidor na sua infraestrutura:

[...] la relación comercial del Paraguay con el Brasil cambió radicalmente. En 1960, las compras brasileñas representaban menos de 1 por ciento de las exportaciones paraguayas, pero para 1980, ese índice había subido hasta el 20%. Las importaciones desde el Brasil, en 1960, alcanzaban también a menos de 1%, pero veinte años más tarde, se habían incrementado a casi el 23% de las importaciones totales del Paraguay. En la década de 1960, el Brasil comenzó a cortejar al gobierno de Stroessner con diversos incentivos, que incluían el aumento gradual de las inversiones y la construcción de

nuevos edificios para el gobierno y la Universidad Nacional de Asunción. En 1972, el capital brasileño invertido en el Paraguay llegaba a 120 millones de dólares.

Dessa maneira, pode-se constatar que os interesses do General Stroessner foram de encontro com os dos detentores do poder no Brasil, já que ambos obtiveram vantagens nessa parceria, isto é, o Paraguai passou por um importante desenvolvimento econômico e estrutural, além de receber investimentos na área da cultura e da educação. Já para o Brasil, essas relações diplomáticas só vieram a consolidar a supremacia do país na região do Conesul (CHEDID, 2010).

Assim sendo, percebe-se que a manutenção da ditadura de Stroessner por quase quatro décadas, só foi possível graças a uma série de fatores econômicos, políticos, sociais, além de uma conjuntura internacional que lhe foram favoráveis. Dessa forma, torna-se importante destacar as constatações de Sóler (2007, p. 43), que expõe de maneira resumida, a somatória de acontecimentos e situações que contribuíram para a permanência de Stroessner no poder até 1989, contando, durante a maior parte do tempo, com o apoio e aceitação de uma parcela significativa da população paraguaia:

Este clima era favorable y tenía, aparentemente, cierto anclaje en la realidad. La dictadura stronista [...] era todavía un modelo para una economía que crecía conjuntamente con el aparato clientelar del Estado. Stroessner mantuvo el fuerte intervencionismo estatal en la economía [...]. La nacionalización de empresas privadas de servicios públicos, la creación de nuevas y, principalmente, el Instituto de Bienestar Rural [...]. Además de los beneficios de la construcción de la represa de Itaipú, en sociedad con el gobierno brasileño, la coyuntura internacional era favorable, en tanto tenían su apogeo los precios internacionales de la soja y el algodón.

Por fim, torna-se relevante destacar que, se a dependência de capital estrangeiro, principalmente do Brasil, era necessário para o governo ditatorial de Stroessner apresentar um desenvolvimento econômico do país ao povo paraguaio, pode-se até certo ponto, comparar o regime stronista ao que O'Donnell (1978) chama de *Autoritarismo burocrático*, isto é, quando determinados sistemas governamentais apresentam por base a exclusão dos princípios democráticos, controla severamente a participação política dos setores populares e mostra-se intimamente associada ao capital externo visando promover uma significativa industrialização e um maior desenvolvimento econômico da nação (COLLIER, 1982).

Todavia, convém mencionar que, ao contrário do que defendia o governo paraguaio, essa aproximação com o Brasil e o consequente desenvolvimento econômico do país não

eram vistos com bons olhos por seus opositores políticos. Domingo Laino, político de oposição que foi duramente perseguido pelos militares a mando do governo, defendia que todo o avanço econômico vivenciado pelo país naquele período, acabava por esconder graves perigos que ameaçavam principalmente a soberania territorial do Paraguai. Segundo ele, o país estava sendo invadido por brasileiros na região de fronteira, o que, até os dias atuais, ainda gera discussões e atitudes polêmicas (LAINO, 1979).

Pode-se concluir então que, assim como qualquer outro regime autoritário, a ditadura stronista se preocupou em promover certo desenvolvimento econômico e, buscou meios para alcançar esses objetivos e assim, fortalecer seu governo perante a sociedade. Porém, independentemente do grau de avanço econômico alcançado durante a ditadura de Stroessner, deve ficar claro que esse crescimento não beneficiou todos os setores da sociedade paraguaia, muito pelo contrário, restringiu-se a um grupo muito pequeno, formado por uma elite social de grandes proprietários de terra e empresários em geral, excluindo assim, a grande massa, que continuava a viver em condições precárias (MORAES, 2000).

3.3 – A ditadura stronista: violência, divulgação e imaginário popular

Tendo sido o regime ditatorial de Alfredo Stroessner muito longo, 35 anos de duração, chegando ao seu final em 1989, ou seja, a pouco mais de 24 anos, as lembranças dos paraguaios a respeito desse período ainda são muito marcantes e vivas em suas memórias.

Se muitos paraguaios referem-se a essa fase da história do país como sendo de grande avanço econômico e estabilidade política e social, também se encontram presentes na memória coletiva dos paraguaios os horrores que o autoritarismo do regime de Stroessner causou a muitos cidadãos.

Durante todo o período em que esteve no poder, Stroessner utilizou os mais variados métodos para reprimir qualquer movimento que se contrapunha ao seu regime, dentre eles, sequestros e prisões arbitrárias. Muitas pessoas chegaram a ser levadas para verdadeiros campos de concentração, onde passavam por várias sessões de torturas, além de serem submetidos a exaustivas jornadas de trabalhos forçados que resultavam, não raramente, em óbitos. Os que conseguiam sobreviver às torturas chegavam a ficar anos presos sem ao menos terem sido julgados por seus “crimes”.

Lançando mão da prerrogativa do Estado de sítio, previsto na Constituição de 1940, e da lei 294, o aparelho repressivo podia prender qualquer cidadão sob a acusação de ser comunista. Isso acontecia com frequência, ou seja, toda vez que o regime queria livrar-se de algum opositor ou potencial

adversário ou para intensificar o processo repressivo (MORAES, 2000, p. 84).

Se a tortura tornou-se praticamente institucionalizada pelo Estado, não foram poucos os que sofreram na pele os horrores da ditadura. Em entrevista à revista Arca (Edição de dezembro de 1993, p. 35), o paraguaio Francisco Samudio nos mostra o quão violenta era a prática dos torturadores, quando ele e mais uns quarenta homens foram presos sob a acusação de estarem organizando uma rebelião para retirar Stroessner do poder. Assim ele segue com suas lembranças tristes e dolorosas:

Ali chegando, cada um foi encaminhado isoladamente para depor. Como eu não sabia de nada e eles não acreditavam nisso, fui submetido a várias sessões de tortura que incluíam choque elétrico, espancamentos com talas de borracha, introdução de agulhas debaixo das unhas e a “pileta elétrica” – um tanque cheio d’água onde éramos afundados de cabeça e tudo, mãos e pés amarrados, e sofriamos fortes descargas elétricas dentro d’água... Passávamos a noite na Investigação e no dia seguinte éramos levados ao R14 onde sofriamos outro interrogatório e novas torturas. Eram os capitães que nos surravam com “sauyvle” (espada). Foram sete dias de espancamento desumano e nossas feridas eram tratadas com salmouras”.

Percebe-se com o relato acima que o uso da violência pelo Estado ditatorial de Stroessner era uma constante e que, devido a isso e a outros fatores, muitos partidários contrários ao governo se viram obrigados a deixar seu país de origem e exilar-se em países vizinhos, em busca de segurança²⁹.

Outros exemplos de como os torturadores agiam com os prisioneiros políticos, podem ser encontradas em diversas obras que abordam essa temática e que tem sido constantemente publicadas no Paraguai, desde meados da década de 1980, como é o caso do livro de Ferreira (1990), que apresenta uma série de relatos e testemunhos de vítimas das torturas cometidas pelo Estado opressor do General Alfredo Stroessner. Um exemplo desses relatos é o do senhor Anuncio Raul Vallejos Mora:

Los torturadores estaban en calzoneillos y tenían guantes de goma. Lo golpearon en la cara, exigiéndole que contase lo que conocía con relación a la conspiración contra el gobierno. El contestó que no sabía nada. Sumergieron su cabeza en el agua helada, obligándole a que trague el agua nauseabunda. Seis hombres hacían fuerza por mantenerlo dentro del agua

²⁹ Quanto ao grande número de paraguaios que se viram obrigados a exilar-se em países vizinhos, devido à perseguições políticas por parte da ditadura de Stroessner, Guena (1996, p. 18) afirma que: “Durante a ditadura, cerca de 2 milhões de paraguaios saíram do país. Só a Argentina abrigou cerca de 1,5 milhão.”

mientras él hacía esfuerzos desesperados por respirar (FERREIRA, 1990, p. 99).

Outra característica importante da ditadura stronista é que essa violação dos direitos humanos pelas forças do Estado era feita de forma explícita, pois Stroessner tinha a intenção de deixar claro para população que, aquele que ousasse desafiá-lo, seria duramente punido (CHIAVENATO, 1980).

Embora seja um trabalho com viés investigativo e de certa maneira sensacionalista, a obra do jornalista brasileiro Julio José Chiavenato, *Stroessner: Retrato de uma ditadura*, publicada em 1980, apresenta uma série de denúncias dos abusos de poder cometidos pelo regime stronista. Mesmo se apresentando de maneira simplista, se limitando a tecer duras críticas ao governo paraguaio da época, sem levar em consideração questões importantes para uma compreensão mais concisa sobre o período, a obra de Chiavenato pode ser relevante a partir da análise de algumas entrevistas realizadas com alguns paraguaios. Certos trechos da obra desse autor se complementam e ganham consistência com algumas afirmações do tipo:

A partir de 1958, depois em 59 e 60 com a luta guerrilheira, a repressão no Paraguai, aliando-se ao doentio anticomunismo que Stroessner vendia no mercado internacional como mercadoria de sustentação de seu governo, adotou métodos descarados. Ao mesmo tempo em que ficava mais bárbara, mais dava publicidade às atrocidades cometidas contra os focos denunciados de oposição ao regime. Matava, torturava e perseguia; e mandava que esses atos de violência fossem espalhados pela nação, para assustar o povo e desestimular qualquer tentativa de luta contra o governo (CHIAVENATO, 1980, p. 14).

Outro autor que contribui com afirmações que legitimam a postura autoritária do Presidente General é Horst (2011, p. 51), que a esse respeito diz:

Stroessner no vaciló en aplicar medidas brutales a fin de asegurar un clima político estable. Las fuerzas de seguridad apresaron, deportaron, torturaron y mataron a aquellos que se oponían con firmeza al régimen Colorado. La policía secreta peyorativamente llamada *pyragüé* (pies peludos) estrechamente controlaba a la población.

Seguindo a mesma perspectiva dos autores acima citados, Paz (1997, p. 16) expõe de maneira concisa os horrores sofridos pelos prisioneiros políticos nos porões da ditadura do Paraguai: “Prisiones sin juicio, torturas, murtes de compañeros, traumas familiares, exilios prolongados, heridas no cerradas por delaciones o comportamientos indignos, son el itinerario común de gente [...]”.

Como fica bastante evidente com as afirmações dos autores há pouco expostas, o regime stronista adotou uma política baseada no total controle da sociedade, infiltrando pessoas ligadas ao governo para vigiar e denunciar qualquer “movimentação suspeita”, o que evidentemente resultava, na maioria das vezes, em ações violentas, aumentando ainda mais o temor da população à ditadura, que como percebe-se, era um dos objetivos dessas práticas adotadas por Stroessner.

Tendo em vista que o uso de prisões, torturas e assassinatos era uma prática comum por parte do Estado, torna-se relevante destacar o “Dicionário de termos, expressões, nomes e siglas utilizadas pelos subversivos comunistas” encontrados na documentação do “Arquivo do Horror” em Assunção e citado no trabalho de Guena (1996, p. 43). De acordo com a autora: “O dicionário é um pequeno exemplo, sistematizado, da transformação de conceitos à luz de uma nova ideologia militar”. A afirmação da autora ganha ainda mais força, quando cita um trecho do dito “Dicionário”, que dá um novo significado ao termo “Direitos Humanos”: “palavra de ordem adotada em campanha realizada por elementos da esquerda subversiva exclusivamente em favor de companheiros presos, a fim de atrair, pela compaixão, a simpatia popular”.

Dessa forma, fica muito claro que a ditadura stronista, em nome da ordem e do bem-estar social, se comprometia a eliminar qualquer pessoa ou movimentação que viesse a por em risco o desenvolvimento do país, taxando esses tais “inimigos da nação” como “comunistas subversivos”, a ponto de distorcer todo um aparato discursivo em favor da ditadura, legitimando perante a sociedade paraguaia uma série de atrocidades cometidas a milhares de cidadãos que, por estarem ligados a uma suposta “rede conspiratória” que pretendia por fim à ordem estabelecida, deveriam ser severamente punidos, sem nenhuma piedade por parte dos torturadores.

Portanto, o uso do aparelho repressivo por Stroessner tornou-se uma das suas principais armas de coerção sobre a sociedade paraguaia. Nesse sentido, a força tinha por função principal reproduzir a submissão do povo às novas normas vigentes do país (ALTHUSSER, 1985).

Outro aspecto que merece destaque é o clientelismo e a tutela enraizada na cultura latino-americana desde o período colonial e de importante relevância na aceitação da opressão do Estado autoritário perante o povo. Sobre isso, recorro a Fernandes (1982, p. 44) ao afirmar que: “a própria tutela é um ingrediente fundamental da manipulação das classes subalternas pelas elites das classes dominantes”.

Por fim, o regime stronista pode ser caracterizado como um sistema político baseado em três pilares fundamentais, que juntos compõem o que se pode chamar de “doutrina stronista”, são eles: a manutenção de práticas violentas por parte do Estado, instaurando um ambiente de medo e temor na população; o maciço investimento por parte da ditadura em desenvolver na sociedade uma sensação de que somente um governo forte e centralizador conseguiria retirar o país da grave situação econômica e institucional, encaminhando-a em direção ao progresso; e, por fim, a ideia de que o regime de Stroessner era o único com condições de manter a ordem e a paz, num país historicamente marcado pela instabilidade política (MIRANDA, 1990).

Agindo dessa maneira, o ditador buscava legitimar seu poder perante o povo e consolidar-se como o líder máximo, responsável pelo bem estar social, reprimindo com veemência qualquer manifestação que viesse a representar alguma ameaça à ordem estabelecida. Quanto a essa postura de Stroessner perante a população paraguaia, convém lembrar Bourdieu (2009, p. 114), que em sua obra *O poder simbólico* soube explicitar de maneira concisa como acontece esse tipo de prática por parte do Estado. Segundo o autor: “ao dizer as coisas com autoridade, quer dizer, à vista de todos e em nome de todos, publicamente e oficialmente, ele subtrai-as ao arbitrário, sanciona-as, santifica-as, consagra-as, fazendo-as existir, como conforme à natureza das coisas, “naturais””.

Embora houvesse entre a sociedade paraguaia, aqueles que defendessem a postura autoritária do governo como necessária e responsável por melhorias no dia a dia da população, como já foi demonstrado acima, com a exposição de alguns relatos orais, desenvolveu-se ao longo dos anos da ditadura de Stroessner, verdadeiras lendas e mitos sobre o ditador paraguaio, que passaram a fazer parte do imaginário da população, principalmente entre os grupos sociais mais desfavorecidos e com pouca escolaridade. Isso se deve, principalmente, ao medo que o autoritarismo stronista causava nas pessoas.

Ao tratar de imaginário social destacam-se as reflexões de Baczko (1985, p. 309) no que diz respeito às conjunturas sob as quais se formam e se perpetuam esse imaginário:

O imaginário social elaborado e consolidado por uma coletividade é uma das respostas que esta dá aos seus conflitos, divisões e violências reais ou potenciais. Todas as coletividades tem os seus modos de funcionamento específicos a este tipo de representações. Nomeadamente, elaboram os meios da sua divisão e formam os seus guardiões e gestores, em suma, o seu pessoal.

Para compreender como se deu a formação e a disseminação desse imaginário que se criou sobre Stroessner, a memória dos paraguaios sobre esse período tem muito a contribuir. É preciso obter maiores conhecimentos de como era a vida e o cotidiano das ditas “pessoas comuns” durante o regime stronista para se adentrar nesse mundo de representações da ditadura.

Dessa maneira, torna-se importante destacar a análise de Le Goff (1992, p. 49) a respeito do tratamento que o profissional de História deve dar à memória enquanto objeto de sua pesquisa. De acordo com o autor: “Tal como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um de seus objetos e simultaneamente um nível elementar da elaboração histórica”.

Portanto, se a memória nada mais é do que uma das ferramentas que o historiador dispõe para se obter um conhecimento sobre determinado período histórico, nessa pesquisa ela teve uma função primordial, pois foi através da análise dos relatos orais obtidos da memória individual de alguns paraguaios que se pretendeu chegar à formação, disseminação e proporção que o “mito de Stroessner” adquiriu junto à população do país vizinho.

As entrevistas realizadas mostraram a riqueza de detalhes que esses paraguaios guardam na memória e o quanto isso vem a contribuir nos estudos a respeito desse período e principalmente buscar entender de que maneira a população “simples” e mais afastadas dos grandes centros, vivenciaram esse tão marcante capítulo da história do Paraguai.

3.4 – Voz ao povo: a memória e o imaginário dos paraguaios sobre o “Mito de Stroessner”

Ao longo das entrevistas realizadas, pode-se constatar que muitas são as lembranças do povo paraguaio, ou mesmo de brasileiros que viveram no Paraguai nesse período, sobre os anos da ditadura de Stroessner.

Como já foi dito anteriormente, o uso da violência como um dos principais métodos de coerção do regime perante o povo fez com que se criasse mitos e lendas referentes à figura do então presidente do país vizinho, o General Alfredo Stroessner. Em todas as entrevistas realizadas, todos afirmaram conhecer, ou ao menos já terem ouvido falar de histórias “mirabolantes” ou “aterrorizantes”, envolvendo o ditador paraguaio.

A partir dessas entrevistas que relatam uma série de práticas, um tanto quanto “macabras” por parte do General, trabalhei com o termo “mito de Stroessner” para referir-me ao conjunto de discursos a respeito do ditador, envolvendo sequestros e assassinatos,

principalmente de crianças, para suprir uma suposta necessidade medicinal de Alfredo Stroessner.

Partindo da análise do mito que se formou, se propagou e ainda se encontra presente na memória dos paraguaios a respeito da figura do General Alfredo Stroessner, torna-se importante destacar que o mito deve ser entendido como um dos vários elementos que compõem a memória de determinado grupo social. Portanto, de relevante importância para se adentrar no imaginário popular em qualquer temporalidade (SCHIMIDT, 2000).

Seguindo essa perspectiva teórica a respeito da forma como o historiador deve encarar o mito presente na memória coletiva, torna-se importante destacar a fala de Burke (1992, p. 244), que assim se refere ao estudo do mito:

[...] não no sentido positivista de ‘história imprecisa’, mas no sentido mais rico e mais positivo de história como significado simbólico, composta a partir de incidentes estereotipados e envolvendo personagens de forma exagerada em relação à realidade, quer se trate de heróis quer se trate de seus opositores.

Dessa maneira, o mito é aqui encarado como sendo parte de uma narrativa que compõem a memória, o imaginário e a própria representação do que foi vivido pelo indivíduo ou grupo social, isto é, a maneira encontrada pelo cidadão para melhor expor suas inquietações, seus paradoxos e até mesmo os seus medos (ROCHA, 1981).

Portanto, o objetivo principal dessa pesquisa não é provar se realmente o ditador paraguaio era doente e que, devido a isso, mandara executar sequestros de crianças para que as mesmas, após serem assassinadas, tivessem seus sangues utilizados para uma suposta prática medicinal. O que aqui importa, é justamente entender até onde esse mito se encontra presente na memória e no imaginário dos paraguaios, para assim se ter uma visão diferenciada e até mesmo, mais ampla, do cotidiano da população durante o regime stronista, assim como, compreender até que ponto esse “mito de Stroessner” fazia-se presente no dia a dia da sociedade e o quanto interferia nas relações sociais e nas atitudes da população no período da Ditadura Militar.

Primeiramente, algo comum na fala da maioria dos entrevistados e que portanto merece ser destacado, foi a repulsa que eles demonstraram ao lembrarem-se dos anos difíceis que passaram quando Stroessner estava no poder. Além disso, essas “histórias macabras” existentes no país vizinho foram confirmadas por quase todos, mesmo que boa parte dos discursos afirmassem veementemente que tudo não passava de boatos. Um exemplo dessa

postura, perante esses mitos, é o relato do senhor De Los Santos Mereles López, que afirma conhecer essas histórias, porém não acredita que realmente fossem verdadeiras:

Pela história que corria, ele tinha lepra e que por isso ele tomava banho de sangue que ele tirava de criança. E o povo comentava. Eu não sei se é verdade, mas corriam esses rumores. Mas tudo não passava de rumores. Ninguém nunca chegou a descobrir o fato. Nunca se oficializou essa história. Era só coisa do povo (De Los Santos Mereles López, entrevistado em Dourados em agosto de 2011).

Segundo o relato do senhor Arnaldo Freitas Loza, todos conheciam essas histórias sobre o ditador e que isso causava muito medo entre as pessoas, principalmente àqueles que tinham filhos ainda crianças. Dessa maneira, quando questionado sobre o assunto, ele afirma:

Esse aí o pessoal ouvia falá muito. Tinha uma época que o povo ficava tudo com medo. Os que tinha criança, não descolava delas. Não deixava nem saí de perto, só junto. E todo mundo falava que ele tinha essa tal de lepra e que por isso ele mandava pegá as criancinha, depois matava as criança pra podê tirá o sangue delas, pra ele tomá banho com sangue, pra ele podê melhorá (Arnaldo Freitas Loza, entrevistado em Dourados em maio de 2012).

Porém, cabe ressaltar que, assim como o senhor Mereles López, o senhor Loza afirma que essas histórias não passavam de boatos, pois nunca foram, de fato, comprovadas: “Todo mundo tinha muito medo e todo mundo comentava também. Só que nunca foi provado isso. Mas que o pessoal falava demais, isso é verdade” (Arnaldo Freitas Loza, entrevistado em Dourados em maio de 2012).

Ao questionar o senhor Francisco Fabiano, sobre o “mito de Stroessner”, assim como os entrevistados acima, ele confirma a existência dessas histórias, assim como também lembra que nada fora comprovado sobre esses boatos:

E isso era muito comentado mesmo, de que ele mandava pegá as criança, matava elas para podê tirá o sangue delas, pra ele tomá banho que era pra ele se mantê vivo. E tem mais, qualquer pessoa que vive lá no Paraguai vai falá a mesma coisa, que ele fazia isso mesmo, só que na verdade o pessoal comentava, mas nunca isso foi comprovado, só é comentário mesmo (Francisco Fabiano Céspedes Ajarve, entrevistado em Rio Brillante em junho de 2012).

Outro que afirma ter ouvido histórias a respeito, é o senhor Francisco Paná, mas assim como os relatos acima, conta que eram histórias populares, mas que nunca foram de fato, confirmadas.

Eles falavam que criança sumia, que eles levavam elas. No tempo de Stroessner, falavam que levavam criança pra tomá banho com o sangue delas. Eu ouvia essas histórias, mas não sabia se era verdade ou mentira, mas eles falavam e tudo mundo achava que era verdade mesmo (Francisco Paná, entrevistado em Rio Brillhante em janeiro de 2012).

Já a esposa do senhor Francisco Paná, a senhora Cristina Servin, que durante toda a entrevista se mostrou favorável ao governo do General Alfredo Stroessner, como já fora demonstrado anteriormente, afirmou veementemente que essas histórias não passavam de “mentiras daquele povo”. Assim ela relata:

Tinha gente que falava que ele tinha essa doença, é lepra né? Mas era tudo mentira daquele povo! Sumia muita criança e eles falavam que era o Stroessner, mas nunca descobriram nada contra ele (Cristina Servin, entrevistada em Rio Brillhante em janeiro de 2012).

Em trechos da entrevista realizada com o senhor Raimundo da Cunha, percebe-se que o “mito de Stroessner” estava muito presente na população da época, o que acabou por contribuir para que se disseminasse, principalmente entre os mais humildes, um grande receio, que obviamente se encontrava mais latente nas famílias com crianças pequenas, que de acordo com as histórias que circulavam por todo o país, eram as principais vítimas.

A gente ouvia falá dessas histórias. E na época sumia muita criança mesmo. O povo procurava uns dia e não achava mais, aí todo mundo comentava que tinha sido mandado pegá. [...] Por isso a gente já não saía sozinho, assim fora de hora. Se fosse, tinha que acompanhá de longe, e a gente sempre de olho também (Raimundo da Cunha, entrevistado em Rio Brillhante em abril de 2011).

Analisando o discurso do senhor Raimundo da Cunha, pode-se perceber que esses mitos estão relacionados também ao próprio medo da população em tempos de Ditadura Militar, já que todos compactuavam com a ideia de que o governo poderia abordar qualquer cidadão, sem nenhum motivo aparente e, até levá-lo a prisão para prestar esclarecimentos. Seguindo essa perspectiva, torna-se importante citar um trecho da entrevista realizada com a senhora Leonida Otero da Silva, que a respeito do medo que a população nutria pela repressão em tempos de stonismo, afirma:

O povo tinha muito medo de sair na rua. Pra se ter uma ideia, na época do Stroessner, menores de idade não saíam a noite e, quando saíam era só com os pais. [...] E quem não se apresentava pra servir o quartel quando alcançava a idade, também era levado na marra. [...] Então o pessoal tinha medo de sair porque não podia ficar reunido com muita gente, nem falá

muita coisa, porque os militar mandavam em tudo (Leonida Otero da Silva, entrevistada em Rio Brilhante em abril de 2013).

Percebe-se no discurso acima que o medo da população se fazia presente corriqueiramente, o que acabava por levar muitas pessoas a se sentirem inseguras fora de seus lares, pois poderiam estar submetidas a atitudes violentas por parte da polícia militar. Outro aspecto que merece ser destacado, mas que será melhor discutido mais adiante, era a obrigatoriedade dos meninos, na maioria ainda muito jovens, de servirem as Forças Armadas, o que aumentava ainda mais o medo de muitas famílias, já que corriam boatos de que esses jovens recrutados eram constantemente vítimas de maus-tratos por parte dos militares.

Voltando às discussões a respeito do “mito de Stroessner” presente na memória dos paraguaios, convém destacar mais um fragmento da entrevista realizada com o senhor Raimundo da Cunha, onde ele lembra detalhes do que se ouvia falar sobre os supostos “banhos de sangue” de Alfredo Stroessner:

A turma falava que ele tomava banho de sangue toda vez que ele precisava, mas não era todo dia não. Diz que era 18 litros de sangue parece, pra ele toma num banho, porque diz que ele tinha uma doença na pele (Raimundo da Cunha, entrevistado em Rio Brilhante em abril de 2011).

Brasileira, nascida e criada no estado do Paraná, onde morou até cerca dos 30 anos de idade, dona Cleonice Diogo de Souza³⁰, de 58 anos, relatou que foi morar no Paraguai com seu marido e filhos e que durante todos os anos em que viveu naquele país, o medo que ela sentia era constante, devido principalmente, ao que ouvia falar sobre a ditadura de Stroessner:

Eu ouvia falá que eles matavam muita gente. Teve uma vez que eles fecharam a Ponte da Amizade. [...] Nós não pudemo passá. [...] Nós ficamo 30 dias sem saí lá de dentro. [...] Eles fecharam a ponte e quem atravessava eles matava. [...] Ninguém entrava, ninguém saía! (Cleonice Diogo de Souza, entrevistada em Rio Brilhante em junho de 2011).

Em outro momento de sua fala, dona Cleonice relata um fato que ocorrera com sua família que vem a fortalecer as informações a respeito do forte autoritarismo do regime stronista que mandava prender qualquer cidadão que fosse considerado “perigoso” ou flagrado em “alguma situação suspeita”. Assim ela relata:

³⁰ A “fonte” afirma ter ido viver no Paraguai para acompanhar o marido que estava trabalhando na construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu.

Uma vez eles prenderam o meu esposo e meus filho, isso só porque eles estavam pescando. Aí depois eles mostraram o crachá e ligaram pra firma donde eles trabalhavam, aí soltaram eles. [...] Eles foi preso, os três, é porque eles estavam pescando e eles acharam que era outra coisa. [...] Era desconfiança deles mesmo. [...] Eles prendia mesmo, qualquer coisinha eles prendia. [...] E eu tinha muito medo! (Cleonice Diogo de Souza, entrevistada em Rio Brilhante em junho de 2011).

A fala de dona Cleonice não se resume apenas ao medo da ditadura, mas também na personificação da violência da repressão na figura dos militares que, durante o regime, estavam presentes em todos os lugares, numa tentativa de vigiar e coagir a população.

Em diversos momentos da entrevista, dona Cleonice expressa o temor que tinha dos soldados, que ela denomina de “milicos”:

Todo mundo era muito assustado né. Quem que não fica assustado né?! A gente via um carro, já ficava cuidando pra vê se era algum chegando, porque o pessoal dizia muito né. “Os milico vai vir aqui e vai pegá todo mundo”. E a gente tinha medo deles pegá nós né.

[...]

Eu tinha uma prima e nós falava de brincadeira, nós via um milico eu já falava: “ó os milicos vai vir te pegá” (Cleonice Diogo de Souza, entrevistada em Rio Brilhante em junho de 2011).

Ainda referente ao grande número de soldados nas ruas, que eram colocados nesses locais estrategicamente para vigiar, manter a “ordem social” e demonstrar ao povo a presença dos militares em todos os lugares, como uma forma de coerção, dona Estanslada Montiel lembra em seus relatos a constante presença de militares em quase todos os locais do centro de Assunção:

Lá, quando os guri tinha mais ou menos 12 anos, já mandavam pegá todo mundo pra ir pro quartel. [...] 12 anos que as bota era tudo grande que arrastava no chão, porque era grande no pé. Os uniforme era grande. [...] Eles roubavam bolacha pra comer porque o presidente judiava demais deles, não deixava quase comer. [...] Eles carregava fuzil né, que eles nem agüentava carregá direito. Era muito muleque e aquilo era muito pesado (Estanslada Montiel, entrevistada em Rio Brilhante em junho de 2011).

Com um discurso semelhante, o senhor Francisco Fabiano também lembra que era comum jovens entre 14 e 15 anos servirem as forças armadas do Paraguai. Assim ele relata:

E lá é assim também, se você é moleque de 14 ou 15 anos, se eles te pegá, você tem que servi o exército e não tem jeito não. Se eles peguasse qualquer menino nessa idade eles levavam mesmo, não queriam nem sabê. Nós não sofria com isso porque a gente morava lá, mas tinha documentação tudo daqui do Brasil (Francisco Fabiano Céspedes Ajarve, entrevistado em Rio Brilhante em junho de 2012).

No que diz respeito ao relato do senhor Francisco Fabiano, convém lembrar que ele e sua família são de origem paraguaia e que viviam na cidade de Pedro Juan Caballero, fronteira com Ponta Porã no sul do estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. Ele, assim como seus irmãos, devido às péssimas condições do país de origem, principalmente no que diz respeito à saúde e educação, foram registrados no Brasil, para assim terem acesso a uma saúde e educação pública, ainda que precária, de melhor qualidade que a oferecida no Paraguai.

Ainda a respeito do recrutamento obrigatório de meninos paraguaios com pouca idade por parte do Estado, o relato da dona Estanislada Montiel destaca que muitos jovens, temendo serem abordados pelas Forças Armadas e assim, obrigados a servir o Exército, deixavam de sair com a família ou frequentar lugares públicos com medo de serem apreendidos pelos militares.

Quando tinha festa, os muleque já nem iam de medo de ser levado pra servir o quartel. Dizem que quando eles iam servir, os generais mandavam eles plantá maconha, aí quando tava no ponto, os generais mandavam matá todo mundo, os soldadinho, matava tudo. [...] Era assim na época do presidente Stroessner (Estanislada Montiel, entrevistada em Rio Brillante em junho de 2011).

Um aspecto que merece destaque ao analisar as falas da dona Estanislada Montiel, expostas acima, é essa maneira um tanto quanto exagerada ao relatar o grande número de crianças recrutadas pelo exército, a exploração e o sofrimento a que estavam submetidas sob regime stronista. Nesse sentido, convém ressaltar que as fontes consultadas, tanto as orais quanto as bibliográficas, pouco ou nada dizem a respeito do que foi afirmado pela entrevistada. Porém, esse tipo de discurso, embora faltando com a verdade ou, melhor dizendo, exagerando em alguns aspectos, não devem ser descartados pelo historiador, pois se trata de representações que algumas pessoas desenvolvem sobre determinada realidade por elas vivenciada. Assim, convém destacar a análise de Joutard (2000, p. 34), que vem fortalecer essa perspectiva:

[...] tais omissões, voluntárias ou não, suas deformações, suas lendas e os mitos que veiculam, são tão úteis para o historiador quanto as informações que se verificaram exatas. Elas nos introduzem no cerne das representações da realidade que cada um de nós se faz e são evidência de que agimos muito mais em função dessas representações do real que do próprio real.

Seguindo com relatos que evidenciam a obrigatoriedade de servir as Forças Armadas do Paraguai assim que completassem a devida idade, o senhor Henrique Neri Kind afirma que realmente os jovens eram obrigados a se apresentarem no máximo até os 17 anos de idade, caso contrário, se fossem abordados pela polícia militar, os mesmos eram levados a força para o Exército³¹.

Ao voltar a discutir a respeito do “mito de Stroessner” presente na memória dos paraguaios, torna-se importante destacar o relato da dona Cleonice Diogo de Souza. Ao fazer menção sobre o “suposto” número elevado de crianças que desapareciam naquela época no Paraguai, a entrevistada esboçou o seu temor em relação aos filhos, ainda crianças, que de acordo com o que se falava na época, eram as principais vítimas do ditador.

Eu tinha minhas criança que estudava e enquanto elas não chegava eu não tinha paz. Enquanto o ônibus não chegava na porta da minha casa eu tava desesperada. [...] E o medo deles pegá meus filho e matá ou sumi com eles (Cleonice Diogo de Souza, entrevistada em Rio Brilhante em junho de 2011).

Em outro momento de sua fala, dona Cleonice dá detalhes do que se falavam a respeito de como as crianças eram abordadas e levadas pelos sequestradores:

Sempre me falavam que as vezes aparecia um carro preto... Então eu sempre falava pras minha criança que tinha um carro que vinha pegá elas... Então eu falava pra elas que não era pra eles conversá com ninguém... Se eles visse um carro que passasse por eles, era pra eles corrê e gritá, porque o cara descia do carro com brinquedo e bala pras criança né, pra podê pegá elas (Cleonice Diogo de Souza, entrevistada em Rio Brilhante em junho de 2011).

Aqui, faz-se necessário, destacar uma parte da entrevista com o senhor Arnaldo Freitas Loza, que de certa maneira, se assemelha com o relato acima. Assim ele diz: “Todos falavam que tinha esses ladrão que roubava as criança, iludia elas e levava elas pra fazê isso. O comentário era demais” (Arnaldo Freitas Loza, entrevistado em Dourados em maio de 2012).

³¹ De acordo com as palavras do senhor Kind: “Na época do Stroessner era obrigatório servir o exército. Se por acaso o cidadão completasse 17 anos e não se apresentasse no exército, ele era capturado pra servir obrigatoriamente” (Henrique Neri Kind, entrevistado em Rio Brilhante em janeiro de 2013).

Após relatar o método utilizado pelos sequestradores para desaparecer com as crianças, dona Cleonice afirma que esse desaparecimento era de responsabilidade do General Alfredo Stroessner, que ordenava a execução desses sequestros. Assim ela relata:

É pro presidente mesmo tomá banho de sangue. [...] Diz que o carro vinha e pegava, e diz que sumiu muita criança nessa época. [...] Gente do céu, eu morria de medo, eu tinha medo deles pegá meus filho, que Deus ô livre! (Cleonice Diogo de Souza, entrevistada em Rio Brilhante em junho de 2011).

E por fim, quando questionada se ela realmente acreditava nessas histórias, ela confirma: “Eu acreditei e até hoje eu acredito... Acho que era verdade mesmo” (Cleonice Diogo de Souza, entrevistada em Rio Brilhante em junho de 2011), o que nos leva a refletir sobre o quanto o imaginário às vezes torna-se enraizado na cultura popular, permanecendo presente durante toda a vivência de certas pessoas.

Se para uma senhora adulta como dona Cleonice, essas histórias lhe causavam pânico, em seu filho, Vanderlei Correa de Souza, hoje com 38 anos de idade, mas que na época não passava de uma criança que ouvia constantemente essas histórias de sua mãe, o temor de ser pego e levado ao “sacrifício” era ainda maior. Assim ele relata:

Tinha essa história de que ele sugava o sangue das pessoas. [...] Que o Stroessner precisava de um banho de sangue. [...] Isso foi uma coisa que nós ficô com medo muito tempo. [...] Tanto que na estrada a gente só andava em bando. [...] Qualquer coisa todo mundo “garrava capuera” [saíam correndo], ninguém esperava não (Vanderlei Correa de Souza, entrevistado em Rio Brilhante em junho de 2011).

Mais detalhadamente, Vanderlei relata que esse medo que o povo sentia ao ouvir essas histórias fez com que muitos evitassem até mesmo, colocar as camas próximas das paredes, porque segundo ele:

Tinha muita casa lá cercada de lasca de coqueiro. Diz que até pelas fresta da parede eles tentava enfiá a agulha pra tirá o sangue das pessoa. [...] Ninguém colocava cama em volta de fresta (Vanderlei Correa da Silva, entrevistado em Rio Brilhante em junho de 2011).

Por fim, Vanderlei demonstra em sua fala o quanto esse mito que se criou sobre o presidente Stroessner estava presente no imaginário da população humilde paraguaia. Assim, ele segue dizendo:

Diz que ele precisava de um banho de sangue. Essa era a versão que o pessoal falava. [...] Eles pegava criança que achava na rua e até adulto, e tirava o sangue, e levava pra ele lá [o presidente], que ele precisava. Se ele não tomasse esse banho uma vez por semana ele morria. [...] Era isso que nós ouvía fala. [...] A gente ouvía muito conto de criança que sumia, agora a gente não sabia se era pra levá pro exército né, ou se era mesmo pra essa “tirassão” de sangue. [...] Essa história era real lá, todo mundo tinha medo disso. [...] Pro lugar que você fosse, você ouvía falá dos “tirador de sangue”. [...] Sempre tinha um fato acontecido, não era só mito, tinha fato acontecido, aí o povo se assustava mais ainda (Vanderlei Correa de Souza, entrevistado em Rio Brilhante em junho de 2011).

Como foi relatado por alguns entrevistados, a “suposta” doença que afligia o General Alfredo Stroessner a ponto dele iniciar um tratamento no mínimo “fúnebre”, tratava-se de lepra, doença que de acordo com a dona Estanislada Montiel já se podia ser notada na própria fisionomia do Presidente, que como ela mesmo afirmou após tê-lo visto em um evento público, já se encontrava com a saúde bastante debilitada:

Tinha uma irmã que morava perto da casa presidencial. Então quando tinha festa dos Colorado, ele saía com um lenço vermelho no pescoço... Tava com o rosto todo “coisado” [cheio de feridas] e já andava divagar e cansado, sabe (Estanislada Montiel, entrevistada em Rio Brilhante em junho de 2011).

Um aspecto que chama a atenção ao analisar esses relatos orais é que de um modo geral, todos afirmaram com uma certeza quase que convicta, que durante o regime stronista o desaparecimento de crianças e adolescentes era muito elevado. Embora não tenha sido encontrado nenhum trabalho que trate desse assunto, torna-se no mínimo relevante levar em consideração a constatação feita pelo senhor Francisco Fabiano, que assim relatou:

E tem outra também, nessa época sumia muita criança também, e sumia de um jeito que ninguém mais achava, E aí, o sumiço dessas crianças aumentava ainda mais a suspeita contra o presidente (Francisco Fabiano Céspedes Ajarve, entrevistado em Rio Brilhante em junho de 2012).

Assim sendo, seria importante que fosse realizado um levantamento documental, junto aos órgãos competentes, para buscar confirmar se esses desaparecimentos foram realmente tão elevados como citados pelos entrevistados, para assim se obter uma conclusão mais satisfatória sobre esse assunto.

Algo que merece destaque, após toda essa análise a respeito do “mito de Stroessner”, é que ele expressou-se de maneira bastante sutil para alguns enquanto que para outros

mostrou-se bem mais visível, porém o que aqui interessa é que independente disso, a narrativa mítica se faz presente e circula na sociedade e dessa maneira, não necessita de comprovações, mas que mesmo assim, acaba por moldar valores que formam um conjunto de imagens e crenças (SCHIMIDT, 2000).

Por fim, no que diz respeito às imagens, “verdades” e mitos que se formaram a respeito do General Alfredo Stroessner, e que ainda se encontram presentes na memória e no imaginário do povo paraguaio, deve-se levar em consideração todo um emaranhado de situações, tais como: desde o posicionamento político e ideológico de determinado indivíduo, a situação social e o grau de escolaridade que ele possui assim como, o local em que vive e o meio social em que está inserido. Somente dessa maneira, poderemos compreender com um pouco mais de clareza como um Chefe de Estado pode ser lembrado ao mesmo tempo por uns, como um exemplo de administrador público e responsável por trazer o progresso ao país e, por outros, como um homem responsável por atrocidades e desrespeito aos Direitos Humanos. Neste caso, sendo até mesmo associado a uma dessas personagens míticas que fazem parte do universo infantil, como o “Bicho Papão” ou o “Lobisomem”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ditadura do General Alfredo Stroessner certamente deixou marcas profundas na história do Paraguai. Para muitos, suas práticas autoritárias, como o total desrespeito as instituições democráticas, as perseguições políticas, a tortura nos porões das prisões, resultando na morte de milhares de pessoas que até hoje não tiveram seus corpos encontrados, certamente causam horror e angústia.

Porém, o regime stronista também foi responsável por uma nova política econômica que trouxe ao país uma série de melhorias nunca vistas antes. As aproximações com o Brasil e o apoio financeiro dos Estados Unidos foram de vital importância no desenvolvimento de diversos setores do Paraguai, como a indústria, a agricultura e o comércio.

Por fim, deve ser destacado também os investimentos do Estado ditatorial de Stroessner no desenvolvimento de uma ideologia fortemente nacionalista que deixou suas heranças até os dias atuais no Paraguai.

Assim sendo, primeiramente pôde-se concluir que a ascensão e permanência de Alfredo Stroessner no poder por mais de três décadas só foi possível devido a uma somatória de fatores que contribuíram para isso.

Em tempos de Guerra Fria, a ditadura stronista foi de encontro aos interesses dos Estados Unidos de conter o avanço do comunismo na América Latina, o que interferiu diretamente no desencadear de práticas autoritárias, tendo o respaldo e apoio da potência norte americana, e no Paraguai não foi diferente, uma vez que diversos autores confirmam a existência de uma significativa ajuda econômica e militar dos Estados unidos no Paraguai.

No que diz respeito ao cenário regional, o apoio do governo brasileiro ao regime de Stroessner, favorecia as ambições do Brasil de estreitar relações com o país vizinho e dessa maneira, consolidar-se economicamente frente aos países do Conesul. E, nesse sentido, é claro que o ditador paraguaio soube tirar proveito dessa relação angariando fundos que foram utilizados em diversos setores do país que necessitavam de investimento, criando dessa maneira, uma sensação no povo paraguaio de que o país avançava a “passos largos” graças a política implementada pelo Presidente General.

Com uma conjuntura internacional e regional favoráveis à ditadura stronista, merece ser destacado também a própria realidade interna do Paraguai que foi de vital importância no Golpe de Estado que resultou na instalação do regime militar sob o comando do General Alfredo Stroessner. Dessa maneira, a instabilidade política que marcara a história daquele país

desde o final do século XIX, contribuiu largamente na aceitação de significativa parcela da sociedade ao regime, uma vez que Stroessner passou a mostrar-se como o único com condições de estabelecer a ordem social e institucional.

Claro que merece ser destacada também a atuação de Stroessner em garantir o controle das Forças Armadas do país e do Partido Colorado, que certamente foram fundamentais na sustentação do regime stronista.

Outro aspecto que ficou bastante claro no decorrer da pesquisa é o forte nacionalismo ainda existente no Paraguai, principalmente a respeito da figura heróica de Solano López, uma vez que foi quase uma unanimidade nos relatos orais dos paraguaios entrevistados, de que a atuação e postura guerreira do presidente paraguaio frente aos países da Tríplice Aliança, foram fundamentais na permanência do Paraguai enquanto nação independente.

Nesse sentido, a ditadura stronista teve importante responsabilidade, já que foi ao longo de todo o período em que Alfredo Stroessner esteve no poder, que os investimentos na construção do “mito de Solano López” se fizeram mais visíveis e, portanto, contribuíram enormemente na disseminação dessa ideologia nacionalista que ainda se encontra presente na cultura paraguaia.

Cabe ressaltar também, que a necessidade do regime stronista em investir na construção dessa imagem mítica de Solano López, fazia parte de um programa ideológico e político do governo que visava dentre outras coisas, associar o passado honroso do Paraguai com o sistema vigente, uma vez que Stroessner tentava mostrar-se como um herdeiro e continuador da obra de López, iniciada na segunda metade do século XIX e abortada com a sua morte em 1870.

Por fim, quanto a dualidade a respeito da figura do General Alfredo Stroessner, ora lembrado pelos paraguaios como um dos melhores presidentes do país, ora como um “sanguinário ditador” responsável pela ordenação de verdadeiras barbaridades contra o povo, até mesmo contra milhares de crianças, conclui-se que isto é o reflexo das próprias práticas do regime.

Quando lembrado como um excelente presidente, responsável por trazer importantes melhorias para o Paraguai, essas lembranças presente na memória de muitos paraguaios, nada mais são do que a repetição do que era divulgado pela imprensa paraguaia durante a ditadura, que sofrendo forte censura, se via obrigada a manipular e distorcer informações, o que contribuiu para legitimar a imagem de “Gran Hacedor” que Stroessner buscava representar.

No que diz respeito ao imaginário de muitas pessoas que associam o ditador paraguaio a um homem inescrupuloso e violento, que sem pestanejar, ordenava o seqüestro e assassinato milhares de crianças para um suposto “banho de sangue” do presidente, percebeu-se que isso faz parte do que podemos chamar de superstições populares que passaram a ser divulgadas naturalmente, ou seja, sem pretensões e, que mesmo que sem provas foram se perpetuando e ganhando cada vez mais força, uma vez que era sabido por todos, as práticas autoritárias de Stroessner, resultando em prisões, torturas, mortes e desaparecimento de milhares de pessoas, o que acabou por contribuir na disseminação dessas histórias macabras envolvendo o General, compondo o que aqui foi denominado por “mito de Stroessner.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da História*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org): *Fontes Históricas*. 2º Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 10º ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985.

BALLER, Leandro. *Cultura, identidade e fronteira: transitoriedade Brasil/Paraguai (1980-2005)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) FCH/UFGD, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados.

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. In: ROMANO, Ruggiero (org). *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985, pp. 296-332.

BETHELL, Leslie. *Todos contra o Paraguai*. In: Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 7, n. 79, abril de 2012.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOURDIEU, Pierre: *O poder simbólico*. 12º Ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2009.

BURKE, Peter. *Abertura: A nova história, seu passado e seu futuro*. In: BURKE, Peter (org): *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. USP, 1992.

_____. *O mundo como teatro: estudos de Antropologia Histórica*. Lisboa: Difel, 1992.

CAPDEVILA, Luc. *Una Guerra Total: Paraguay, 1864-1870: Ensayo de Historia Del Tiempo Presente*. Buenos Aires: SB, 2010.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Os regimes autoritários na América Latina*. In: COLLIER, David (org): *O novo autoritarismo na América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CARDOZO, Gustavo Gatti. *El papel político de los militares en el Paraguay*. Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción”: Biblioteca de Estudios Paraguayos, Volumen 35, 1990.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária*. 7º Ed. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007.

CHEDID, Daniele Reiter. *Aproximação Brasil-Paraguai: A missão*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) FCH/UFGD, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados.

CHIAVENATO, Júlio José. *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 2º ed. 1979.

_____. *Stroessner: retrato de uma ditadura*. 2º Ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.

COHEN, Ilka Stern. *Quando perder é vencer*. In: Revista de História da Biblioteca Nacional, Ano 7, n. 82, julho de 2012.

COSTA E SILVA, Alberto da. *Da guerra ao Mercosul: evolução das relações diplomáticas Brasil-Paraguai*. In: *Guerra do Paraguai: 130 anos depois*. Org. Maria Eduarda Castro Magalhães Marques. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

DONGHI, Tulio Halperin. *História da América Latina*. 2º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DUBY, Georges. *História Social e ideologias das sociedades*. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novos problemas*. Trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro, F. Alves, 1976.

FARINA, Bernardo Neri; PAZ, Alfredo Boccia. *El Paraguay bajo el Stronismo (1954-1989)*. Colección: La Gran Historia del Paraguay, 13. Asunción: El Lector, 2008.

FERNANDES, Florestan. *A ditadura em questão*. 2º Ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982.

FERREIRA, María Luisa. *Las victimas del regimen stronista*. Asunción: Ñanduti Vive/Intercontinental, 1990.

FERRO, Marc. *A manipulação da História no Ensino e nos Meios de Comunicação*. Trad. Wladimir Araújo. São Paulo: Ibrasa, 1983.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 20º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

_____. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. 29ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

GUENA, Márcia. *Arquivo do Horror: Documentos secretos da ditadura do Paraguai (1960-1980)*. São Paulo: Memorial, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 1º Ed. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

HOBSBAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Trad. Maria Celia Paoli, Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HORST, René D. Harder. *El Régimen de Stroessner y la Resistencia Indígena*. Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica (CEADUC) Biblioteca de Estudios Paraguayos – Vol. 89, 2007.

JOUTARD, Philippe. *Desafios à História Oral do século XXI*. In: ALBERTI, Verena; FERNANDES, Tania Maria; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *História Oral: Desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

LAINO, Domingo. *Paraguai: Fronteiras e penetração brasileira*. São Paulo: Global Editora, 1979.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novos problemas*. Trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro, F. Alves, 1976.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 1992.

LEWIS, Paul H. *Paraguay bajo Stroessner*. (Tradução de Maria Teresa Gongora Borba). México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

LILLIS, Michael; FANNING, Ronan. *Rainha paraguaia*. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 5, n. 54, março de 2010.

MADUREIRA, Antonio de Sena. *Guerra do Paraguai*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

MENESES, Alfredo da Mota. *A herança de Stroessner: Brasil-Paraguai, 1955-1980*. Campinas, SP: Papyrus, 1987.

_____. *Guerra do Paraguai: Como construímos o conflito*. São Paulo: Contexto; Cuiabá, MT: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 1998.

MEYER, Eugênia. *Balanço e novos desafios*. In: ALBERTI, Verena; FERNANDES, Tania Maria; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *História Oral: Desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

MIRANDA, Anibal. *Lucha armada en Paraguay: 1ª Parte*. Asunción: Miranda & Asociados, 1989.

MIRANDA, Carlos R. *Paraguay y la era de Stroessner*. Asunción: RP, s.d.

_____. *The Stroessner Era: authoritarian rule in Paraguay*. Boulder, Colo: Westview Press, 1990.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral e Memória: A cultura popular revisitada*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.

MORA, Frank. *La política exterior del Paraguay (1811-1989)*. Asunción: Centro de Estudios Sociológicos, 1993.

MORAES, Ceres. *Paraguai: a consolidação da ditadura de Stroessner (1954-1963)*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2000.

PACHECO NETO, Manuel. *Heróis nos livros didáticos: bandeirantes paulistas*. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

PAZ, Alfredo Boccia. *La década inconclusa: história real de la OPM*. Asunción, PY: El lector, 1997.

PAZ, Alfredo Boccia; LÓPEZ, Miguel H.; PECCI, Antonio V.; GUANES, Gloria Giménez. *En los sótanos de los generales: Los documentos ocultos del Operativo Condor*. Asunción, PY: Expolibro e Servilibro, 2002.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Apresentação*. In: PINSKI, Carla Bassanezi (org): *Fontes Históricas*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

POMER, León. *La Guerra del Paraguay: gran negocio!* Buenos Aires: Ed. 1968.

ROCHA, Everaldo P. G. *O que é mito*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado*. Tradução Asta-Rose Alcaide, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad: Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SAVIANI, Demerval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 8º Ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SCHILLING, Voltaire. *Estados Unidos x América Latina: As etapas da dominação*. 4º Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

SCHMIDT, Róbi Jair. *Memória (s) e mito político: Reflexões teóricas*. In: *Espaços da memória: Fronteiras*. LOPES, Marcos A. (Org.). Cascavel: EDUNIOESTE, 2000.

SOLER, Lorena. *Claves históricas del régimen político en Paraguay. López y Stroessner*. In: *Diálogos/ Universidade Estadual de Maringá, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História*. Vol. 1 n. 1 (1997) – Maringá: UEM/DHI, 1997.

SOUZA, José Carlos de. *A identidade do migrante paraguaio e de seus descendentes radicados em Dourados (1989-1999)*. 2001. Dissertação (Mestrado em História) FCH/UFGD, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados.

SQUINELO, Ana Paula. *A Guerra do Paraguai, essa desconhecida: Ensino, memória e história de um conflito secular*. Campo Grande: UCDB, 2002.

TAUNAY, Alfredo d'Escragolle. *A Retirada da Laguna: Episódio da Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1997.

TELES, Edson. *Assim surge um revolucionário*. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 8 n. 90, março 2013.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado – História Oral*. 1º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VOLPATO, Luíza. *Entradas e bandeiras*. 3º Ed. São Paulo: Global, 1985.

Fontes orais

ENTREVISTA. Arnaldo Freitas Loza (Digital) Produção: Marco Antonio Almeida Oliveira, Dourados: 23-05-2012: 53 mim. (sonorização). Nasceu em Nhãnduquá, PY, é aposentado, atualmente reside em Dourados, MS, Brasil.

ENTREVISTA. Antonio Martines (Digital) Produção: Marco Antonio Almeida Oliveira, Rio Brilhante: 08-06-2012: 32 min. (sonorização). Nasceu em Vila San Pedro, PY, é aposentado, atualmente reside em Rio Brilhante, MS, Brasil.

ENTREVISTA. Cleonice Diogo de Souza (Digital) Produção: Marco Antonio Almeida Oliveira, Rio Brilhante: 04-06-2011: 23 min. (sonorização). Nasceu em Assis Chateaubriand, PR, é agricultora e do lar, atualmente reside em Rio Brilhante, MS, Brasil.

ENTREVISTA, Cristina Servin (Digital) Produção: Marco Antonio Almeida Oliveira, Rio Brilhante: 07-01-2012: 30 min. (sonorização). Nasceu em Bela Vista, PY, é do lar, atualmente reside em Rio Brilhante, MS, Brasil.

ENTREVISTA, De Los Santos Mereles Lopez (Digital) Produção: Marco Antonio Almeida Oliveira, Dourados: 08-08-2011: 52 min. (sonorização). Nasceu em Assunção, PY, é alfaiate, atualmente reside em Dourados, MS, Brasil.

ENTREVISTA. Estanslada Montiel (Digital) Produção: Marco Antonio Almeida Oliveira, Rio Brilhante: 16-06-2011: 40 min. (sonorização). Nasceu em Pedro Juan Caballero, PY, é agricultora e do lar, atualmente reside em Rio Brilhante, MS, Brasil.

ENTREVISTA, Francisco Fabiano Céspedes Ajarve (Digital) Produção: Marco Antonio Almeida Oliveira, Rio Brilhante: 17-06-2012: 45 min. (sonorização). Nasceu em Pedro Juan Caballero, PY, é trabalhador rural, atualmente reside em Rio Brilhante, MS, Brasil.

ENTREVISTA. Francisco Paná (Digital) Produção: Marco Antonio Almeida Oliveira, Rio Brilhante: 07-01-2012: 30 min. (sonorização). Nasceu em Porto Murtinho, MS, é aposentado, atualmente reside em Rio Brilhante, MS, Brasil.

ENTREVISTA. Francisco Samudio (impressa) Produção: Arca – Revista de divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande, MS, dezembro de 1993 (n. 4). Nasceu em Primeiro de Março, PY.

ENTREVISTA, Henrique Neri Kind (Digital) Produção: Marco Antonio Almeida Oliveira, Rio Brilhante: 18-01-2013: 56 min. (sonorização). Nasceu no distrito de Puente Kyjhá no Departamento Kanyndew, PY, é trabalhador rural, atualmente reside em Rio Brilhante, MS, Brasil.

ENTREVISTA, Leonida Otero da Silva (Digital) Produção: Marco Antonio Almeida Oliveira, Rio Brilhante: 07-04-2013: 44 min. (sonorização). Nasceu em Orquetá, PY, é comerciante, atualmente reside em Rio Brilhante, MS, Brasil.

ENTREVISTA, Raimundo da Cunha (Digital) Produção: Marco Antonio Almeida Oliveira, Rio Brilhante: 07-04-2011: 32 min. (sonorização). Nasceu em Campestes, PY, é trabalhador rural, atualmente reside em Rio Brilhante, MS, Brasil.

ENTREVISTA. Vanderlei Correa de Souza (Digital) Produção: Marco Antonio Almeida Oliveira, Rio Brilhante: 04-06-2011: 30 min. (sonorização). Nasceu em Toledo, PR, é agricultor, atualmente reside em Rio Brilhante, MS, Brasil.